



AÇÕES COLETIVAS EM REDES:  
UM ESTUDO DE CASO SOBRE O ANONYMOUS RIO

André Vinicius Leal Sobral

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Engenharia de Sistemas e Computação, COPPE, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Engenharia de Sistemas e Computação.

Orientador: Henrique Luiz Cukierman

Rio de Janeiro  
Dezembro de 2016

AÇÕES COLETIVAS EM REDES:  
UM ESTUDO DE CASO SOBRE O ANONYMOUS RIO

André Vinicius Leal Sobral

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO CORPO DOCENTE DO INSTITUTO ALBERTO LUIZ COIMBRA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA DE ENGENHARIA (COPPE) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO COMO PARTE DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM CIÊNCIAS EM ENGENHARIA DE SISTEMAS E COMPUTAÇÃO.

Examinada por:

---

Prof. Henrique Luiz Cukierman, D.Sc.

---

Prof. Toacy Cavalcante de Oliveira, D.Sc.

---

Prof. Ivan da Costa Marques, Ph.D.

RIO DE JANEIRO, RJ - BRASIL  
DEZEMBRO DE 2016

Sobral, André Vinicius Leal

Ações coletivas em redes: um estudo de caso sobre o Anonymous Rio/ André Vinicius Leal Sobral. – Rio de Janeiro: UFRJ/COPPE, 2016.

IX, 88 p.: il.; 29,7 cm.

Orientador: Henrique Luiz Cukierman

Dissertação (mestrado) – UFRJ/ COPPE/ Programa de Engenharia de Sistemas e Computação, 2016.

Referências Bibliográficas: p. 86-88.

1. Teoria Ator Rede. 2. Movimentos Sociais. 3. Tecnologias de Informação e Comunicação. I. Cukierman, Henrique Luiz. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPE, Programa de Engenharia de Sistemas e Computação. III. Título.

*A todos aqueles que agem diante da indignação independentemente das suas limitações e possibilidades. As nossas ações são parte de um mesmo enredamento que tece um horizonte mais justo, solidário e igualitário.*

## AGRADECIMENTOS

Existem momentos na vida em que grandes decisões se apresentam, momentos de incerteza em que os caminhos apontam para lugares inesperados onde o desconhecido e os desafios são assustadores, e estes momentos são mais fáceis quando temos apoio de nossa família e amigos. Há três anos atrás enfrentei a mudança de estado, de universidade e de área de estudo, contando com a ajuda dos meus pais, Martha Lúcia de Barros Leal e José Nivaldo Sobral, e do meu irmão, Victor Ariel Leal Sobral, uma família que sempre acreditou em mim. No entanto, essa transformação só foi possível graças a meu amigo Alexandre Raymond, um segundo irmão que tive a sorte de conhecer e que não poupou esforços para me ajudar de todas as maneiras possíveis e imagináveis desde que entrou em minha vida. Agradeço também a Wagner Reck, que foi grande amigo e companheiro de moradia nesses três anos. Agradeço a esta grande família por todo o acolhimento, pela companhia, carinho e compreensão.

Sou infinitamente grato a minha companheira, Adriana Sales Buzzacchi, por sua paciência, carinho e cuidado durante as intermináveis horas de elaboração e revisão deste trabalho. Sua presença em minha vida a imbuíu de outros significados igualmente inesperados e surpreendentes que tornaram a experiência de estar vivo mais feliz e plena.

Agradeço a Henrique Luiz Cukierman por acreditar em mim e me orientar por esse processo, inclusive nos momentos mais difíceis em que o tempo pareceu estar se escoando e o trabalho trazendo poucos resultados. Agradeço a toda equipe de pesquisa da linha de Informática e Sociedade, nossas reuniões, debates e apresentações foram fundamentais, e em especial a Eduardo Nazareth Paiva, Alberto de Lima, Paulo Henrique Feitosa, José Marcos Silveira Gonçalves e Pedro Braga que tiveram uma presença maior na elaboração deste trabalho. Agradeço também aos professores que me acompanharam nessa caminhada, Toacy Oliveira e Ivan da Costa Marques, que me agraciaram com seu tempo e sabedoria em nossos curtos encontros.

E por fim agradeço a Tiago Neves da Rocha, por sua coragem e determinação em sua militância e pela sua contribuição com sua versão dos acontecimentos sou grato a ele e a todos os demais participantes do coletivo Anonymous Rio que se dispuseram em me ajudar a apresentar ao leitor o mundo por detrás das máscaras de Guy Fawkes.

Resumo da Dissertação apresentada à COPPE/UFRJ como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Ciências (M.Sc.)

AÇÕES COLETIVAS EM REDES:  
UM ESTUDO DE CASO SOBRE O ANONYMOUS RIO

André Vinicius Leal Sobral

Dezembro/2016

Orientador: Henrique Luiz Cukierman

Programa: Engenharia de Sistemas e Computação

Esta dissertação é o resultado de uma investigação das ações realizadas no ciberespaço através das lentes fornecidas pela área dos Estudos das Ciências, das Tecnologias e das Sociedades (Estudos CTS). Através de um estudo de caso sobre o coletivo Anonymous Rio, onde não encontramos apenas anônimos ou cariocas, evidenciamos o papel das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) na organização dos atores envolvidos nas manifestações ocorridas no Brasil em junho de 2013. Este é um ensaio sobre as ações de (e em) coletivos onde os atores humanos e não humanos tem suas ações potencializadas, evidenciadas pelo acompanhamento das histórias de pessoas que, mesmo desprovidas de recursos, intensificam suas trocas através de redes de interações complexas. A combinação da ação de humanos e não humanos tornam os atores capazes de efeitos desproporcionais ao seu tamanho e precariedade, tais como a transformação de minorias em majorias, de sussurros em gritos confrontadores de narrativas, de textos das redes sociais em ameaças deflagradoras de perseguições policiais, de ideias em ações capazes até mesmo de modificar o debate político e a agenda nacional.

Abstract of Dissertation presented to COPPE/UFRJ as a partial fulfillment of the requirements for the degree of Master of Science (M.Sc.)

COLLECTIVE ACTIONS IN NETWORKS:  
A CASE STUDY OF ANONYMOUS RIO

André Vinicius Leal Sobral

December/2016

Advisor: Henrique Luiz Cukierman

Department: Systems Engineering and Computer Science Program

This dissertation is the result of an investigation of actions performed in cyberspace through the lenses provided by the fields of Study of Science, Technology and Societies (STS Studies). Through a case study about the Anonymous Rio group, where we did not find only anonymous or Rio inhabitants, we highlighted the role of Communication and Information technologies in the organization of the protagonists involved in the Brazilian protests that took place in June of 2013. This is an essay about the actions of (and in) groups where human and non-human parts have their actions amplified, showcased by what we follow in the stories of people that, even when devoid of resources, intensify their exchanges through complex networks of interactions. The combination of human and non-human actions creates actors capable of effects disproportionate to their size and precariousness, such as the transformation of minority groups in majority groups, from whispers to narrative-confronting screams, from posts in social networks to threats sparking police persecution, from ideas to actions capable of modifying the political debate and the national agendas.

## SUMÁRIO

1.Redes como enxames de associações	1
2. Nós Somos Anonymous. Somos uma legião. Nós não perdoamos. Nós não esquecemos. Esperem por nós.	5
3.Máquinas, pessoas e encontros.	18
4.Causas políticas, razões amorosas.	25
5. Anonymous Rio, Guy Fawkes carioca.	33
6. Perfil do público da página Anonymous Rio.	46
7. Vem pra rua! O Brasil em Junho de 2013.	54
8. A experiência da vigilância e da perseguição	63
9. Conclusão	79
10. Referência	85



## LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Postagem da página AnonymousBr4sil.....	9
Figura 2 - Notícias de São Paulo na página Anonymous Rio.....	10
Figura 3 - Símbolo adotado pelo Anonymous e cena de “V de Vingança”.....	11
Figura 4 - Protesto dos bombeiros, Sete de Setembro de 2011.....	17
Figura 5 - Fátima, a mais jovem anônima do coletivo Anonymous Rio.....	19
Figura 6 - Júlia, maternidade e ativismo.....	24
Figura 7 - Tiago Neves da Rocha.....	26
Figura 8 - Priscilla e a militância da esquerda.....	28
Figura 9 - César, o participante de maior idade.....	29
Figura 10 - Pedro, o participante de maior renda.....	31
Figura 11 - Anonymous Rio, Célula no momento da pesquisa.....	31
Figura 12 - Exemplo da organização em canais presente no Raidcall.....	34
Figura 13 - Amarildo Dias de Souza se torna símbolo nos protestos.....	37
Figura 14 - Twitter.....	41
Figura 15 - Exemplo de Página do Facebook.....	41
Figura 16 - Retratação de postagem.....	43
Figura 17 - Denúncia recebida pela página.....	44
Figura 18 - Exemplo de postagem com grande alcance.....	45
Figura 19 - Estatísticas de seguidores da página por idade.....	46
Figura 20 - Número de seguidores por local.....	47
Figura 21 - Visualizações da página por idade nos últimos 28 dias.....	48
Figura 22 - Visualizações da página nos últimos 28 dias.....	48
Figura 23 - Ampliação das curtidas da página em Junho de 2013.....	49
Figura 24 - Ampliação do alcance da página em Junho de 2013.....	49
Figura 25 - Mapa dos principais mobilizadores em 13 Junho de 2013.....	50
Figura 26 - Informações durante os acontecimentos.....	51
Figura 27 - Pelo Lulz, humor e crítica social.....	51
Figura 28 - Divulgação de eventos.....	52
Figura 29 - Inquérito da Operação Firewall, registros telefônicos.....	68
Figura 30 - Inquérito da Operação Firewall, registros "muito relevantes.....	69
Figura 31 - Inquérito Op. Firewall Citação genérica, Apenso 3 p.249.....	69
Figura 32 - Foto do mandado de prisão.....	72



# 1. Redes como enxames de associações

Em junho de 2013 o Brasil foi palco de mobilizações populares de larga escala, nas quais, além dos habituais movimentos sociais e forças partidárias, apareceram novos atores. As ruas foram tomadas pelas massas, com números mais expressivos do que em qualquer outro momento desde a redemocratização do país, provocando uma corrida entre os teóricos para explicar os protestos e seus protagonistas (CEI 2015, EGLER 2013, JUDENSNAIDER 2013, MALINI & ANTOUN 2013, SOUSA 2013 e TORINELLI 2015).

No dia 02 de junho de 2013, quinta-feira, a prefeitura de São Paulo anunciou que as passagens de ônibus aumentariam de três reais para três reais e vinte centavos. Insatisfeitos com o aumento, alguns cidadãos, muitos dos quais associados a movimentos populares, foram às ruas em protesto. Como de costume, as manifestações foram reprimidas pela polícia. Isso provocou uma escalada na tensão: o número de manifestantes aumentou, passando a incluir aqueles que nunca estiveram associados a nenhum movimento político organizado. (BORGES, 2015, p. 20)

Os enquadramentos mais recorrentes incluem necessariamente uma análise da conjuntura econômica, do perfil do manifestante, do papel das redes sociais e dos novos movimentos sociais e coletivos envolvidos nos protestos. Apesar das eventuais divergências entre as narrativas sobre as motivações, propósitos e conquistas das manifestações, existe uma constante referência ao enfrentamento do discurso midiático e à presença de máscaras entre os manifestantes:

No caso das manifestações de junho [...] a mídia de massa foi forçada a alinhar seu enquadramento e passou a mobilizar as manifestações, contudo sob a vazia pauta do combate à corrupção, tão disseminada nos últimos anos pelos grandes veículos de comunicação de massa [...] junho de 2013 traz à tona um confronto entre antigas e novas formas de ação coletiva [...] A rede Anonymous é exemplar para compreender esse conflito: apresenta novas linguagens, novos métodos e uma outra concepção do porquê e do como se fazer política. A máscara que a simboliza, adotada como símbolo das próprias manifestações de junho, traz em si a recusa de liderança e do culto à personalidade, assim como uma postura irreverente, tão característica de novas formas de ação política que se difundem mundialmente. (TORINELLI, 2015, p.99)

Observando a relevância do coletivo Anonymous, esta pesquisa dedicou-se a construir canais de comunicação com os articuladores da página do Facebook<sup>1</sup> mais

---

<sup>1</sup> Rede social de maior expressividade em número de usuários atualmente. Sua lógica interacional é focada no tempo, onde acontecimentos de dentro e fora da rede se interconectam com as rotinas dos usuários. Propriedade bem descrita por Malini e Antoun: “A timeline funciona como um mural de notícias, cuja atualização vai sendo feita, ao mesmo tempo, pelo dono ou por qualquer outro perfil que ele decida incorporar nela; seja como amigo, seguidor ou membro do seu “círculo”. Essa incorporação se faz de modo automático pela atribuição do status. Deste modo, toda vez que esse “amigo” publica alguma mensagem,

expressiva do Rio de Janeiro no período que fosse relacionada a este coletivo. Para construir uma narrativa satisfatória sobre o Anonymous Rio<sup>2</sup> precisamos primeiro escolher as lentes que traremos como bagagem para essa viagem, pois elas influenciarão profundamente nossa apreensão do mundo. Nosso olhar precisa estar pronto para atravessar as estradas informacionais que existem no interior dos cabos de fibra ótica, nas torres e nos sinais de satélite para conectar os humanos e não humanos que protagonizam essa história.

A intensificação das comunicações, deslocamentos e trocas no mundo contemporâneo são exemplos de temas exaustivamente explorados por autores que abordam o poder transformador das tecnologias (HARVEY 2006, SEVCENKO 2001, CASTELLS 2009). As abordagens variam amplamente de acordo com o quadro teórico de referência do pesquisador e seus meios de trabalho de campo. A Sociologia, área de formação inicial deste pesquisador, tem uma rica tradição de análise das transformações ocorridas nas sociedades a partir de inovações materiais e técnicas:

Qualquer sociologia que recorre a fontes marxistas ou weberianas situa a tecnologia e o seu domínio no cerne do social (Goldthorpe et al, 1968; Lockwood, 1989). Qualquer sociologia que se encontra na tradição meliorista está, no mínimo, atrelada a contender-se com as consequências da industrialização e suas formas materiais (Young e Willmott, 1986). Então há diversas abordagens sociológicas específicas que também, e centralmente, lida com tecnologias e seus conhecimentos. Essas incluem: tradições de trabalhos em sistemas sociotécnicos e organizações (Burns e Stalker, 1961); na incorporação de gênero das relações sociais no ambiente de trabalho materialmente organizado; (Cockburn, 1983) na economia de conhecimento e suas infraestruturas (Forester, 1980); e na importância da mídia de das tecnologias de comunicação (Silverstone, 1994). E estas são apenas algumas das versões de sociologia que colidem e lidam com tecnologias. Então, o interesse com tecnologia está entrelaçado na sociologia. (*Tradução nossa*, LAW, 2008, p.1)<sup>3</sup>

---

esta é automaticamente incorporada ao mural alheio por ordem de atualidade. Neste ambiente de colaboração há uma permanente oscilação de um perfil entre a posição de público e autor, gerando um equilíbrio meta- estável entre o próprio e o alheio. Nessa ecologia participativa, o público se transmuta em parceiro e amigo. (MALINI & ANTOUN, 2013, P.213) ”

<sup>2</sup> A página Anonymous Rio na rede Social Facebook. Fonte: <https://www.facebook.com/anonymousrio?fref=ts>. Acesso em 26/09/2015

<sup>3</sup> Any sociology that draws upon Marxist or Weberian roots locates technology and its ownership at the core of the social (Goldthorpe and others: 1968; Lockwood: 1989). Any sociology that lies within the ameliorist tradition is, at the very least, bound to wrestle with consequences of industrialisation and its material forms (Young and Willmott: 1986). And then there are many specific sociological approaches that also, and centrally, treat with technologies and their knowledges. These include: traditions of work on sociotechnical systems and organisations (Burns and Stalker: 1961); on the gendering of social relations in the materially-organised workplace (Cockburn: 1983); on the knowledge economy and its infrastructures (Forester: 1980); and on the importance of media and communication technologies (Silverstone: 1994).

Ainda que a preocupação da Sociologia com a tecnologia seja notável, existe em seu método de análise um claro viés antropocêntrico, garantindo aos humanos uma maior centralidade em seus estudos. A razão desse destaque do humano está na concepção da ação assumida pela sociologia, que a define a partir de um contexto social, onde existem intencionalidades e significados, que partem de uma necessidade de explicar a motivação do ator na sociedade (WEBER, 2009). Esse tipo de abordagem possui uma tendência de colocar participantes não humanos em segundo plano:

Se a ação se limita ao que os humanos fazem de maneira “intencional” ou “significativa”, não se concebe como um martelo, um cesto, uma fechadura, um gato, um tapete, uma caneca, um horário ou uma etiqueta possam agir. Talvez existam no domínio das relações “materiais” e “causais”, mas não na esfera “reflexiva” ou “simbólica” das relações sociais. Em contrapartida, se insistirmos na decisão de partir das controvérsias sobre atores e atos, *qualquer coisa* que modifique uma situação fazendo diferença é um ator. Portanto, nossas perguntas em relação a um agente são simplesmente estas: ele faz diferença no curso da ação de outro agente ou não? Haverá alguma prova mediante a qual possamos detectar essa diferença? (LATOURE, 2012, p.108)

No entanto, ao subordinarmos os não humanos à passividade, perdemos boa parte da riqueza das interações cotidianas. É importante ressaltar que Latour (2012, p.109) alerta sobre a falsa suposição de os objetos substituíriam os humanos em sua ação, em lugar disso existem variados graus de associação nos quais os objetos podem “[...] autorizar, permitir, conceder, estimular, ensinar, sugerir, influenciar, interromper, possibilitar, proibir etc.”, e por isso mesmo não propõe um estudo dos objetos, mas sim uma análise pautada na simetria generalizada entre os atores:

É bem certo que à primeira vista, a dificuldade de registrar o papel dos objetos deve-se à suposta *incomensurabilidade* de seus modos de ação em relação aos laços sociais tradicionalmente concebidos [...] mas quando se considera que qualquer curso *humano* de ação se funde em questão de segundos [...] Aqui, a divisão aparentemente razoável entre material e social transforma-se naquilo que ofusca a pesquisa sobre como é possível uma ação *coletiva* – se, é claro, não entendermos por coletivo uma ação encetada por forças sociais homogêneas, mas ao contrário, uma ação que arregimenta diversos tipos de forças unidas por serem diferentes. (LATOURE, 2012, p.111 -112)

Consideraremos, portanto, os vários produtos do desenvolvimento tecnológico – softwares, balas de borracha, aparelhos celulares, granadas de gás lacrimogêneo, cartazes, latas de spray de pimenta e televisões – igualmente atores de nossa narrativa, integrantes fundamentais de redes de ações coletivas que nos permitem compreender melhor os acontecimentos relatados. Tentaremos também fugir de um certo estilo sociológico de

---

And these are just a few of the versions of sociology that bump up against and treat with technologies. So a concern with technology is braided into sociology. (LAW,2008, p.1)

explicações totalizantes, que se proponham a enumerar os fatores e as forças sociais supostamente “por detrás” dos atores:

O mais importante é que "o social" é sempre material. Ambos não podem ser distinguidos, exceto como resultados ou efeitos, e não há sentido em tentar fazê-lo. Em segundo lugar, o "micro" e o "macro", e, de forma mais geral, quaisquer tentativas de medir e dimensionar, são efeitos similarmente relacionais. STS nos diz que o macrossocial é uma conquista precária, e que o desafio é atender como isto e seus efeitos de poder se realizam ao invés de assumir sua importância ou estabilidade. Em terceiro lugar, a distinção humana-não-humana é, similarmente, uma consequência ou efeito de relações ao invés de uma categoria explanatória primitiva (Latour, 1993). O quarto interessa ao papel de estudos de caso. De um lado, a sociologia possui uma tradição empírica vital. De outro, ela tende a distinguir entre pesquisa empírica e teoria social. Essa divisão faz pouco sentido em STS, que desenvolve seus argumentos teóricos através de estudos de caso. (*Tradução nossa*, LAW,2008, p.16).<sup>4</sup>

Procuramos, portanto, neste estudo de caso, acompanhar um pequeno grupo de atores de maior expressividade nos eventos de junho 2013, o Anonymous Rio, seguindo os rastros materiais deixados por suas ações coletivas. Analisamos também durante o desenvolvimento deste trabalho como são geradas traduções e controvérsias na disputa de narrativas entre o poder estatal e a mídia independente coletiva. Consideraremos, portanto, o conceito de tradução (Latour 1997, p.178), não somente como mera reescrita entre idiomas, mas constituintes do que consideramos real. A tradução é considerada como uma forma de mobilização e agregação de todos humanos e não humanos envolvidos em uma ação.

---

<sup>4</sup> Perhaps the most important, is that ‘the social’ is always material. The two cannot be distinguished, except as outcomes or effects, and it makes no sense to try to do so. A second is that the ‘micro’ and the ‘macro’, and more generally any attempts to measure and scale, are similarly relational effects. STS tells us that the macro-social is a precarious achievement, and the challenge is to attend to how it and its power effects get done rather than assuming their importance or stability. A third is that the human-non-human distinction is similarly a consequence or effect of relations rather than a primitive explanatory category (Latour: 1993). A fourth concerns the role of case-studies. On the one hand sociology has a vital empirical tradition. On the other hand it tends to distinguish between empirical research and social theory. This division makes little sense in STS which develops its theoretical arguments through case studies. (LAW,2008, p.16)

## 2. Nós Somos Anonymous. Somos uma legião. Nós não perdoamos. Nós não esquecemos. Esperem por nós.<sup>5</sup>

Em vez de somente um adjetivo qualificador daquele que é desconhecido, anônimo tornou-se também um substantivo após ter sido adotado por pequenos grupos de ciberativistas. Nomeado em clara analogia ao “anonimato”<sup>6</sup> presente no uso da internet, os Anonymous possuem visibilidade em nível mundial, estando envolvidos em diversas manifestações e apoiando diferentes estratégias de atuação política:

Trata-se de um movimento que traz novidades para a cena política, por desencadear novas formas de ação e participação sociopolítica, tendo as redes sociais como uma das principais formas de mobilização cidadã e a juventude como um dos principais atores e protagonistas dos protestos. Tais momentos vislumbram, portanto, uma descontinuidade nos formatos de participação política, além de questionar os processos de representação da democracia representativa e mediação sociopolítica; demonstram, também, a falta de representatividade das instituições políticas governamentais e da sociedade civil. (MOREIRA & SANTIAGO, 2013, p.14)

Segundo E. Gabriella Coleman (2011), a narrativa sobre a sua origem política pode ser identificada em algum ponto entre 2007 e 2008, quando no fórum 4chan.org<sup>7</sup> grupos de internautas encontravam-se utilizando o anonimato para “pregar peças” em pessoas e organizações.

A intencionalidade era a diversão, tudo pelo “lulz”<sup>8</sup>, termo utilizado pelos participantes para descrever a graça ou humor das ações. No entanto, o grupo passou a encontrar oponentes diferenciados, entre eles a Igreja da Cientologia, que procurava

---

<sup>5</sup> Lema dos Anonymous, busca reforçar a mensagem de poder presente nos números e na organização anônima, além de funcionar como um slogan com alcance midiático. (OLSON, 2014, p.8).

<sup>6</sup> Através da utilização de programas de mascaramento de endereço (ip/vpn) como o HideMyAss ou o Tor, é possível obter relativo anonimato no uso da rede, embora não haja como impossibilitar completamente um rastreamento da identidade do usuário através dos hábitos de utilização da rede, torrents, plug-ins e downloads. (OLSON, 2014, p.9 e p.430)

<sup>7</sup> O 4Chan.org é um fórum de imagens para o qual é possível enviar mensagens de maneira anônima e no qual não se guardam quaisquer registros [...] Assim sem qualquer barreira de entrada, uma infinidade de Anonymous inunda o 4Chan a cada minuto com postagens que, dali a algumas horas, serão totalmente removidas do servidor do site. (MACHADO, 2013, p.24 e p.79).

<sup>8</sup> Corruptela da abreviação LOL (Laugh out loud, ou rir em voz alta, em tradução literal). “No 4Chan foram coordenadas ações como trotes telefônicos, sucessivos pedidos de pizza para um endereço-alvo, revelação de informações pessoais destes alvos, ações DDoS, entre outros” (MACHADO, 2013, P.24)

remover conteúdo da internet, uma censura condenável segundo os princípios do 4chan.org inspirados pela cultura hacker. Mas, segundo Fábio Malini e Henrique Antoun, por conta do limite do armazenamento de dados neste portal, se caracteriza por uma qualidade especial no condicionamento da comunicação que ajudou a formar uma cultura própria, baseada na transitoriedade ao invés da permanência:

[...] o sítio do 4chan [...] apareceu como um lugar para troca de imagens entre usuários admiradores do mangá japonês, mas pouco a pouco foi ganhando novos usos. Como o 4chan é uma rede pobre para divulgação e compartilhamento de material de fãs, ela não tem como guardar o log das operações de rede por mais de algumas poucas horas. Quando a memória lota, a rede automaticamente recobre o material guardado. Isto deu aos diferentes grupos uma capacidade de manter-se na invisibilidade e no anonimato. Se o 4chan quando nasceu era apenas um fórum para troca de imagens, hoje tornou-se um canal para comunicação intensa e efêmera. Através dele, coletivos e movimentos testam rapidamente o potencial de alguma comunicação. Deste modo podem produzir efeitos virais, gerar manias, modas e sucessos instantâneos. (MALINI & ANTOUN, 2013, P.169)

Os Anonymous mobilizaram-se pela diversão e, ao confrontarem-se com a possibilidade de fazer do seu humor algo significativo, transformaram-se em manifestantes indignados em defesa da liberdade da rede. Gradualmente foram assumindo outras batalhas<sup>9</sup>: contra produtoras cinematográficas que desejavam aplicar a lei de direitos autorais para remoção de filmes e sites de compartilhamento; contra operadoras de cartão de crédito que impuseram sanções ao Wikileaks; e, finalmente, contra governos de diferentes países por suas tentativas de controle e regulação da internet e de suas populações.

A internet, assim como outras tecnologias, foi desenvolvida através de pesados investimentos governamentais e com a participação direta de interesses militares (CERUZZI, 2003, p.291)<sup>10</sup>. Coletivos de resistência surgidos na rede como o Anonymous, trazem a oportunidade de observar o interessante caráter quimérico que uma

---

<sup>9</sup> “Originalmente um nome utilizado para coordenar pegadinhas na Internet, uma parte do Anonymous tornou-se político, a partir de 2008 focando-se em protestos contra os abusos da Igreja da Cientologia. Por volta de setembro de 2010, outro braço político surgiu como Operação Revanche, que protestou contra a Associação de Filmes da América (MPAA), e poucos meses depois este braço passou a concentrar suas energias no Wikileaks [...] Foi esta manifestação do Anonymous que angariou cobertura midiática substancial devido as espetaculares ondas de ataques de negação de serviço (DDoS) que eles lançaram (contra o PayPal e a Mastercard em apoio ao Wikileaks). *Tradução nossa* (COLEMAN, 2011, p.1)”

<sup>10</sup> “As a descendent of ARPA [Defense Department’s Advanced Research Projects Agency] research, the global networks we now call the Internet came into existence before the local Ethernet was invented at Xerox. But Ethernet transformed the nature of office and personal computing before the Internet had a significant effect. How Ethernet did that will therefore be examined first.” (CERUZZI, 2003, p.291)



inovação pode assumir, onde através da sua utilização e apropriação, são realizadas traduções acerca das suas qualidades e do seu propósito:

À medida que as sociedades contemporâneas constroem e adotam novas tecnologias digitais de comunicação, despontam, por um lado, formas de comando e de controle cada vez mais precisas e sofisticadas e, por outro, formas inovadoras por meio das quais se resiste a esse controle. A crescente digitalização das informações pessoais, profissionais, culturais, financeiras etc. habilita um rápido e fácil manejo sobre esses dados, o que mantém os indivíduos potencialmente controlados a todo momento. Da mesma maneira, contudo, as ferramentas técnicas que possibilitam tamanho controle não raro são apropriadas com a finalidade de bloqueá-lo, transpô-lo e, frequentemente, hipertrofiá-lo. (MACHADO, 2013, p.30)

A complexidade construída pelas sociedades contemporâneas se baseou principalmente em estruturas de comando e autoridade, que fazem uso da capacidade ampliada de comunicação resultante das tecnologias como formas de coordenação e ordenamento de suas estruturas subordinadas. A descentralização e o grande número de conexões presentes na internet favorecem outros tipos de organização e interações entre seus usuários:

A sociedade moderna e industrial criou formas "complexas" de organizações que lidam com incertezas e cumprimento de tarefas através de sistemas interiorizados de controle e perícia. Mas a complexidade era uma complexidade institucional; significava mecanismos multinível sofisticados de coordenação, autoridade e compensação que garantiam funcionamento metódico e desempenho. Uma sociedade global inclina-se para uma forma diferente de complexidade; uma que emana de arranjos microestruturais e a ascensão de mecanismos de coordenação semelhantes aos encontrados em sistemas de interação. (*tradução nossa*, CETINA, 2015, p.214)<sup>11</sup>

Os arranjos em microestruturas não são reduzíveis a simples redes, pois exibem uma complexidade interacional e temporal que extrapolam os limites físicos das conexões. Essas microestruturas também não podem ser consideradas redes formadas puramente de interações relacionais humanas, pois se removidas as diversidades de práticas e elementos não humanos, elas não seriam capazes de formar sistemas complexos. (CETINA, 2005, p.216).

Os coletivos Anonymous são organizações nascidas e possibilitadas através das interações criadas pela rede mundial de computadores, e por isso, possuem um senso tão arraigado de defesa desta liberdade e neutralidade da rede. Ainda que o caráter combativo

---

<sup>11</sup> Modern, industrial society created 'complex' forms of organizations that managed uncertainty and task fulfillment through interiorized systems of control and expertise. But complexity was institutional complexity; it meant sophisticated multi-level mechanisms of coordination, authority and compensation that assured orderly functioning and performance. A global society leans towards a different form of complexity; one emanating from more microstructural arrangements and the rise of mechanisms of coordination akin to those found in interaction systems. (CETINA, 2015, p.214)

e de luta pela liberdade dos Anonymous esteja claro, como compreender aquilo que escolhe não possuir um nome, um local, uma identidade e um rosto? É preciso reconhecer que, ao nos debruçarmos sobre este tema, estamos em última instância abandonando o território firme do mundo factual onde existem definições que parecem claras, estáveis e agrupamentos bem delineados como movimentos políticos, ativismos, organizações e partidos. Convido o leitor a adotar uma perspectiva mais rizomática e interacional:

“[...] seria incorreto dizer que “Anonymous” diz respeito a um grupo ou a um conjunto unificado e formal de indivíduos. Trata-se, antes disso, de uma ideia e uma formação de ação compartilhadas por uma ampla, difusa e heterogênea rede de grupos de indivíduos atuando em todo o mundo. Por tratar-se de uma ideia, não conta com donos, liderança central e muito menos centro geográfico.” (MACHADO, 2013, p.23)

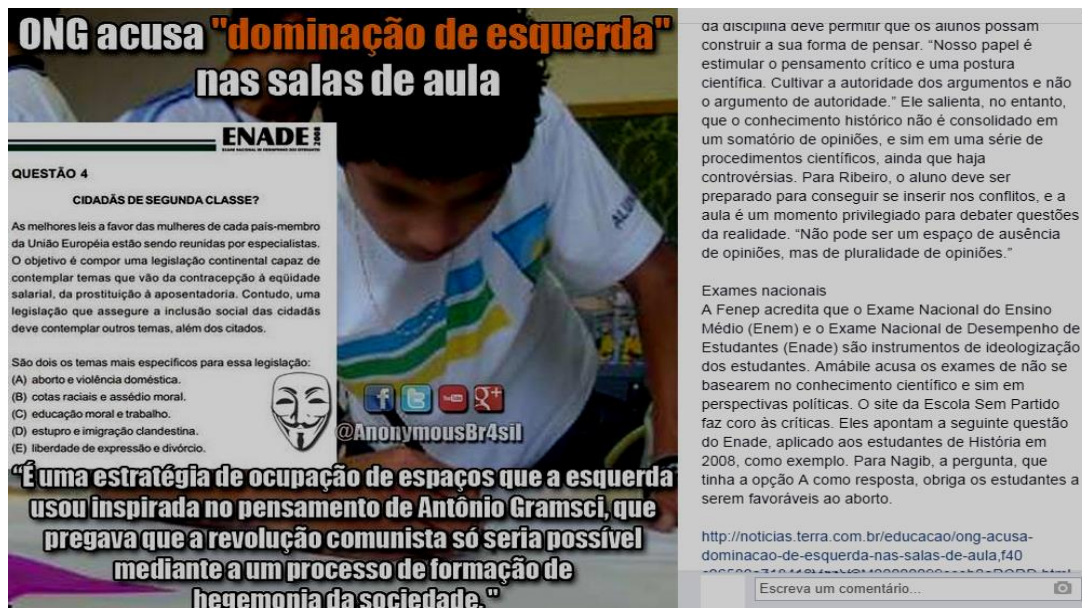
Para abordar o estudo deste tema, procuro fazer da materialidade dos rastros deixados pelos atores e acontecimentos o nosso fio de Ariadne para guiar-nos através do labirinto informacional constituído pelos eventos de junho de 2013 e seus desdobramentos. É neste campo de batalha repleto de controvérsias semióticas que defrontam-se os mecanismos do poder estabelecido e um exército de indignados. Anonymous nomeia uma multiplicidade. É difícil até mesmo supor que os próprios Anonymous possuam uma definição precisa do que são:

“A mídia, a polícia e até mesmo os próprios hackers tinham seus próprios conceitos do que realmente era o Anonymous: uma ideia, um movimento, uma organização criminal e outras coisas mais [...] Em múltiplas maneiras o Anonymous se revelava uma espécie de fraude – as pessoas se atraíam pela camaradagem, pelo aprendizado e pelas novas experiências, mas se afastavam desiludidas pela desorganização, pelos egos inflados e pela grave ameaça de ser preso. Mas o Anonymous também era algo mais: um portal ao ativismo político, um estranho, mas inebriante elixir contra a apatia da juventude na atual sociedade de tempo real.” (OLSON, 2014, p.486)

Observaremos todos os aspectos apontados por Olson aparecerem em nosso trabalho de campo mais adiante nesta pesquisa. Desta forma, existem inúmeros grupos com o título Anonymous, e muitos outros estão sendo criados neste momento, alguns deles com integrantes em comum, enquanto outros sequer possuem qualquer relação entre si. Dentre esses grupos, muitos não serão reconhecidos como tal, ao passo que outros se destacarão de tal forma que, em seu processo de estabelecimento, serão força modificadora do significado da palavra Anonymous.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> [...] com a onda de novos apoiadores, os ideais do coletivo ultrapassaram, e muito, os limites do 4Chan e ganharam vários outros espaços na internet. [...] a entrada massiva de apoiadores que, em princípio não tinham conhecimento das origens do coletivo levou a uma série de discussões internas em diversos canais de comunicação [...] por um lado, todos fazem parte da ideia Anonymous e, em tese, contam com uma voz



**Figura 1 - Postagem da página AnonymousBr4sil. A orientação política das páginas muitas vezes é conflitante.**

Algumas páginas possuem conflitos abertos entre si, deflagrando inclusive operações para denúncia ou ataque aos portais considerados não dignos do título Anonymous<sup>13</sup>, geralmente por fuga dos princípios anarquistas ou do anonimato. O caso mais icônico é o da página Anonymous Br4sil referenciada na Figura 1, que apesar de ser a maior em número de seguidores no país foi alvo de uma operação #opfakeanon<sup>14</sup>, que acusou seus administradores de serem vendidos, fascistas, reacionários, machistas e homofóbicos. Acusações inclusive já lançadas por outros atores anteriormente à deflagração da operação e que já foi relatado em outros trabalhos:

No caso da AnonymousBrasil, ela é confrontada, inclusive por outras células – entre elas, a Anonymous Curitiba, que contesta o enfoque que a AnonymousBrasil dá ao combate à corrupção e acusa-a de deturpar a ideia. A Anonymous Curitiba publicou uma nota no Facebook em que afirma que a corrupção é apenas o sintoma de um problema muito maior e que, mais do que buscar “seguidores” (referindo-se ao modo de se obter público no Facebook), deve-se buscar ter pessoas que lutem lado a lado. (TORINELLI, 2015, p.197)

ativa sobre ela. Por outro, no entanto, ninguém está habilitado a falar em nome dela, muito menos a representá-la de alguma forma. (MACHADO, 2013, P. 84 e P.108)

<sup>13</sup> Bruno Latour observa esse tipo de construção de antagonismo como fundamental para o estabelecimento da identidade de um grupo. A determinação do outro fala sobre o que interlocutor é por oposição “[...] os atores costumam criticar outras ações acusando-as de falsas, arcaicas, absurdas, irracionais, artificiais ou ilusórias. Assim como o desempenho de grupo mapeia bem do pesquisador os antigrupos que constituem seu mundo social, relatos de ação acrescentam constantemente novas entidades e eliminam outras como ilegítimas.” (LATOUR, 2012 p.89)

<sup>14</sup> A página foi atacada através de um vídeo explicativo <https://www.youtube.com/watch?v=4I71kj3zJRc>, de exposições <http://pastebin.com/EjCqQi8m>, e postagens em outras páginas <https://anonfuel.com/e-oficial-anonymousbr4sil-nao-representa-a-anonymous/>,

A despeito do nome de algumas células Anonymous contarem com referências regionais, como nomes de operações, estados ou países (Anonymous #OPs, Anonymous Bahia, Anonymous Switzerland, etc...), dificilmente poderíamos compreendê-las como limitadas por fronteiras geográficas, quer por suas discussões ou quer por seus participantes.



**Figura 2 - Notícias de São Paulo na página Anonymous Rio**

As células contam com participantes de diferentes regiões do país e suas temáticas de debate não se limitam ao seu tema ou local de origem, como podemos perceber através da Figura 2. É possível também observar tanto a circulação em todas as células de pautas importantes, como a atuação de diversas pessoas em mais de um dos coletivos. Estas microestruturas são conectadas pela rede, mas elaboradas por afinidades construídas nas interações:

[...] campos nos quais, participantes, embora geograficamente distantes, são orientados, acima de tudo, em direção ao outro, e, ao mesmo tempo, desacoplados das configurações locais, são espalhados e unidos por microestruturas globais - isto é, padrões de parentesco e coordenação que são globais em escopo, mas microssociais em caráter e que constroem e unem domínios globais. (*tradução nossa*, CETINA 2002, p.907)<sup>15</sup>

É importante ressaltar que devido à sua recusa em ser um grupo, dificilmente poderíamos definir claramente quem seria ou não Anonymous. Isto não depende de participação nas células existentes ou de validação formal de outros Anonymous. Fazem parte do Anonymous todos aqueles que assim o desejarem ou que colaborem de alguma forma para o seu ideal. No entanto, podemos afirmar que o Anonymous possui um rosto e uma identidade facilmente reconhecíveis, não no sentido literal, mas figurativo.

<sup>15</sup>[...] fields in which participants, although geographically distant, are oriented, above all, toward one another and, at the same time, disengaged from local settings are spanned and bound together by global microstructures – that is, patterns of relatedness and coordination that are global in scope but microsocial in character and that assemble and link global domains. (CETINA 2002, P.907)

A ideologia que une os Anonymous é visível em sua simbologia. O anonimato e a força da ação coletiva são reforçados por suas imagens: a pessoa sem rosto, trajando um terno escuro, em frente a um globo cercado por louros; e a máscara de Guy Fawkes<sup>16</sup>, que referencia não a figura histórica, mas o personagem da obra de 1988 de Alan Moore, “V de Vingança”<sup>17</sup>, popularizada nos cinemas em 2006 através do filme homônimo de James McTeigue, que transformou o enredo dos quadrinhos em uma luta democrática do povo contra o poder central de uma ditadura.



**Figura 3– Símbolo adotado pelo Anonymous e cena de “V de Vingança”.**

A popularidade do quadrinho e do filme não são tão relevantes quanto outros títulos baseados em protagonistas mascarados, mas sua forte mensagem de resistência e o uso que seu protagonista faz da máscara de Guy Fawkes como instrumento coletivo de anonimato são mobilizadoras do imaginário. O filme é repleto de citações provocantes de teor anarquista como “O povo não deveria temer seu governo, mas o governo é que deveria temer seu povo”. Os Anonymous certamente são inspirados por ideais semelhantes, encorajando diversas formas de ações coletivas e desobediência civil.

Em resumo, Anonymous utiliza a metáfora de uma ideia para empoderar seus membros. Anonymous emergiu como um coletivo frouxo que combatia governos e corporações corruptas. Muitas pessoas possivelmente concordariam que esses podem ser inimigos bastante poderosos. Muitas pessoas associadas com o grupo já estiveram, ou ainda estão, sob vigilância, ou pior - presos e processados. Como um grupo, lutando por uma causa nobre,

---

<sup>16</sup> Guy Fawkes foi um soldado inglês católico que pretendia matar o Rei protestante Jaime I e explodir o parlamento. Um boneco seu é queimado a cada ano no quinto dia de novembro em celebração ao fracasso da conspiração da pólvora de 1605. Ele foi capturado, torturado e condenado à morte.

<sup>17</sup> Alan Moore resgata a imagem de Guy Fawkes como um homem que lutou contra o estado e por suas convicções. “V de Vingança” retrata um futuro distópico onde a Inglaterra se encontra sob um regime totalitário. O protagonista identificado somente como “V”, utiliza uma máscara e encarna o pseudônimo de Guy Fawkes para tramar uma intrincada revolução anárquica.

porém difícil, Anonymous precisa enviar uma mensagem poderosa a seus membros. Uma das formas de fazê-lo é apresentar o grupo como uma ideia - ideias, afinal, não podem ser feridas ou mortas, apenas espalhadas. Ideias também são fluidas: membros do grupo possuem completa liberdade para agir como preferirem, e discussões abertas são sempre bem-vindas nos fóruns. (*Tradução nossa*, MIKHAYLOVA, 2014, p.48)<sup>18</sup>

Além de facilmente identificável pelos fãs da cultura pop, as referências apropriadas e traduzidas pelo coletivo Anonymous buscam reforçar a sensação de poder do próprio grupo enquanto vendem para seus adversários uma aparente invulnerabilidade. A dificuldade na definição do Anonymous é expressa por E. Gabriella Coleman (2011), que estuda o fenômeno da cultura hacker e o ciberativismo e acompanha o crescimento e diversificação do grupo:

[...]Comentadores esforçam-se para descrever suas éticas, sua sociologia e história usando categorias analíticas tradicionais. Essa dificuldade deriva do fato que Anonymous é, como seu nome sugere, envolta em algum nível de mistério deliberado. É seu propósito não possuir líderes, estruturas hierárquicas ou epicentros geográficos. Enquanto há formas de organização e lógicas culturais que, inegavelmente, modelam suas múltiplas expressões, é um nome que qualquer indivíduo ou grupo pode tomar para si. Nesta capacidade, Anonymous funciona como o que Marco Deseriis define como um nome impróprio: "A adoção do mesmo pseudônimo por coletivos organizados, grupos de afinidades e autores individuais." Por exemplo, os que coordenam os ataques DDoS não necessariamente precisam ser os que escrevem manifestos, ou lançam blogs e sites de notícias sob esse nome; os protestos em apoio à Wikileaks foram, em sua maior parte, desconectados do braço do Anonymous que protestava os abusos da Igreja da Cientologia, um fato negligenciado por muitos que escrevem sobre este tema. (*tradução nossa*, COLEMAN, 2011, p.1)<sup>19</sup>

Para melhor compreendermos como o Anonymous se baseia em interações, e não em relações formalizadas, estáveis e duradouras, recomendo que abandonemos as

---

<sup>18</sup> In short, Anonymous is using the metaphor of an idea to empower its members. Anonymous has emerged as a loose collective fighting against corrupt governments and corporations. Most people would likely agree that these can be quite powerful enemies. Many people associated with the group have been, and currently are, under surveillance, or even worse – arrested and prosecuted. As a group, fighting for a noble, yet difficult cause, Anonymous must send a powerful message to its members. One of the ways of doing so is to present the group as an idea – ideas, after all, cannot be hurt or killed, they can only be spread. Ideas are also fluid: members of the group are granted complete freedom to do as they please, and open discussions are always welcomed on the forums. (MIKHAYLOVA, 2014, p.48)

<sup>19</sup> [...] commentators struggled to describe its ethics, sociology, and history using traditional analytical categories. This difficulty follows from the fact that Anonymous is, like its name suggests, shrouded in some degree of deliberate mystery. It purports to have no leaders, no hierarchical structure, nor any geographical epicenter. While there are forms of organization and cultural logics that undeniably shape its multiple expressions, it is a name that any individual or group can take on as their own. In this capacity, Anonymous functions as what Marco Deseriis defines as an improper name: "The adoption of the same alias by organized collectives, affinity groups, and individual authors." For instance, those coordinating the DDoS attacks may not be the same people who write manifestos, or launch blogs or news sites under this name; the protests in support of Wikileaks were, for the most part, unconnected to the arm of Anonymous currently protesting the abuses of the Church of Scientology, a fact overlooked by many writing on this topic. (COLEMAN, 2011, p.1)

categorias convencionais de movimento social e organização política para adotarmos uma abordagem mais próxima da ação, onde podemos compreender não grupos, mas redes complexas de interações entre indivíduos, ideias, plataformas, aparelhos, lugares e contextos. Como proposto por Haraway (1991, p. 296), é um tipo de coletivo formado por afinidade de interesses, uma coalizção momentânea de resposta a uma opressão comum que atinge a todos seus participantes, ainda que de forma assimétrica. Para Bruno Latour (2012), seu sofrimento, reação e modos de ação são coletivos, mas não configuram uma identidade duradoura:

A ação não ocorre sob o pleno controle da consciência; a ação deve ser encarada, antes, como um nó, uma ligadura, um conglomerado de muitos e surpreendentes conjuntos de funções que só podem ser desemaranhados aos poucos. [...] A ação deve permanecer como surpresa, mediação, acontecimento. É por esse motivo que devemos começar também aqui, não da “determinação da ação pela sociedade”, das “habilidades de cálculo dos indivíduos” ou do “poder do inconsciente”, como em geral faríamos, mas da subdeterminação da ação, das incertezas e controvérsias em torno de quem e o quê está agindo quando “nós” entramos em ação – e não há, é claro, nenhuma maneira de decidir se essa fonte de incerteza reside no analista ou no ator. (LATOUR, 2012, p.72-74)

Portanto, por redes<sup>20</sup> não entendemos entidades imateriais que pairam sobre nós ou coletivos sobrenaturais que independem de pessoas ou coisas, mas como definidas por Bruno Latour (1997), ou seja, apresentando recursos concentrados em poucos locais, como sites, aplicativos de troca de mensagens e páginas de redes sociais, interligados a milhares de dispositivos de acesso e seus usuários em uma aglomeração interativa. As redes de comunicação construídas pela internet são, portanto, um meio capaz de possibilitar o desenvolvimento de interações sociais:

[...] uma rede<sup>21</sup> é um arranjo de vértices unidos por relacionamentos que servem como canais de comunicação, recursos e outras instâncias de coordenação que mantêm o arranjo coeso por passar entre os vértices. Cooperações, alianças estratégicas, intercâmbio, laços emocionais, laços de parentesco, "relações pessoais" e formas de agrupamentos e entrincheiramentos podem ser observadas a funcionar através de laços, e a instanciar socialidade em redes de relacionamentos. (*tradução nossa*, CETINA, 2003, p.8)<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> “A palavra rede indica que os recursos estão concentrados em poucos locais – nas laçadas e nos nós – interligados – fios e malhas. Estas conexões transformam os recursos esparsos em numa teia que parece se estender por toda parte.” (LATOUR, 1997, p.280).

<sup>21</sup> Karen Knorr Cetina utiliza-se de uma definição de rede mais tradicional que a adotada por Bruno Latour e Donna Haraway, porém decidimos nos focar nas semelhanças apresentadas neste caso.

<sup>22</sup> Social scientists tend to think in terms of mechanisms of coordination, which is what the network notion stands for; a network is an arrangement of nodes tied together by relationships which serve as conduits of communication, resources, and other coordinating instances that hold the arrangement together by passing between the nodes. Cooperations, strategic alliances, exchange, emotional bonds, kinship ties, “personal

Essas conexões possibilitam uma intensificação das trocas entre os atores, transformando pequenas ações de grupos esparsos em teias que alcançam virtualmente todos os cantos do mundo. Os atores humanos e não humanos acabam por reforçar e potencializar mutuamente suas ações, construindo grandes desproporcionalidades entre seus recursos e seus efeitos. Portanto, indivíduos relativamente frágeis e desorganizados se tornam capazes de realizar ações muitas vezes mais complexas e poderosas do que suas características poderiam sugerir (CETINA, 2005, p.214)<sup>23</sup>.

Considerando a flexibilidade possibilitada pelas redes, podemos considerar Anonymous todos aqueles que adotam um estilo de atuação política anônima através de ações coletivas em redes de compartilhamento de informações, ainda que produzindo resultados e conteúdos ideologicamente dissonantes. No entanto, a participação em um coletivo (independente do alinhamento de seu discurso) não significa uma supressão dos participantes e suas individualidades:

Contudo, não se trata de um anonimato que anula as singularidades pessoais, uma máscara que esmaga as individualidades – como ocorre em ações coletivas extremistas centralizadas por uma forte liderança à qual os adeptos devem obedecer sem questionamentos. Ao contrário, no caso da Anonymous, a liberdade e o conflito estão no centro da ação coletiva: liberdade no sentido de qualquer um poder se assumir como Anonymous – e, conseqüentemente, ninguém pode negar a identidade Anonymous a um grupo ou indivíduo; conflito porque questionamentos, discussões e dissidências são parte essencial da dinâmica da ação coletiva da rede. (TORINELLI, 2015, p.141)

Desta forma, Anonymous pode ser entendido como uma complexa rede aberta de ações coletivas, onde qualquer indivíduo que possua acesso à internet através de dispositivos como celulares, computadores ou tablets, pode potencialmente tornar-se parte da rede de colaboradores, produzindo mensagens, vídeos ou fotos que, uma vez compartilhados, se tornam material disponível para o fortalecimento direto ou indireto do coletivo. A rede é construída de tal forma que a mera interação dos usuários, quando eles curtem, comentam ou compartilham postagens, os transformam em agentes replicadores deste conteúdo entre seus amigos, aumentando desta forma o alcance e a visibilidade do coletivo:

A cada nó que se soma à rede em expansão contínua, incorporam-se novos usuários, os quais se convertem, potencialmente, em produtores e emissores de

---

relations”, and forms of grouping and entrenchment can all be seen to work through ties and to instantiate sociality in networks of relationships. (CETINA, 2013, P.8)

<sup>23</sup> [...] it exemplifies major disproportionalities between cause and effect, unpredictable outcomes and self-organizing, emergent structures. Complexity is geared to just such (seeming) contradictions as the disproportion between a fragile group of plotters and the devastating global effects of their actions. (CETINA, 2005, P.214)



informações novas e imprevisíveis, em condições de serem consumidas instantaneamente, sem barreiras geográficas, sem fusos horários e sem grades de programação. (MORAES, p.143, 2000)

Podemos também analisar o Anonymous como um rizoma devido à sua organização aparentemente caótica, onde as fronteiras de início e fim não são bem definidas, mas contingenciais. Deleuze e Guattari (1995) procuraram definir um rizoma como um coletivo múltiplo que não é composto nem de hierarquias, nem de unidades, um enredamento onde qualquer componente pode se conectar a qualquer outro, uma organização que resiste a cortes significantes. Comparativamente, podemos observar que o Anonymous se organiza em agrupamentos independentes, e que apesar de trocarem informações e atuarem cooperativamente, não reconhecem primazias ou hierarquias. Existe também dentro dos coletivos um esforço para reduzir ou anular a concepção de autoria individual de seus membros, onde conteúdos produzidos pelos membros são sempre identificados como produções do coletivo ou contribuições anônimas externas. É possível também verificar na internet o potencial de cada membro para conectar-se a outros e mobilizá-los, e o conceito prático de não dependência entre os agrupamentos, onde todos continuam a multiplicar-se independente de comandos ou estímulos externos.

Estes agrupamentos independentes, aparentemente desorganizados e erráticos do Anonymous no mundo parecem ser sua fraqueza e vulnerabilidade, mas atuam como sua força, uma vez que seu caráter voluntarista e o nível de desgaste enfrentado pelos participantes exige uma renovação constante dos coletivos. É justamente através da saída dos antigos integrantes e da entrada de novos participantes que o Anonymous se reinventa como coletivo:

[...] São elementos não-entrenchados, "nervosos" e em degeneração, que recriam-se diferentemente através do tempo, que carregam o sistema adiante. Uma outra maneira de colocar é que a desintegração contínua cria o espaço para elementos-sucessores e isso aumenta a complexidade e as chances de sobrevivência do sistema como um todo. (Luhmann, 1984: 76–81; Zeleny, 1981: 4–17). (CETINA, 2005, p.217)<sup>24</sup>

A expansão do ideal Anonymous no cenário mundial é marcada pela efervescência da primavera árabe no Egito em 2011 e do movimento Occupy WallSt nos Estados Unidos, contextos de forte crescimento do engajamento popular em protestos.

---

<sup>24</sup> [...] it is non-entrenched, 'nervous', degenerating elements that recreate themselves differently over time that carry the system forward. Another way to put it is that continual disintegration creates the space for successor-elements and this increases the complexity and the chances of survival of the overall system (Luhmann, 1984: 76–81; Zeleny, 1981: 4–17). (CETINA, 2005, p.217)

Neste momento, assim como em 2009 no Irã e 2010 na Tunísia, o Anonymous participou ativamente de esforços para contornar a censura do Estado. Após tantos cenários de engajamento em movimentos políticos, lançou-se uma campanha em prol de uma maior organização do ideal Anonymous no mundo conhecida como “O Plano”<sup>25</sup>. Nesta campanha o Anonymous se descreve como:

[...] ainda um indivíduo, eu também sou muitos. Eu sou você e você sou eu. Nós somos um dentro de nossa causa. Anonymous não é um grupo, nem uma associação. Anonymous é apenas uma ideia. A ideia de verdadeira liberdade, um mundo livre da corrupção, opressão e tirania [...] ao invés de atender às contas bancárias de uma pequena porcentagem da elite rica, políticos corruptos e oficiais do governo. [...] Nós não somos quem fomos retratados ser (pelos veículos midiáticos). [...] ser Anonymous não te faz um Hacker, nem mesmo significa que você é um criminoso. Ser Anonymous simplesmente significa que você compartilha os mesmos valores e princípios de defesa da liberdade e a busca por ela [...] somos seus vizinhos, seus amigos e família. (Transcrição de trecho 7:16’ até 8:20’ do vídeo “O que é Anonymous? O que é o Plano?”).

A proposta do coletivo fica evidente através desta mensagem, mostrando suas aspirações anarquistas e seu desejo de escapar aos controles individualizantes do mundo moderno. A necessidade de sedução dos participantes através do imaginário de um coletivo indiferenciado é explicitada em uma construção que impede a identificação individual dos participantes do grupo.

A campanha contava com vídeos de mensagem aos internautas e um fórum de discussão. Através dos registros do YouTube pode-se observar que na postagem atual (que pode não ser a primeira caso alguma tenha sido removida) a versão americana do vídeo atingiu 254.864 visualizações, e a brasileira 328.049<sup>26</sup>. A página Anonymous Rio, em sua página na rede social Facebook, atribui sua origem a esta campanha:

“O fórum "What Is The Plan" pode ter caído, mas a Ideia<sup>27</sup> se espalhou, e chegou aqui ao Brasil, mais especificamente ao Rio de Janeiro, perto de agosto de 2011. O primeiro encontro "Anonymous" foi em Copacabana, e nossa primeira atuação concreta, no dia 7 de Setembro de 2011 (realizada) junto com o protesto dos bombeiros, data também que essa página foi criada.”<sup>28</sup> (Retirado da página Anonymous Rio do Facebook)

---

<sup>25</sup> O Plano possuía um Fórum que foi criado no final do ano de 2010 para 2011, mas este foi desativado. Um vídeo explicativo e legendado pode ser encontrado no YouTube através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=jsx3skXvsZ0> Acesso em 20/09/2014.

<sup>26</sup> Link dos vídeos no You Tube, o Brasileiro e Americano respectivamente: <https://www.youtube.com/watch?v=jsx3skXvsZ0> e <https://www.youtube.com/watch?v=Drx8cwG-aKE>. Acesso em 24/09/2014.

<sup>27</sup> Ideia é frequentemente escrita em maiúsculo pelas páginas e coletivos como forma de referenciar o conjunto ideológico do Anonymous em contraposição a uma ideia específica.

<sup>28</sup> Nesta postagem, a página Anonymous Rio relata história semelhante a contada por Coleman (2011) sobre a fundação e organização do Anonymous no mundo. Cita também “O plano” como importante em sua

A atuação dos Anonymous no protesto dos bombeiros<sup>29</sup> no Rio de Janeiro, dia 7 de setembro de 2011 contou com as tradicionais máscaras do personagem “V”, no entanto a participação se resumiu ao encorpamento dos participantes do movimento, não tendo ocorrido, além da curiosidade dos participantes e passantes, nenhum tipo diferenciado de atuação como resultado de sua presença. Podemos observar na Figura 4 como a participação ainda que tímida, contou com um número expressivo de participantes mascarados.



**Figura 4 – Protesto dos bombeiros, Sete de Setembro de 2011**

As páginas brasileiras mais populares intituladas Anonymous apresentam datas de fundação entre 2011 e 2012, coincidindo temporalmente com a campanha “O Plano”. A escolha desta dissertação em abordar o funcionamento da Anonymous Rio, uma página organizada que conta com outros veículos de comunicação como Blog, Twitter e Telegram se deu à possibilidade que se abriu de contato do pesquisador com seus membros, fator que facilita a visibilidade e acompanhamento dos participantes.

---

fundação e história: <https://www.facebook.com/anonymouso/photos/pb.231139103603112.-2207520000.1411750087./753746921342325/?type=3&theater> Acesso em 24/09/2014.

<sup>29</sup> O protesto pedia melhores salários e anistia para grevistas presos. Reuniu cerca de 27 mil pessoas em Copacabana, na Zona Sul do Rio de Janeiro e ocorreu sem confrontos com as forças policiais. Fonte: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/06/protesto-dos-bombeiros-no-rio-atrai-cerca-de-27-mil-diz-pm.html> Acesso em 24/09/2014.

### 3. Máquinas, pessoas e encontros.

Esta pesquisa foi motivada por inquietações que venho alimentando durante minha vida como nativo de um mundo informatizado. Convivi com o surgimento de diversas plataformas de contato pela rede, das salas de bate-papo do portal Brasil Online aos programas de mensagens instantâneas como o ICQ e o MSN Messenger e finalmente as redes sociais como Orkut e Facebook. Estes espaços permitiram interações antes improváveis, configurando-se como ambientes de convivência acessíveis mesmo em momentos de distância física, intensificando assim alguns relacionamentos já existentes e abrindo portas para novas amizades, contrariamente ao lugar comum de dizer que o ambiente virtual é distante e impessoal.

Esta relação significativa com as tecnologias de comunicação despertou-me a curiosidade a respeito de como as máquinas podem interagir com humanos e propiciar uma expansão das nossas experiências de vida e capacidade de organização coletiva. O papel desempenhado pela rede nas relações de amizade foi meu primeiro objeto de estudo, abordado durante meu curso de graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal da Bahia, cuja investigação deixou clara a capacidade dos contatos coadjuvados por não humanos de superar as distâncias entre seus participantes. Minha curiosidade sobre a qualidade das relações frente às distâncias estava inspirada também em uma experiência própria, onde o meu melhor amigo havia partido para outro estado, sendo nossa comunicação quase que exclusivamente através da internet.

A internet se apresentava em minha vida não como um instrumento distante que simulava uma virtualidade encerrada em si mesma, mas sim como uma vivência qualificada e conectada em todos aspectos com minha vida fora da rede. O avanço da tecnologia de comunicação através das redes sem fio e das conexões de banda larga só reforçaram esse caráter de rápida transformação dos sentidos de estar conectado:

[...] O desenvolvimento da internet foi historicamente permeado de apropriações para que ela chegasse a ser tal como a conhecemos hoje, e ela continua sendo constantemente reinventada. Os inesperados usos – inclusive políticos – das redes sociais digitais na atualidade são exemplo concreto dessa dinâmica social de ressignificação tecnológica. (TORINELLI, 2015, p.131)

A percepção de que diferentes formas de interação e relacionamento se tornavam possíveis com a existência destas tecnologias levou-me a pensar as possibilidades de ações coletivas que estariam potencializadas neste novo cenário. O ano de 2013

demonstrou o poder mobilizador desta nova conjuntura, contando com um número expressivo de protestos organizados e noticiados através destas ferramentas, instigando assim minha curiosidade sobre o assunto e motivando-me a buscar uma forma de estudar as ações coletivas possibilitadas por estes sistemas de comunicação:

As manifestações de indignação que tomaram conta do país em junho são lidas como um grito, e conclamam para a ação coletiva e para a radicalização da democracia. Revelam o esgotamento de um projeto político de democracia representativa para reivindicar a democratização da democracia. Essa indignação pode ser lida como ação coletiva no espaço público, quando a política de baixo representa a resistência social contra a ação indigna da política de cima. (EGLER, 2013, p.5)

Por meio das análises que surgiram após as manifestações, percebi aos poucos que um enfoque interdisciplinar seria mais consistente que uma leitura focada apenas na visão da Sociologia. Foi justamente através deste meu melhor amigo que morava em outro estado que surgiu a oportunidade de perseguir este objetivo, primeiramente através de seus contatos com participantes da célula Anonymous Rio, e depois ao me informar sobre o curso de Informática e Sociedade da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



**Figura 5 - Fátima, a mais jovem anônima do coletivo Anonymous Rio<sup>30</sup>**

Munido do voto de confiança do meu amigo de longa data, precisei esperar por poucos dias após minha chegada à cidade para ser apresentado à primeira integrante da página do Facebook Anonymous Rio que conheci: a Fátima<sup>31</sup>, mineira, vegetariana, classe média<sup>32</sup> e moradora da Zona Norte. Uma das participantes mais “antigas” do coletivo, tendo ingressado em 2012 e participado de forma muito engajada nas ações da

---

<sup>30</sup> As imagens utilizadas são de pessoas reais que frequentaram os protestos como Anonymous, mas possuem papel meramente ilustrativo, todas coletadas de fotos de protestos cedidas pelos entrevistados.

<sup>31</sup> Todos os nomes utilizados nesta pesquisa são fictícios, a única exceção é Tiago Teixeira Neves da Rocha.

<sup>32</sup> Todos os participantes por mim classificados como classe média possuem ao menos uma casa própria e um veículo familiar.

célula, sendo portanto uma voz relevante no estabelecimento do meu contato com os outros membros, dando seu voto de confiança em minha pessoa e assim possibilitando a comunicação com parte da comunidade da página. No entanto, sua palavra não resultou em minha aproximação do grupo de forma irrestrita. Antes que isso fosse possível, precisei enfrentar outros filtros e mediações.

Inicialmente fui entrevistado brevemente sobre minhas preferências políticas, em conversa realizada através do Facebook, no qual o grupo procurou sondar como eu reagia aos ideais Anonymous, sendo neste momento o principal ponto de conflito a minha pouca vivência em protestos de rua, limitada às manifestações estudantis de pequena escala. A problemática não se resumia à inexperiência com os protestos, mas à minha opinião de reprovação do modelo mais usual de protesto, que supunha a ocupação de um espaço cercado onde o enfrentamento com as forças policiais seria inevitável. Ao meu ver, seria uma “batalha em campo inimigo”, pois é evidente a agressividade das forças policiais<sup>33</sup> e seu preparo voltado para este tipo de controle violento de massas através do uso abusivo de armas de baixa letalidade.

Para os Anonymous Rio, o endosso das manifestações e a presença nas ruas é um importante validador, um atestado prático e vivencial de confiabilidade, uma vez que concretiza o engajamento com a causa em uma experiência real da energia popular e prova a determinação e força de vontade pela luta social. Não necessariamente um batismo ou iniciação mandatária, mas um fator positivo no julgamento de “dignidade” do participante.

É importante ressaltar que a entrada de novos membros era controlada e criteriosa devido a episódios passados de quebra de confiança que relatarei mais adiante, sendo até mesmo o contato com seguidores da página e eventuais pesquisadores extremamente cauteloso. No entanto, não há qualquer razão para esperarmos que um coletivo Anonymous seja completamente acessível para novos participantes, uma vez que os coletivos criam suas próprias traduções da ideia e se auto organizam segundo essas interpretações. A abertura encontrada por mim foi criada por essas redes pessoais de amizade, fator que também permitiu conversas sobre todo tipo de assunto com Fátima, a

---

<sup>33</sup> O abuso de poder policial foi registrado por inúmeras fontes, entre elas ONGs e a Anistia internacional. Fonte: <http://www.etc.com.br/cidadania/2014/06/anistia-internacional-aponta-abusos-e-violencia-policial-durante-protestos-de> e <http://www.artigo19.org/protestos/jornalistas.php>. Acesso em 22/09/2015.

participante mais próxima das minhas investigações e cujos depoimentos foram mais francos e reveladores.

Em uma de nossas conversas informais, Fátima admitiu, de forma envergonhada, ter possuído um passado conservador ou como prefere chamar atualmente, “cozinha”, alcunha utilizada para se referir genericamente à burguesia, ao posicionamento político de direita e ao pensamento reacionário na política. Formada em escolas particulares de boa qualidade, ela não passou necessidade em sua infância, vivendo em um casulo protetor no seio familiar: era o tipo de adolescente que imaginava a solução para os problemas da violência passando pela explosão das favelas.

Após passar por um período mais difícil em sua vida quando seu pai foi demitido, Fátima passou a trabalhar com telemarketing no período noturno como forma de complementar a renda da casa enquanto cursava o ensino superior. Neste emprego ela foi promovida a supervisora, posto no qual acabou por encontrar um vasto esquema de desvio de dinheiro através de ligações falsas. Imaginando uma recompensa pela desarticulação do esquema, iniciou investigações nos registros da empresa e buscou através da internet mais informações, aprendendo assim sobre hacking e encontrando o Anonymous internacional, descobrindo também um fórum de discussões chamado “What is the plan”<sup>34</sup>. Ainda que os esforços contra o esquema tivessem encontrado ouvidos moucos e sua denúncia tenha sido completamente ignorada pela gerência, as descobertas de Fátima haviam levado a algo novo; a conhecer um espaço onde jovens inspirados por acontecimentos recentes no mundo discutiam sobre os problemas que enxergavam e pensavam formas de mobilização:

[...] vários brasileiros passaram a buscar informações sobre o engajamento em atos de apoio aos Anonymous em vários espaços da web. Um desses espaços privilegiados, que exerceu papel fundamental na criação da vertente brasileira do coletivo, foi o fórum What is the plan(WITP). O WITP ganhou força e inúmeros adeptos notadamente após a operação payback<sup>35</sup>, quando passou a funcionar como um meio de esclarecer dúvidas e centralizar o ingresso de novos participantes. Afinal, embora muitos apoiassem os protestos em massa deflagrados na operação, boa parte das pessoas – incluindo os brasileiros – ainda não traziam uma ideia clara de quem/do que eram os Anonymous, ou em que/como atuavam. (MACHADO, 2013, p.87)

---

<sup>34</sup> O fórum What is the plan estava hospedado no endereço <http://www.whatis-theplan.org>, foi então desativado por problemas de privacidade e hoje possui uma espécie de tentativa similar no endereço <http://whatistheplan.forumotion.com/> mas que não conta com atividade ou participação expressiva.

<sup>35</sup> Operação contra operadoras de cartão de crédito que cederam as pressões do governo americano e cancelaram seus serviços para o Wikileaks, site ativista de publicação de documentos secretos do governo. (MACHADO, 2013, p.85)

Precisamos destacar neste momento o WITP, um não-humano capaz de influenciar os rumos do movimento Anonymous internacionalmente, ainda que fundado pelos participantes dos EUA. Era um site segmentado, contendo um número variável de divisões internas por categorias como país, estado, cidade e tópicos de discussão. Essas divisões encorajam os usuários a concentrar suas interações por proximidade geográfica, linguística ou de interesse. Por ser um fórum, existem estruturas que limitam a interação, como a necessidade de um cadastro por email para participar e a necessidade de distinção hierárquica entre usuários comuns que apenas possuem autorização de participar das discussões e moderadores que podem organizar ou censurar o debate. Ainda que as limitações fossem facilmente contornadas por meio de contas falsas, estas características viriam a influenciar a forma como os coletivos Anonymous se formariam no Brasil, divididos por estados e cidades.

Através do acompanhamento das discussões no fórum, Fátima soube que havia sido marcado o primeiro encontro dos Anonymous do Rio de Janeiro, uma oportunidade para todos se conhecerem e debaterem pessoalmente em Copacabana. No entanto, devido ao anonimato e a instruções pouco claras sobre o local, ela acabou não encontrando os participantes desta reunião, desistindo da busca. Durante seu curso universitário, Fátima também entrou em contato com militantes do movimento feminista, despertando aos poucos neste processo para diversas outras pautas de luta e iniciando sua história de participação em manifestações:

A politização surge não por meio de livros, revistas ou jornais, mesmo ao tratarem sobre Filosofia Política. Apenas a práxis, como participação ativa e cidadã na vida social e política, faz alguém ou um grupo saber como funcionam os mecanismos de manutenção/construção ou de destituição/ desconstrução do poder estabelecido, além de saber conviver com as divergências de pontos-de-vista sobre assuntos e estratégias de ação. (BARREIRA, 2015, p. 53)

Cabe apontar que os coletivos Anonymous no Brasil ainda estavam em formação neste período, sendo a participação nas manifestações um ponto central de sua estruturação, que trouxe novos membros além de fortalecer os relacionamentos entre os participantes. Foi justamente através destes movimentos de rua que se tornou possível o contato de Fátima com o Anonymous Rio, coletivo que neste ponto já havia organizado muitos outros encontros e passaram também a participar regularmente de manifestações:

*“Eu conheci o pessoal da página nos protestos e reuniões de rua, depois que os adicionei no Facebook eles viram o tipo de coisa que eu postava e me convidaram dizendo que acharam interessante meu ponto de vista, isso lá para final de 2011 e início de 2012.” (Fátima, 2015)*



Em seus relatos, Fátima sempre valorizava entusiasticamente os protestos, momento no qual redes de solidariedade e colaboração são tecidas e as ideias transformadas em práticas. A força desses momentos ficava clara nas comparações feitas por Fátima da entrada dos Anonymous nos protestos com a chegada de uma cavalaria, o que motivava os demais participantes e renovava o comprometimento do próprio coletivo. Com o endurecimento da repressão policial aos protestos em 2013, Fátima se viu impossibilitada em lutar contra a repressão do Estado, papel complicado para seu tipo corporal, assumindo assim o papel de socorrista, pessoa responsável pelo atendimento médico emergencial dos manifestantes feridos:

*“Eu frequentava as manifestações fazia milênios, e nem de longe era tão repressivo. Já atuei como mídia e como manifestante comum. O ano de 2012 teve muitos protestos, das barcas, o dia do basta, a ocupação do Canecão, o grito dos excluídos e várias outras, mas chegando no fim do ano as manifestações começaram a crescer e a ficarem mais frequentes. Foi a época em que aumentou a repressão policial. Nessa época eu ainda ia toda de preto e não tinha equipamento decente para ser mídia. Aí percebi que vários começaram a se machucar bem feio, era spray de pimenta no olho, bala de borracha...então resolvi levar material de primeiros socorros na mochila. Só que eu tinha zero de noção de primeiros socorros. Um cara me ajudou na primeira vez, foi bala de borracha à queima roupa que deixou um rombo no rosto de um rapaz que dava para ver o crânio do coitado. Você fica cheio de adrenalina, você treme de cansaço, mas não dá tempo de sentir nada além de raiva e indignação. Bate um sangue de barata, é atender e sair correndo por que já tem outro machucado ou por que a polícia está atirando e jogando bomba em sua direção. A ideia de usar jaleco ou blusa branca e a cruz vermelha só veio em junho, quando outros voluntários socorristas apareceram e nos unimos. Tudo que acontece é muito espontâneo, sempre tem gente tentando ajudar, seja chamando a ambulância ou afastando a polícia, seja filmando o atendimento ou a brutalidade policial. Tem uma solidariedade do momento que faz com que pessoas aleatórias se juntem: às vezes é uma loja que abre para abrigar um ferido, e todo mundo é atencioso, sempre agradecem. Teve uma vez que socorremos policiais feridos também, até eles nos agradeceram, mas no dia seguinte estão lá batendo de novo. São obrigados a ir pra rua pelas ordens de cima, mesmo quando feridos ou discordando da ordem.” (Fátima, 2015)*

A assimetria de forças entre as tropas policiais e manifestantes já é um fator relevante de intimidação à expressão popular e, quando somada à brutalidade, à baixa responsabilização dos soldados<sup>36</sup> e o abuso de métodos de baixa letalidade, cria um quadro desesperador para o cidadão:

A brutalidade policial em protestos e manifestações, que ocorre havendo ou não atos de vandalismo, os armamentos e vestimentas que exibem, na maior parte das vezes carente de identificação do oficial, parecem ter o efeito de inibir condutas a partir do temor às ações violentas das forças policiais. [...] Policiais

---

<sup>36</sup> Nenhum PM foi punido desde junho por incidentes em protestos em SP. BBC Brasil, 19 de Fevereiro de 2014. Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/02/140216\\_investigacao\\_pm\\_protestos\\_mm\\_lgb](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/02/140216_investigacao_pm_protestos_mm_lgb). Acesso em 20/01/2016.

das forças especiais não podem matar manifestantes no Brasil atual, mas pouco ou nada lhes ocorrerá se provocarem graves ferimentos a manifestantes. (RESENDE., p.124, 2015)

A intensificação dos protestos ao longo do ano levou a uma carga crescente de estresse entre os participantes da página, processo que culminou no início das perseguições policiais acompanhadas de todo seu aparato de terror (grampos, vigilância, interrogatórios, inquéritos e prisões)<sup>37</sup>. O decorrer do ano resultou em uma flutuação no número de integrantes do coletivo, ocorrendo afastamento voluntário de participantes esgotados psicologicamente ou fisicamente impossibilitados de contribuir.

Fátima não foi diferente do restante dos participantes, tendo suportado as pressões inicialmente, porém retirando-se das atividades relacionadas à página. Muito antes de sua saída, Fátima havia me apresentado pessoalmente à Julia e sua filha pequena Catarina. Na ocasião pudemos aproveitar para conversar nos breves momentos de lazer que passamos juntos, quando frequentávamos bares e restaurantes da região da Tijuca acompanhados de amigos em comum.



**Figura 6 - Júlia, maternidade e ativismo**

Outra importante participante da célula a quem tive acesso, Júlia, é carioca, classe média e moradora da Zona Sul, tendo estudado em escolas particulares e concluído o curso de graduação em história. Ela veio a protagonizar boa parte dos acontecimentos polêmicos que cercaram a página Anonymous Rio (descrito mais adiante), mas apesar de seu início turbulento no coletivo, tornou-se uma integrante fundamental que se dedicou de forma inigualável à manutenção da periodicidade das postagens e fortaleceu muitos contatos da célula.

---

<sup>37</sup> Entre os casos mais relevantes está a prisão dos 23 manifestantes e a resultante Operação Firewall (que será abordada neste trabalho). A ONG “Artigo 19” elaborou o relatório “As Ruas sob Ataque”, contando com dados de 740 protestos entre os anos de 2013 e 2014, onde cerca de 849 manifestantes foram detidos. Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-09/relatorio-mostra-que-849-manifestantes-foram-detidos-de-2014-2015> e <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/07/justica-aceita-denuncia-e-pede-prisao-de-21-ativistas-devido-atos-violentos.html> Acesso 14/09/2015.

## 4. Causas políticas, razões amorosas.

Júlia descobriu os Anonymous de uma forma diferente da maioria. Seu contato começou através do Twitter, quando seguia a conta Anonymous Globo (@AnonymousGlobo) que um dia foi do hacker Hector Xavier Monsegur, conhecido como “Sabu”<sup>38</sup>. Os contatos dela iniciaram-se normalmente, como uma das muitas pessoas que enviavam denúncias ou perguntas para os administradores através de mensagens diretas, ou como colocado por ela, “na cara de pau mesmo”, mas logo se desenvolveu em conversas longas que foram se tornando íntimas até se transformarem em um relacionamento à distância. A aproximação dos participantes do coletivo Anonymous, seja de curiosos ou de novos integrantes, funciona frequentemente de forma similar as interações cotidianas fora da rede, não existindo diferenciação significativa das outras interações devido à distância dos participantes:

Logo, enquanto microestruturas são, em algum nível, sistemas organizados ou controlados, os elementos de coordenação envolvidos não são do tipo que associamos com autoridade formal, hierarquias complexas, procedimentos racionalizados ou estruturas institucionais profundas. Na verdade, os mecanismos envolvidos podem ser similares aos que encontramos em situações face-a-face, mas ao mesmo tempo sustentam arranjos à distância e sistemas distribuídos. (*tradução nossa*, CETINA, 2005, p.215)<sup>39</sup>

O novo namorado de Júlia, que chamarei aqui de Lucas, era um hacker veterano, tendo participado da Operação Israel<sup>40</sup> e ajudado a manter a conta relacionada no Twitter que alcançou cerca de cinquenta mil seguidores. Em seguida foi convidado a participar da YAN (@YourAnonNews), que conta com certa de 1,44 milhões de seguidores, e hoje faz parte também da Global Revolution (@AnonOpSaudiX2) e da Revolution News (@NewsRevo). Em seu caminho ao lado de Lucas, Júlia passou a conhecer também todos

---

<sup>38</sup> Ativista hacker que ganhou destaque em suas participações em inúmeros ataques, e acabou sendo identificado. Trabalhou como agente duplo para o FBI, ficando marcado negativamente pela comunidade. Fonte: <http://www.theguardian.com/technology/2014/may/27/hacker-sabu-walks-free-sentenced-time-served>. Acesso em 10/06/2015.

<sup>39</sup> Thus while microstructures are on some level organized or coordinated systems, the coordinating elements involved are not of the kind we associate with formal authority, complex hierarchies, rationalized procedure or deep institutional structures. In fact, the mechanisms involved may be akin to the ones we find in face-to-face situations, but at the same time they hold together arrangements at a distance and distributed systems. (CETINA, 2005, p.215)

<sup>40</sup> Operação realizada contra o governo de Israel e em apoio à causa palestina, que supostamente retirou do ar centenas de sites, desviou dinheiro de contas bancárias do país e vazou dados pessoais de autoridades. A imprensa de Israel também relata o ocorrido como um fracasso, caracterizando os danos como mínimos. Fonte: <http://rt.com/news/opisrael-anonymous-final-warning-448/> Acesso em 10/06/2015.

os envolvidos nas respectivas células, construindo contatos que permitem que mensagens e notícias produzidas pela Anonymous Rio sejam traduzidas em diversos idiomas e propagadas para diferentes partes do mundo:

Atualmente as redes digitais contribuem tanto no que diz respeito às estruturas de mobilização formal, sendo elemento crucial na dinâmica organizativa das lutas sociais, quanto no aspecto informal, por facilitar o diálogo e a construção coletiva para além de limites presenciais e territoriais, assim como a divulgação viral de opiniões, convocações e acontecimentos. (TORINELLI, 2015, p.43)

A aproximação de Júlia com a página Anonymous Rio também se deu através de uma situação de envolvimento romântico com um antigo participante da célula que chamaremos aqui de Fábio. Apresentados por amigos em comum durante um projeto chamado “operação Mais Pão Menos Opressão”<sup>41</sup>, na qual os participantes oferecem refeições para moradores de rua e procuram conscientizar o público, interessado em conhecer melhor a “causa”.



**Figura 7 - Tiago Neves da Rocha**

Este foi o prelúdio para uma das maiores crises enfrentadas pela página, pois Fábio possuía uma namorada, que chamarei aqui de Ludmila, que o havia conhecido através de outra operação conhecida como “Dia do Basta”<sup>42</sup>, que veio a ser taxada como

---

<sup>41</sup> A operação “mais pão menos opressão” parece ser inspirada pela “opfeedthehomeless”, visto que ambas buscam uma ação mitigadora do sofrimento da população de rua, simultaneamente oferecendo maior conhecimento e visibilidade para a causa Anonymous. <http://www.anonymousbrasil.com/nos-somos-legiao/operacao-mais-pao-menos-opressao-saiba-como-trazer-para-a-sua-cidade/> e <https://anoninsiders.net/opfeedthehomeless-698/> Acesso em 12/06/2015.

<sup>42</sup> O “Dia do Basta” se inspirou nas operações “#wakeup” (campanha de conscientização sobre a dominação capitalista nos governos, utilizou-se de meios como vídeos, protestos e textos) do Anonymous internacional, mas não teve a mesma força no Brasil, pois assumiu um caráter mais esvaziado em sua crítica voltada apenas ao governo de situação. Logo essa operação acabou sendo substituída por outras e deixou de existir.

“protesto coxinha” pelos participantes da página. Fátima acredita que Ludmila buscou os membros da página intencionalmente, tentando se relacionar primeiramente com Tiago e após recusas, iniciado a sedução de Fábio. Tanto Tiago quanto Fátima afirmaram categoricamente que qualquer pessoa que conversasse poucos minutos com Ludmila perceberia que ela era uma pessoa desequilibrada, beirando a loucura.

A questão central desta trama amorosa é compreender que, após estabelecer um relacionamento com Fábio, Ludmila foi colocada dentro da página com poderes administrativos e de publicação ainda que enfrentando reclamações de outros membros:

*A Ludmila sempre foi meio doída, ela puxava ato com o nome dela e tudo. Depois de começar a namorar o Fábio, a gente simplesmente encontrou ela lá entre os administradores. Aí fomos questionar isso e ele disse que colocou ela por que ela podia ajudar na articulação com o Dia do Basta. A gente pressionou o Fábio mas ele bateu o pé e dizia que saía também se tirasse ela, mas ela tinha que sair porque nunca deveria ter estado, não colaborava, puxava evento no nome dela, se ela caísse a gente ia implicado junto. Ficavam querendo aparecer em todos os lugares, ser estrelinha dos protestos, por que ela era maluca, enchia o saco. (Tiago, 2015)*

Eventualmente a situação se tornou insustentável ao Ludmila descobrir a traição de Fábio com Júlia e o silêncio conivente do restante do grupo, acusando todos de cumplicidade na tentativa de “roubar seu namorado”. Decidiu então descontar toda sua frustração através de seus privilégios administrativos, expulsando todos os participantes da página salvo Fábio, e iniciando uma campanha de difamação através de postagens em blogs pessoais e na própria página do Facebook:

*A Ludmila só usava o Fábio, eu tentei avisar mas ele não me ouvia. Ela pagava de religiosa mas vivia traindo, eles nem transavam, era só a promessa. Durante a mais pão menos opressão, o Fábio teve um rolo com a Júlia e a Ludmila ficou sabendo, ela começou a atirar para tudo que é lado, aí ela arquitetou essa parada de expulsar todo mundo e culpar um hacker, fazendo um álibi expondo ela mesma e o Fábio na própria página com algumas informações trocadas. Como assim o Hacker roubar a página e só expor eles dois? A gente fez a página dois e conseguiu uns dez por cento dos seguidores da outra página, mais de 10 mil seguidores de cara, o pessoal que seguia a gente pra valer. Aí eles disseram que o Fábio havia recebido a página de volta do Hacker, mas ele deixou a páginas as moscas por dois dias sem postar nada, e não queria botar ninguém de volta, eu então reconquistei a confiança dele e ele acabou me colocando lá como criadora de conteúdo. Foi o suficiente pra eu ver quem eram os administradores e saber que tinha uma conta fake<sup>43</sup> antiga que sabíamos a senha, então entramos nela e pegamos de volta a página. O Fábio ficou achando que era eu que tinha feito, mas não tinha prova e eu continuei atuando de coitada como se eles tivessem me expulsado. A gente fez uma postagem de reconquista sem citar nomes, explicando tudo. Aí que Ludmila fez um chilique enorme e fez a postagem no blog jogando tudo no*

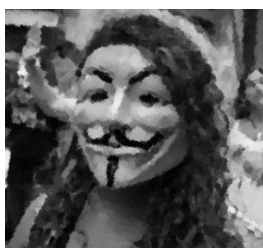
---

<sup>43</sup> Conta não pessoal, geralmente um personagem fictício que permite ao criador algum grau de anonimato em relação ao público.

*ventilador. Por um tempo isso acabou com a confiança dos seguidores. (Fátima, 2015)*

É interessante observar o choque entre os valores de horizontalidade do coletivo e as limitações do Facebook como plataforma que possui em sua estrutura princípios hierárquicos como a prerrogativa de um administrador ser capaz de expulsar outros. Este episódio novelesco no qual intrigas de afeto e ciúmes colocaram em xeque a integridade da página é simultaneamente o motivo de maior fechamento dos Anonymous Rio a novos membros e origem da grande confiabilidade da palavra de Fátima, como a responsável pela recuperação da página. Este reconhecimento se tornaria o motivo da aceitação da minha presença como pesquisador do grupo. Após o fim do conflito, tanto Fábio como Ludmila haviam sido expulsos da página, mas no entanto este episódio ainda voltaria a assombrar seus participantes.

Júlia voltou a aproximar-se do grupo, buscando resgatar suas amizades com os demais membros. Ela não foi responsabilizada pelos acontecidos de forma alguma, sendo vista como uma terceira parte neutra, vindo mais adiante a provar-se um grande apoio na produção de conteúdo na sua divulgação através dos seus contatos.



**Figura 8 – Priscilla e a militância da esquerda**

Tiago, o membro mais antigo da célula, é carioca, classe média e morador do bairro da Zona Oeste. Formado em escolas particulares, concluiu o ensino superior em comunicação social. Devido à sua história de militância, tempo de participação do coletivo e perseguição pelas forças policiais, ele acabou conhecendo (e sendo conhecido pelos) movimentos sociais do cenário do Rio de Janeiro. Ele era uma das pontes que estabelecia o diálogo com outros grupos como o “coletivo Projetação”, “O Badernista” e o “Jornal A Nova Democracia”, “Carranca”, “Mariachi”, “Pró Corrupção”, “Uma Outra Opinião”, “Occupy Brasil” e “15 O”, ajudando a visibilizar também as demandas populares.

*Eu conheci o fundador da página bem antes dos protestos, era um amigo meu. Em 2010 ou 2011 que começou essa onda de Anonymous no mundo todo e chegou aqui também. Tinha o fórum global, o What's the plan, e tinha uma parte do Brasil. Ele virou um fórum mundial mesmo, muita coisa saía de lá. Encontrei ele através dos vídeos, eles sempre divulgavam o fórum junto com*

*a ideia. No princípio as pessoas se encontravam fisicamente, conheci esse meu amigo nestes encontros. (Tiago, 2015)*

Priscilla é carioca, classe média, vegetariana, moradora da Zona Oeste, formou-se em escola pública, cursou o ensino médio em curso técnico, graduou-se em história e tornou-se professora. Participou da militância da CUT (Central Única dos Trabalhadores) e também fez parte do movimento feminista. Seu contato com a página se deu através dos canais tradicionais no Facebook, mas logo ocorreram oportunidades de encontros em manifestações, onde uma relação amorosa com Tiago se desenvolveu:

*Priscilla entrou em contato com a página para ajudar um pessoal da universidade em um projeto de alfabetização de adultos, crianças e adolescentes. Ela tinha um papo bom, as ideias que fomos trocando eram boas. Normalmente as pessoas nesses contextos são de dentro ou próximas do meio acadêmico, da zona sul, e ela não, era zona oeste e periférica, algo que achei muito legal. Chamei ela para a página antes de rolar o namoro, achei que ela podia agregar bastante, ela estava mais próxima de movimentos de ocupação, de movimentos de sem teto. Nessa época eu só conhecia esses movimentos indiretamente, conhecendo pessoas que tinham contato. (Tiago, 2015)*

Formaram um casal romântico por alguns anos, mas após o término da relação ela deixou a célula. O fim do relacionamento mais uma vez assumiu um caráter novelesco, ocorrendo de forma abrupta, quando Tiago revelou em uma conversa descontraída que ainda nutria afeto por uma amiga de infância. Considerando isto uma traição, ela jurou vingança, ameaçando depor contra Tiago e expor seus conhecimentos sobre suas atividades. Após a recuperação do choque, ela buscou retornar à página, mas enfrentou a resistência dos demais membros devido ao seu comportamento destrutivo no fim do relacionamento, quando postou em suas redes sociais informações a respeito do ativismo de Tiago e seu suposto mau caráter, disseminando boatos sobre episódios de agressão física e procurando minar os seus relacionamentos em meio à militância política.



**Figura 9 - César, o participante de maior idade**

Os outros participantes, César e Pedro, foram apresentados em reuniões, que ocorreram em praças de alimentação de shoppings, bares do Centro do Rio de Janeiro e parques. César é o participante de mais idade da célula, e também o que menos possui disponibilidade para colaborar. Carioca, morador da zona norte, casado e com uma filha, formado em escolas públicas, trabalha como segurança, possuindo uma renda reduzida. Conheceu o Anonymous Rio em protestos no ano de 2012, e desenvolveu uma forte amizade com os outros participantes da página, sendo considerado uma figura amorosa e cuidadora. Seu tempo é mais escasso devido a sua vida pessoal e profissional, mas quando pode colabora em postagens e participa das decisões.

*A gente conheceu o César quando ainda tinha reuniões. Ele era seguidor assíduo da página, sempre comentava. Eu não conhecia ele pessoalmente, aí mesmo depois de ele entrar eu ainda não conhecia, só fui conhecer ele mesmo nos protestos. (Tiago, 2015)*

Pedro nasceu em São Paulo, viveu na Bahia e hoje está no Rio de Janeiro. Morador do centro, ele é parte da classe média alta, tendo frequentado colégios particulares e hoje é estudante de direito. Tendo uma experiência diversificada com os Anonymous, ele foi convidado em 2012 para fazer parte da Anonymous Br4sil, mas acabou sendo expulso da página após conflitos ideológicos sobre seus textos. Procurando maior liberdade para exercer sua escrita e expressar suas ideias, ele fundou sua própria página, a Anonymous F.U.E.L. (Frente Unificadora de Emancipação e Libertação). Em 2013, após ganhar certa visibilidade com sua página, foi convidado a participar também da Anonymous Rio, com textos produzidos em sua própria página também compartilhados.

*“Acordei para as causas sociais em 2011. Junto com um amigo criei uma página chamada “NãoVoteNeles”, onde falávamos dos podres de todos políticos, não éramos partidários. Mas a página não tinha alcance, logo fiz um perfil falso para adicionar os perfis dos políticos para poder marcá-los nas fotos, assim todos os amigos que estariam na rede deles veriam a marcação. Foi então que comecei a ser ameaçado e procurei apoio de hackers da Anonymous. Conheci o dono<sup>44</sup> da Anonymous br4sil, página que hoje tem um milhão e meio de curtidas, e que na época tinha quase 20 mil curtidas. Eu o ajudei até o momento que percebi que não era aquilo que eu queria, existia um controle de conteúdo, não tinha a liberdade que precisava. Após várias vezes tentando consertar ou melhorar, acabei sendo expulso com mais 7 pessoas, o que desestabilizou a célula. Então, nesse momento difícil, resolvemos criar algo nosso, criamos a página F.U.E.L. e colocamos nosso ideal lá. Tudo que queríamos era ter a liberdade para realizar vários projetos. Quando cheguei no Rio, conheci os integrantes do Anonymous Rio, eles me apresentaram para a galera dos movimentos sociais. Acredito que fui convidado por ser conhecido no meio Anonymous no Brasil, mas mesmo as*

---

<sup>44</sup> A página Anonymous Br4sil é frequentemente apontada pelos participantes desta pesquisa como sendo “falsa” e baseada em ideais privativos, por isso a utilização de um termo que denota posse.



*peças me conhecendo pessoalmente, só me convidaram através da internet após um questionário!<sup>45</sup> ” (Pedro, 2015)*

Pedro enfrentou diversas situações de conflito com os outros participantes da célula devido aos seus textos, nos quais são comuns acusações fracamente sustentadas e a exploração de polêmicas para conquista de maior viralização<sup>46</sup>, mas ainda não ocorreu uma ruptura. No entanto, são recorrentes conflitos com outros participantes devido à sua falta de tato em suas críticas e tentativas de motivar os outros participantes, que muitas vezes levam a extensas discussões sobre o propósito da página e seu nível de atividade.

*Pedro sempre delicado como um Tiranossauro... Parem de se cobrar, se deu, deu. Se não deu, não deu. PONTO! Isso NUNCA FOI POR LIKES! Ok, é triste ver a página parada? É! A página não está morrendo! Temos um público fiel, ele está lá. São aqueles 35 mil atuantes e não lobotomizados do início, eles estão lá! A página não conseguiu a credibilidade daqueles 35 mil do nada, na vida tudo são ciclos, e o ciclo que ajudamos a criar chegou ao levante de junho, e nosso ciclo agora é este, RECESSO. Uma das máximas anarquistas é de que o caos é necessário para se recriar algo novo, então é isso, o universo (e nossas ações dentro do possível) farão com que venhamos a convergir novamente em matéria de momento social e pessoal, e sim, Pedro pegou pesado porque você não teve a consciência, a paciência, a serenidade, e a humanidade, de se colocar no lugar da Júlia, sim, ela vem (A MESES E MESES) sustentando sozinha a página, se coloque no lugar dela e se imagine perdendo seu pai ou sua mãe, louco não? E antes que você faça bico e birra e deixe de seguir o conselho que você mesmo deu não saia do grupo e reflita que você exagerou na dose. (Fátima, 2015)*

É possível perceber o quanto os participantes estavam investidos emocionalmente no seu ativismo, sendo recorrentes os desentendimentos relacionados a cobranças sobre a qualidade da dedicação e da participação. Existia também uma certa preocupação sobre o hábito de Pedro de consumir maconha. Não havia preconceito em relação ao uso da droga, mas sim ao constante risco de apreensão policial, fato que já ocorreu diversas vezes. Estes episódios não são problemáticos em si, mas quando considerado o contexto da relação da página com as forças policiais, o hábito configura um quadro mais grave.



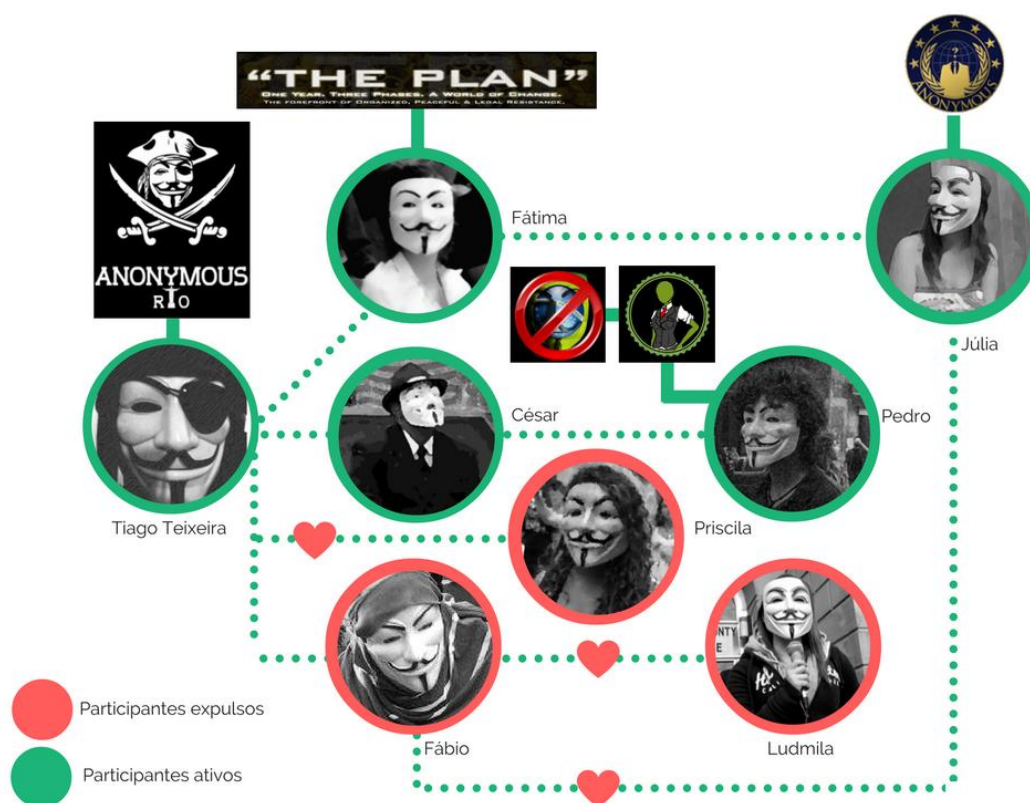
**Figura 10 – Pedro, o participante de maior renda**

---

<sup>45</sup> O questionário enfrentado por Pedro foi baseado no questionamento de alguns de seus valores e opiniões sobre movimentos sociais, protestos e outras questões do gênero.

<sup>46</sup> Quando o conteúdo é compartilhado de forma viral, espalhando-se rapidamente.

A exposição decorrente da elaboração deste trabalho também foi considerada como um fator de risco pelos participantes do coletivo Anonymous Rio, sendo um ponto de incerteza o nível de exposição adequado. No entanto, os acontecimentos do ano de 2014 que serão relatados mais tarde neste texto levaram a uma maior reflexão sobre a importância da construção de outras narrativas que possam ser um testemunho que melhor expresse o ponto de vista dos ativistas.



**Figura 11 – Anonymous Rio, Célula no momento da pesquisa**

Uma vez apresentados todos os integrantes da página no período estudado, iremos contextualizar os eventos que cercaram esses atores, apontando os envolvidos e as controvérsias enfrentadas pelo grupo.

## 5. Anonymous Rio, Guy Fawkes carioca.

O Anonymous no Brasil pode ter começado algum dia após os acontecimentos de 2008, quando a ideia se difundiu e alcançou a opinião pública e a mídia durante os embates contra a Cientologia. Talvez antes disso o fórum 4Chan.org possuísse uma presença brasileira notável<sup>47</sup>, que participou dos movimentos de “lulz” que pregavam peças em pedófilos. Parmy Olson (2014), afirma que houve intercâmbio entre Anonymous internacionais e brasileiros ainda no período de 2011:

“A certa altura, por exemplo, ele (Sabu) se ofereceu para ajudar os hackers do Anonymous Brasil a obter acesso aos servidores do governo. (o hacktivismo é extremamente popular no Brasil, em parte por que o país tem a taxa mais alta de uso do Twitter e também devido à controvérsia duradoura sobre a corrupção governamental). Sabu atuou como mediador, conversando com os hacktivistas brasileiros e depois contando à sua equipe de hackers os sites escolhidos como alvos de deface pelos brasileiros. A equipe penetrou nos servidores brasileiros e depois enviou a Sabu as credenciais de logon para serem repassadas aos hackers brasileiros.” (OLSON, 2014, p.466)

Ainda que a presença do ideal Anonymous no Brasil seja anterior ao fórum What’s the plan, iremos aqui focar na experiência da Anonymous Rio e na narrativa construída pelos atores que a constituem. Podemos observar que mesmo antes dos eventos de Junho de 2013 que conferiram destaque aos mascarados, já ocorria bastante movimentação, conforme o relato de Tiago, seu participante mais antigo:

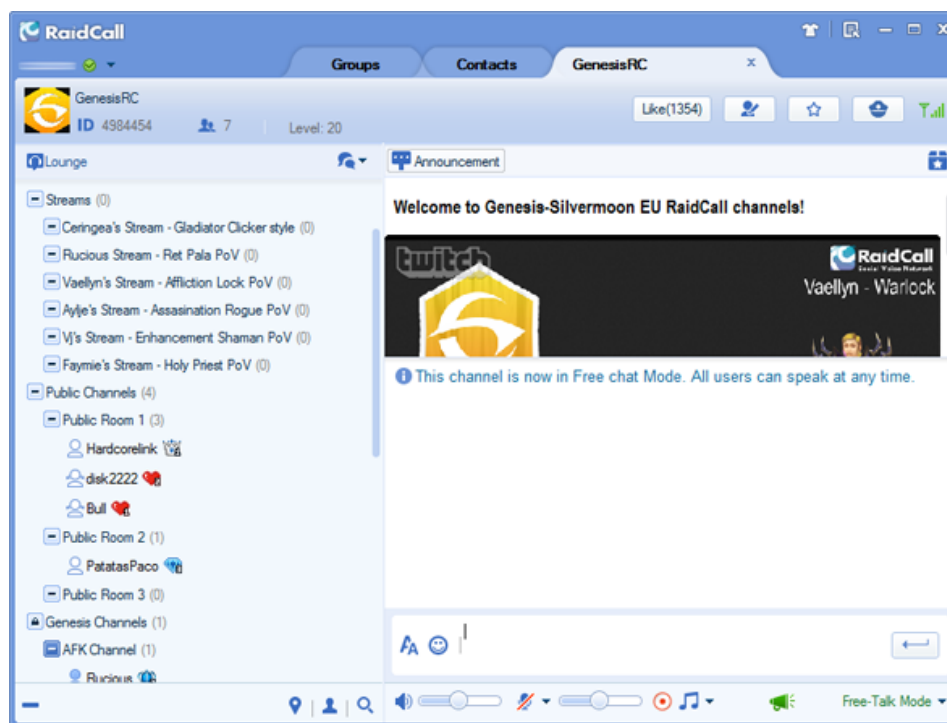
*Era a época de ocupação de espaços públicos, Já estava acontecendo a ocupação de Wall Street, na praça de Catalunha, [...] então começaram a nascer células regionais aqui no Brasil, ainda não tinha a página de Facebook, eram grupos de Facebook no máximo ou grupos pelo IRC ou no Raidcall. Na época do Raidcall em 2011, muita gente se falava de muitos lugares do país, [...] o pessoal do sul, do norte, do nordeste, Belo Horizonte, Curitiba e Pará. Na época era só Anonymous, não tinha outra coisa, e a gente conseguia se articular bem pelo Raidcall, fazíamos vídeos muito bons, conseguíamos em uma noite colocar legenda para seis idiomas diferentes com pessoas que falavam, que conheciam outras pessoas que traduziam.. (Tiago, 2015)*

O Internet Relay Chat (IRC), é um programa de troca de mensagens diretas capaz também de envio de arquivos. Apesar de ter sido desenhado principalmente para discussões em grupo através de canais que funcionam como fóruns, sua utilização geralmente é mais individualizada. Porém foi descartada devido ao fato de suas mensagens não serem codificadas, sendo mais fácil de ser alvo de ataques e roubos de

---

<sup>47</sup> “[...] não era de todo incomum encontrar brasileiros – hackers de computador em sua maioria – atuando em apoio à ideia Anonymous, muito em função de suas participações, eventuais ou sistemáticas, nos principais canais de comunicação ligados ao coletivo, sobretudo no 4Chan e em servidores internacionais de IRC.” (MACHADO, 2013, p.86)

dados, motivo pelo qual outros meios de troca de mensagens também eram rejeitados pelos ativistas.



**Figura 12 - Exemplo da organização em canais presente no Raidcall<sup>48</sup>**

O Raidcall<sup>49</sup> é mais um não-humano apropriado inesperadamente pelos Anonymous, com uma participação expressiva nos eventos narrados. Em princípio era um programa desenhado para permitir comunicação por voz em grandes grupos, geralmente motivados por jogos em rede, que contam também com canais ou salas onde diversos computadores podiam se conectar e trocar informações. Seu trunfo para o ativismo foi permitir a comunicação entre Anonymous de diversas partes do mundo que acessavam o programa através de links em outros serviços, construindo grupos relativamente abertos onde era possível trocar experiências. No entanto, este também foi o principal problema com o serviço, que deixou de ser usado por volta de 2012 quando não era mais possível garantir a segurança dos seus usuários devido a visitantes suspeitos que invadiam as conversas.

O Facebook, outro não-humano central neste estudo, foi utilizado primeiramente como forma de reunião e organização dos ativistas através de seu sistema de grupos (que

---

<sup>48</sup> Imagem retirada do site <http://www.makeuseof.com/tag/raidcall-free-hosted-voice-chat-and-gaming-community-wrapped-into-one-package/> Acesso dia 25/02/2016.

<sup>49</sup> Raid é traduzível como “saque”, “invasão”, mas é também um termo comumente utilizado em jogos online para descrever eventos em que a interação entre os jogadores é competitiva.

podem ser fechados ou abertos). Os grupos funcionam como salas de conversação onde podem ser construídos novos tópicos e postados conteúdos como imagens e textos. Com o número crescente de protestos, construiu-se a página Anonymous Rio como um meio de comunicação, sendo este um espaço que pode ser acompanhado e mais se assemelha a um perfil empresarial, onde em uma linha do tempo são postadas notícias que podem ser comentadas pelos visitantes. Estes espaços, juntamente com o What Is The Plan, permitiam a organização de atividades práticas:

*Em 2011 tinham essas reuniões, ainda era pouca gente e todo mundo sabia que era Anonymous, a gente se organizava pelo fórum, pelos grupos no Facebook. Não existia muito essa identidade Anonymous Rio, era Anonymous do Rio de Janeiro. No início qualquer apoio valia, a gente ficou muito próximo da greve dos bombeiros e da segurança pública, a gente foi o começo lá em 2011, quando teve a assembleia na Cinelândia que decidiu a greve, a gente estava junto com as bandeiras dos sindicatos. (Fátima, 2015)*

Podemos observar que a articulação com movimentos sociais é anterior à fundação da página, reforçando que ela foi criada de forma casual e encontrou pouca utilização até que a necessidade foi construída nos protestos de rua:

*Em 2011 teve o ato de sete de setembro e algumas das pessoas criaram a página e botaram um monte de gente dentro. Só que ela ficava muito parada. Ela só foi funcionar mesmo durante o “15 O”, em outubro - uma manifestação global contra o capitalismo, que aconteceu aqui também e virou a Ocupa Rio - foi assim que a página começou a funcionar mais, ficou mais ativa, para divulgar o que estava acontecendo lá, ir acompanhando e comunicando. (Tiago, 2015)*

A existência da página então era justificada como uma forma de visibilizar a luta das ruas, facilitando a comunicação entre seus participantes e a divulgação dos acontecimentos. No entanto, não havia um caráter simplesmente passivo de acompanhamento da atividade dos outros, uma vez que a página puxava e promovia também seus próprios eventos:

*A gente organizou um “contra protesto”<sup>50</sup> para impedir o Dia do Basta. Eles vinham com aquela pauta coxinha de corrupção e a gente respondia que isso não existia, que a corrupção era resultado do sistema financeiro, das corporações, que não era individual. [...] Quinze de novembro de 2011 marcaram um protesto em Copacabana, aí fizemos um protesto no mesmo dia vindo de outro lugar [...] quando eles viram a gente chegando com as máscaras e tudo eles começaram a comemorar, mas nós estávamos na verdade capturando o protesto deles e botando a nossa pauta. Até finalzinho de 2012 tinha algumas coisa que a gente puxava, coisas pequenas. A gente fazia também panfletagem, o que a gente começou a pensar era fazer esse tipo de projeção para a base da sociedade, pro pessoal de rua, além de fazer caridade, fazia conscientização. Na “mais pão, menos opressão”, o pão era nosso cartão de entrada para conversar. [...] Um morador de rua disse que na*

---

<sup>50</sup> Protesto realizado com a intenção de suprimir, abafar ou diminuir a visibilidade de outro protesto já em curso.

*eleição de Eduardo Paes, o pessoal da assistência social ia fazendo cadastramento do pessoal que não tinha documento e registrando o título de eleitor, aí na época da votação eles distribuíram dinheiro e cesta básica para votar nele. (Fátima, 2015)*

Com aproximadamente 182 mil assinantes em agosto de 2015, a página atravessou um longo e vagaroso processo de crescimento que não pode ser creditado aos esforços de uma única pessoa, pois o papel de administrador e produtor de conteúdo era exercido coletivamente e era altamente rotativo. Foi comum o afastamento de participantes por motivos pessoais, assim como a colaboração esparsa de acordo com a disponibilidade de cada um para este trabalho voluntário. Existia uma ampla liberdade no exercício dessa função, sem cobranças de produtividade, ainda que exista um consenso sobre a necessidade de um fluxo constante de postagens para manutenção do público.

A página nunca aceitou voluntários ou entusiastas que apareceram pedindo para participar sem nenhum tipo de indicação de conhecidos. No entanto, é importante observar que novas redes de confiança e amizade estão sempre sendo formadas através da atuação nos movimentos sociais e na internet, como ocorreu com Fátima, que estabeleceu contato com os administradores da página através de encontros nos protestos de rua, não possuindo relações pessoais anteriores.

Mas o que motivava a participação destas pessoas em uma página como a Anonymous Rio? Não havia qualquer tipo de remuneração, diferente do afirmado em notícias veiculadas na mídia<sup>51</sup>. Também não poderia haver associação formal ao movimento ou às páginas justo devido ao anonimato em seu funcionamento, ou seja, não havia reconhecimento externo pelo esforço envolvido na elaboração do conteúdo. Não havia contrapartida alguma além da eventual sensação de contribuição para algum grau de mudança social.

É importante ressaltar que não devemos acreditar que exista uma narrativa última que explicaria perfeitamente os protestos políticos ocorridos nos últimos anos. O que buscamos aqui pode ser entendido como uma tentativa de tecer uma colcha de retalhos das traduções mais aceitas que foram propostas. Entre os eventos ocorridos, os discursos

---

<sup>51</sup> Notícias que implicam a participação de mascarados nos protestos como militância paga: <http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2013/11/bblack-blocs-afirmam-que-sao-financiadosb-por-ongs-nacionais-e-estrangeiras.html> e <http://oglobo.globo.com/rio/jovens-recebem-150-para-fazer-vandalismo-em-atos-diz-advogado-11583142>, fato descartado pela Polícia Civil <http://noticias.terra.com.br/brasil/policia/sp-chefe-do-deic-diz-ter-identificado-300-black-blocs.81164f4efbc24410VgnVCM400009bcceb0aRCRD.html>. Acesso em 26/09/2014.

dos teóricos e o dos atores, podemos observar algumas ressonâncias que podem ser consideradas relevantes para a compreensão do cenário que vivemos. Adotaremos então a contribuição de Manuel Castells (2013) que vem acompanhando os mais recentes movimentos sociais em diversos países:

De onde vêm os movimentos sociais? E como são formados? Suas raízes estão na injustiça fundamental de todas as sociedades, implacavelmente confrontadas pelas aspirações humanas de justiça. [...] exploração econômica; pobreza desesperançada; desigualdade injusta; comunidade política antidemocrática; Estados repressivos; Judiciário injusto; racismo, xenofobia, negação cultural; Censura, brutalidade policial, incitação à guerra; fanatismo religioso (frequentemente contra crenças alheias); descuido com o planeta azul (nosso único lar); desrespeito à liberdade pessoal, violação da privacidade; gerontocracia; intolerância, sexismo, homofobia e outras atrocidades da extensa galeria de quadros que retratam os monstros que somos nós. (CASTELLS, 2013 p.20-21)

Muitas dessas injustiças são facilmente relacionáveis à situação brasileira, exacerbada com a chegada da Copa do Mundo de futebol em 2014. Castells também aponta que muitos indivíduos são mobilizados quando sentem-se desrespeitados, ignorados e humilhados. Movidos por esses sentimentos eles superam o medo da repressão e transformam a raiva em ação ao tomarem conhecimento de violências e injustiças cometidas contra aqueles com quem se identificam. Podemos encontrar no caso brasileiro muitas vítimas de violência do estado que foram transformadas em símbolo nas manifestações, como os casos “Amarildo”, “Cláudia” e “Douglas”<sup>52</sup>.



**Figura 13 - Amarildo Dias de Souza se torna símbolo nos protestos.**<sup>53</sup>

---

<sup>52</sup> Amarildo Dias de Souza, Douglas Rafael da Silva e Claudia Silva Ferreira são todos civis executados por policiais no Rio de Janeiro. Suas histórias foram registradas e divulgadas amplamente sendo o “Cadê o Amarildo?” e “Somos todos Cláudia” frases utilizadas nas manifestações em protesto contra a violência policial. Links de reportagens sobre os casos: [http://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/05/sociedad/1404595714\\_291923.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/05/sociedad/1404595714_291923.html), <http://rebaixada.org/somos-todos-cludia-da-silva-ferreira-38-anos-brasileira-faxineira-guerreira/> e [http://www.brasilpost.com.br/2014/07/15/caso-amarildo-um-ano\\_n\\_5587705.html](http://www.brasilpost.com.br/2014/07/15/caso-amarildo-um-ano_n_5587705.html). Acesso em 02/10/2014.

<sup>53</sup> Imagem retirada do site de notícias, acesso através do link: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/fotos/cade-o-amarildo-manifestantes-marcham-pelo-tunel-zuzu-angel-01082013?foto=6#!foto/1>. Acesso em 02/10/2014.

A ocorrência de atos de violência cometidos pelas forças policiais não é suficiente para provocar manifestações ou dar-lhes legitimidade. É necessária a divulgação de informação sobre esses atos por diferentes níveis da população de forma a tornar o caso exemplar, retirando-o do contexto isolado e transformando-o em um padrão significativo de abuso de poder:

*O que levou 2013 a acontecer foi o começo em 2011. Sem os protestos dessa época não haveria o resto. Acontece que a explosão é o que recebe a atenção. Os próprios movimentos de ocupação, em Sampa, no Rio, aconteceram em quase todas as capitais e não foram muito noticiados. Boa parte das pessoas de hoje já estavam lá, são figurinhas carimbadas. Foi tomando corpo, fôlego, forma, mas começou em 2011. Belo Monte estava muito forte, hoje você joga no Google e não encontra nada da OP Xingu, na qual juntamos um monte de material sobre os impactos sociais, ambientais, os casos de estupro, assassinato, a gente conseguiu formar uma rede bem grande de pessoas e páginas que não existia na época, quem era expressivo na internet era a gente, não existia Mariachi, Carranca. (Tiago, 2015)*

No entanto, é comum ocorrer o acobertamento dos casos pela mídia, criando-se uma narrativa convincente sobre os eventos de forma a justificar e glorificar a ação policial, e o uso da força letal. Nessa perspectiva, existem diferentes tipos de programas televisivos com discursos voltados para diferentes segmentos da população, sendo comum as tentativas de desumanização da vítima e de sua difamação pela fabricação de acusações e evidências falsas<sup>54</sup>.

Essa perspectiva sobre a construção gradativa das Jornadas de Junho e a importância da mídia independente também é compartilhada por autores que analisaram as jornadas de junho, como pode ser observado na obra *Vinte Centavos* (2013) por Elena Judensnaider, Luciana Lima, Marcelo Pomar e Pablo Ortellado, que apontam como a construção de 2013 passa pela luta histórica das manifestações por melhores condições de transporte que possibilitaram a formação do Movimento Passe Livre<sup>55</sup>. Esses autores traçam um caminho que se iniciou em 2003 com as “Revoltas do Buzú”<sup>56</sup> e acompanhou

---

<sup>54</sup> O padrão de atuação da mídia é visível através de casos como o de Douglas Rafael da Silva Pereira, dançarino do programa *Esquenta* da rede Globo de televisão. Para justificar a agenda de repressão são utilizadas fotos falsas e até mesmo relações de amizade justificam a execução: <https://www.youtube.com/watch?v=1yl0X4dZxJw>. Acesso em 28/10/2014.

<sup>55</sup> “O MPL é um movimento de esquerda que ao longo de sua existência relacionou-se com seus pares, como o Movimento Sem Terra e os movimentos urbanos de moradia. Encontrou apoio em intelectuais e em certa blogosfera progressista, da qual a principal referência é o *tarifazero.org*. se, em parte, representa ruptura com algumas características institucionalizadas da democracia formal, de outra parte também se constitui como a continuidade das tradições da luta de esquerda, transformadora da sociedade.” (JUDENSNAIDER, p.19, 2013)

<sup>56</sup> “Já se vai uma década: Salvador, Bahia, Agosto de 2003. Milhares de pessoas ocupam as principais vias da cidade durante mais de três semanas. As ruas são o grande palco das manifestações, que têm



a construção das “Revoltas da Catraca”<sup>57</sup> e o encontro da Campanha Nacional Pelo Passe Livre em 2004, que viria a lançar as bases para muito mais lutas pelo país, ressaltando sempre também como cada um desses eventos conta com a presença da cobertura da mídia independente.

É justamente neste cenário de lutas que tornam-se importantes os meios de comunicação alternativos como as páginas de mídias independentes, onde o compartilhamento do que acontece nas ruas gera laços empáticos mais fortes com os cidadãos, provocando um efeito multiplicador do número de participantes dos protestos:

O vírus da revolta explicita que é possível viver sem medo de expressar as angústias e frustrações que somos disciplinados a resignar-nos e a conviver. Uma demonstração pública de revolta, de enfrentamento a verdades estabelecidas, como a do supostamente necessário respeito à autoridades e à propriedade privada, por exemplo, abre portas para outros indivíduos expressarem sua indignação de forma crescente. Quebrando ou não vidraças, a ação dos anarquistas hoje está pautada em desafiar as ordens constituídas, as morais vigentes, a respeitar seus próprios sentimentos e desejos, muito além dos disciplinamentos, vigilâncias, controles e autorizações oficiais com os quais convivemos diariamente. (RESENDE, p.131, 2015)

Parece existir na repressão policial um caráter duplo, que eleva o custo emocional para participar de um protesto mas que simultaneamente atua como catalizador, reforçando a mobilização de manifestantes. Também observamos nos casos das manifestações um grande esforço midiático para desqualificar seus participantes e justificar o uso de violência pela polícia<sup>58</sup>. Manuel Castells (2013) observa que os movimentos sociais na era da internet são caracterizados por uma desconfiança da mídia tradicional, da política e do setor financeiro. Os ativistas fazem uso de outras ferramentas de comunicação para criar suas próprias redes de informação, utilizando-se de computadores, smartphones, tablets e aplicativos como Twitter, Facebook, Livestream, Telegram e Whatsapp. Existe, portanto, uma releitura do jornalismo que deixa de ser

---

protagonismo juvenil mas atingem toda a sociedade. Trata-se de uma revolta popular. Uma luta para derrubar mais um aumento de tarifas de ônibus na capital baiana, curiosamente, de vinte centavos – de R\$ 1,30 para R\$ 1,50.” (JUDENSNAIDER, 2013, p.9)

<sup>57</sup> “Em maio de 2005, nova tentativa de reajuste: um movimento de massas ainda mais intenso e duradouro, ao longo de quatro semanas, novamente derruba as tarifas na capital catarinense. Dessa vez sob intensa repressão do Estado, centenas de presos e feridos, estudantes, jovens e trabalhadores resistem e sobrepõem a nova gestão municipal.” (JUDENSNAIDER, 2013, p.10)

<sup>58</sup> Mais uma vez a mídia desqualifica as manifestações de forma severa: <https://www.youtube.com/watch?v=luLzhtSYWC4>. Arnaldo Jabor fez uma retratação, mas este tipo de cobertura foi comum como pode ser visto em outra emissora: <https://www.youtube.com/watch?v=7cxOK7SOI2k>. Acesso em 10/11/2014 às 22:03.

limitado por espaços formais das empresas de comunicação e passa a incorporar vozes do público:

[...] o jornalismo se democratizará cada vez mais e se tornará uma conversação, à medida que a própria práxis jornalística se abriria fortemente à participação dos leitores nas mais distintas fases da produção da notícia. “O crescimento do jornalismo participativo nos ajudará a ouvir. A possibilidade de qualquer pessoa fazer notícia dará nova voz as pessoas que se sentiam sem poder de fala.” (Gillmor, 2005, Introdução). Assim, a publicação não é apenas o ponto-final, mas sim a parte que deverá ser completada pela conversação. (MALINI & ANTOUN, 2013, p.111)

O alcance das notícias produzidas pelo cidadão é bastante limitado à sua rede de contatos, sendo mais comum observar grande alcance em momentos de grandes eventos ou de maior convulsão social. No entanto, este fenômeno da descentralização e popularização da produção jornalística não se limita a um cenário isolado de tempos de manifestações, mas passa a ser um novo padrão de produção comunicacional conhecida como midialivrismo:

Por “midialivrismo”, compreendemos um movimento ativista em prol da comunicação contra-hegemônica, que é realizada em contrassenso com a comunicação de massa e que também busca abranger outros movimentos sociais que não são contemplados – pelo menos não devidamente – pelos mass media. A proposta dos midialivristas é propor espaços alternativos de mídias livres para discussão dos temas e fenômenos sociais de forma alternativa aos modelos midiáticos comerciais. Estas manifestações, individuais ou coletivas, referenciam o anseio de uma sociedade que deseja não mais estar nos “cantos” do fluxo informacional, dependente de mediadores, de instituições que estejam no centro ou acima de suas pretensões individuais. Por meio da internet, pessoas aparelhadas com equipamentos eletrônicos dispensaram a representação dos fatos por parte dos telejornais nacionais ou grandes publicações impressas, fazendo a informação da sua forma, configurando uma nova forma de “faça você mesmo”, o “do it yourself high-tech”. (SOUSA, 2013, p.87)

É justamente através deste viés que podemos compreender como esse coletivo que não possui um local, uma identidade e um rosto, precisa estabelecer portais de comunicação tão facilmente identificados como blogs, fóruns e páginas de Facebook. A necessidade de estabelecer canais para facilitar o fluxo de informações entre as pessoas é provavelmente o mecanismo chave dos movimentos sociais recentes. A intensificação das comunicações, apesar de ampla em suas origens, está situada em poucos pontos receptores da rede, mais especificamente os portais da internet Twitter e Facebook. Mas como funcionam estes canais de comunicação? Como operava a página do Anonymous Rio?



**Figura 14 - Twitter**

O Twitter é uma plataforma que foi criada em 2006 inspirada nos serviços de mensagens curtas (SMS), pela qual, através de um portal, é possível se comunicar com os demais usuários através de 140 caracteres. Não é claro se a ferramenta está mais próxima de uma rede social (permite amizades e acompanhamento) ou de um microblog ( Postagem de conteúdo similar a manchetes com intuito de iniciar discussões). A característica mais relevante assumida pelo Twitter é sua capacidade de difusão de notícias: sendo ágil e oferecendo meios de medir os tópicos mais repetidos (Trends), ela acaba funcionando como um arauto que repete aos gritos as novidades que os cidadãos trazem para uma gigantesca praça pública.



**Figura 15 - Exemplo de Página do Facebook**

O Facebook foi criado em 2004 como uma imitação digital dos anuários estudantis tradicionais das instituições escolares dos Estados Unidos. Inicialmente uma plataforma fechada para os estudantes de uma única instituição e seus amigos, ela gradualmente se expandiu para outras universidades até tornar-se completamente aberta.

Com sucessivas reformulações e um maior foco em publicidade, atualmente o Facebook possui chat interno, sistema de grupos, amizades e mantém um conceito narrativo onde os acontecimentos, opiniões, fotos e histórias são avaliadas (inicialmente apenas com curtidas, mas atualmente existem seis diferentes reações), compartilhadas e registradas através do tempo.

A página Anonymous Rio possuía postagens diárias, apresentando maior frequência durante períodos de manifestação, chegando a alcançar uma postagem a cada meia hora. As postagens variam em suas temáticas, abordando acontecimentos recentes e problemas sociais, quase todas de teor crítico, às vezes apelando ao humor sarcástico ou irônico. Elas podem ser curtas como links, vídeos e tirinhas ou, menos frequentemente, extensos textos explanando a visão da página sobre um determinado assunto.

O Anonymous Rio acreditava principalmente na liberdade, e por isso atuava de forma a possibilitar que múltiplos discursos possuam visibilidade para que sejam ouvidos e reproduzidos. No entanto, isso não significa que se busque neutralidade ou imparcialidade. Ao contrário, os Anonymous eram extremamente parciais, buscando amplificar as vozes dos excluídos, dos movimentos sociais e adotando uma postura que poderia ser considerada de esquerda, pois enxerga a miséria e a exploração econômica como fonte de cerceamentos da liberdade:

*“A liberdade é nosso maior valor, mais forte objetivo do Anonymous. É por isso que adotamos essa forma de imprensa alternativa. A informação quer ser livre, e é isso que fazemos, libertar as vozes de quem não tem como ser ouvido. Reconheço que isso fica muito aberto sim, não nos preocupamos tanto com objetivos sólidos, é basicamente uma questão de organizar e mudar.” (Tiago, 2015)*

Através das conversas travadas com os participantes da célula, foi possível perceber que mesmo possuindo clareza e fortes crenças orientando suas ações, não havia uma elaboração maior sobre a finalidade última do movimento ou mesmo sua utopia. A insatisfação com o presente era um motivador maior que a busca de um ideal no futuro.

Existia uma tendência a abordar temas como greves, direitos humanos, exploração econômica, opressão policial, descriminalização das drogas e aborto, reforma política e feminismo. Eventualmente acontecia algum tipo de polêmica sobre uma postagem, por parte do público ou de algum dos produtores de conteúdo, e, nestes casos, há uma discussão entre os administradores para avaliar a necessidade de modificações, exclusão da postagem ou retratação.



**Figura 16 - Retratação de postagem**

A postagem retratada na Figura 16 foi realizada por César, participante de maior idade da célula, e segundo suas justificativas, com uma intenção humorística. Menos de um dia após a postagem do conteúdo, Priscilla e Fátima iniciaram um debate através de um grupo no software de troca de mensagens Telegram utilizado pela célula:

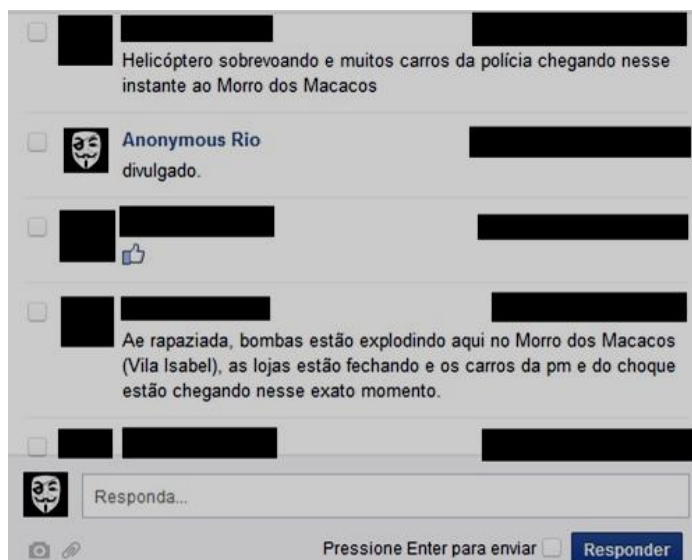
*“Eu disse à César: cara, é muito machista essa postagem. Além disso desvaloriza o ato “não mereço ser estuprada” do movimento feminista. O foco dela é uma ridicularização do corpo da mulher e não à Dilma. Você vacilou postando isso, não podemos deixar passar assim, tem que acontecer uma postagem esclarecendo isso e pedindo desculpa pelo erro.” (Fátima, 2015)*

César levou certo tempo para aceitar a crítica feita pelos outros participantes, sentindo-se julgado e censurado. No entanto, foi acordado entre os demais membros a necessidade de uma postagem de retratação, que teve sua produção designada aos questionadores. Os conflitos internos de opinião tendem à resolução através de conversas abertas entre os participantes da célula. Já os conflitos externos geralmente são resolvidos através da discussão direta com o visitante nos comentários da página. Quando isso não é possível, pede-se ajuda a outro participante para assumir o debate:

Ambientes virtuais como Facebook, Twitter, Instagram, blogs e outros sites permitiram a concepção das manifestações, divulgação de horários, dias e informações relevantes, além de um debate que ocorreu afastado do discurso jornalístico, o qual foi muitas vezes criticado pelos manifestantes, que acusaram os grandes grupos de comunicação de deturpar a realidade, alimentando estereótipos e estimulando a desinformação. Com um celular na mão, os cidadãos -repórteres produziram uma gama de material audiovisual e puderam transmiti-lo em tempo real, narrando os fatos in loco (SILVA, 2007,

p. 5) ou upando os arquivos de vídeo no YouTube, promovendo um registro dos fatos paralelo à cobertura dos meios de comunicação tradicionais (TV, rádio e impressos). (SOUSA, 2013, p.85)

É justamente na participação do público como questionador e produtor de conteúdo que está a principal característica das páginas Anonymous como coletivo de mídia. Seus seguidores e colaboradores enviam espontaneamente conteúdos como denúncias, campanhas, eventos, vídeos, textos e depoimentos pessoais.



**Figura 17 - Denúncia recebida pela página**

Como exemplificado na Figura 17, foi através desses participantes e dos conteúdos enviados que o rizoma foi formado, constituindo um enredamento onde agem inúmeros atores formando um coletivo heterogêneo onde o ideal Anonymous não é o denominador comum, mas apenas mais uma voz em um aglomerado de indignados que desejam expressar seu descontentamento.

Não basta, porém, recolher suas notícias como informações sobre o que aconteceu para compreender o que faz a nova mídia tão diferente da antiga. É preciso acompanhar sua atividade no calor da própria manifestação, no minuto a minuto do embate dos manifestantes com a arrogância dos que se julgam dirigentes do mundo atual e seus agentes, voluntários ou não, que produzem a mídia corporativa. (MALINI & ANTOUN, 2013, P.148)

Foi através da ativa e numerosa comunidade que se tornou possível a cobertura das manifestações, com imagens e depoimentos produzidos no calor dos acontecimentos pelos próprios manifestantes. Os participantes frequentemente enviavam também mensagens de alerta, dúvidas, pedidos de divulgação de atos e notícias polêmicas. Seu papel também se ampliava por meio das curtidas, compartilhamentos e comentários que viabilizam o alcance das postagens realizadas, conferindo visibilidade à página.

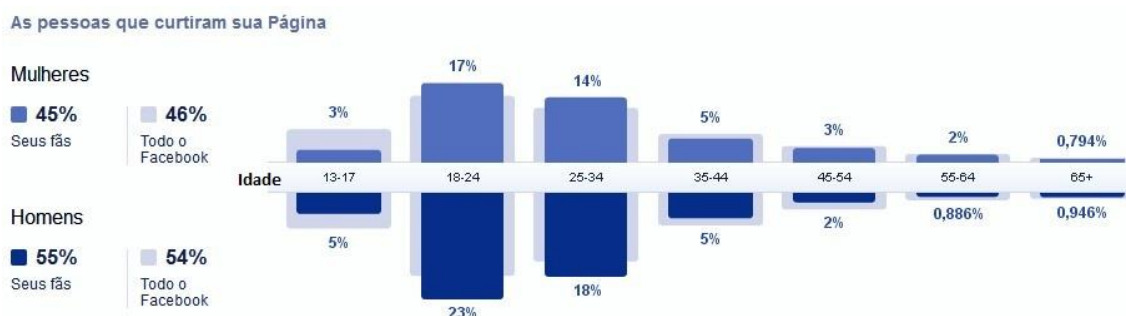


**Figura 18 - Exemplo de postagem com grande alcance.**

O poder das redes sociais está justamente nesse caráter de mobilização das inúmeras redes nas quais estão incluídos seus usuários. Uma vez que o conteúdo postado seja suficientemente relevante para os usuários, ele é compartilhado e se espalha através dos tablets, computadores e celulares em questões de poucos segundos, alcançando milhares de pessoas. A relevância de uma postagem para os usuários nem sempre é clara e simples para os administradores, existindo variações extremas no alcance das postagens, variando de poucas dezenas a mais de 240 mil visualizações. Como apresentado na Figura 18, em postagens que questionem os abusos das forças policiais é comum encontrar nos comentários frases extremas que fazem apologia à violência e utilizam-se de sarcasmo ou ironia para desvalorizar a argumentação colocada. É unanimidade entre os administradores a opinião de que existem seguidores da página cujo propósito é apenas contrariar as postagens e impedir o debate entre outros participantes. Essa é uma característica clara do rizoma, da rede, onde os nós da rede não tem, necessariamente, a mesma cor política.

## 6. Perfil do público da página.

Como podemos traçar o perfil do internauta que acessa, acompanha, lê ou propaga o material produzido pela célula Anonymous Rio? A rede social Facebook produz tais dados e os oferece apenas aos administradores das páginas em forma de estatísticas. Obtive acesso aos gráficos através dos entrevistados para a utilização nesta pesquisa, e reforcei as imagens para melhorar a visibilidade dos textos. Estes dados permitem uma maior perspectiva do alcance da página como meio de comunicação.



**Figura 19 – Estatísticas de seguidores da página por idade**

Através de dados coletados na página apresentados na Figura 19, é possível traçar um perfil dos curtidores (usuários que assinam o conteúdo) da página, sendo 55% do sexo masculino e 45% do sexo feminino. É possível observar também a distribuição em relação à Rede Social como um todo, apresentando a célula um público proporcionalmente maior de usuários na faixa de 18 à 34 anos. Curiosamente, essa faixa etária também foi a mais presente durante as manifestações, como podemos notar nos relatos de uma pesquisadora em Curitiba:

Nessa rua, mais larga e comprida, dava para ver a dimensão da multidão: muita gente, cantando junto, enchendo a rua até onde a vista alcançava. Assim como muitos outros que ali estavam, eu nunca tinha vivenciado isso. Havia muita emoção, um sentimento de força, de conexão entre as pessoas que normalmente transitam na cidade sozinhas ou em pequenos grupos, muitas vezes com medo, ou pelo menos receio, dos indivíduos e grupos desconhecidos que a co-habitam. Ali eram muitas, estavam juntas, por motivos diferentes, mas unidas por um sentimento comum. [...] A maioria dos que estavam na manifestação era jovem. Aparentemente, predominava a classe média. Encontrei conhecidos que nunca vi em protestos ou se posicionando politicamente. Mas também tinha gente das periferias, movimentos sociais, punks, galera do rap. (TORINELLI, 2015, p.52)

No entanto, o próprio acesso à internet apresenta um recorte geracional, sendo mais comum entre os jovens. Portanto, seria esperado que o público fosse em maior proporção nestas categorias e por consequência também nas mobilizações:

O uso da internet, apesar de ter crescido exponencialmente, sendo que começou a se popularizar na década de 1990, ainda está bastante abaixo do



referente à TV: 53% dos brasileiros nunca acessaram ou não têm o hábito de acessar a internet. E há uma nítida divisão geracional nesse acesso: 77% dos entrevistados com menos de 25 anos acessam a internet; já entre aqueles com mais de 65 anos, somente 3% a utilizam. O estudo conclui que “o hábito de acessar a internet é mais comum entre a população mais jovem, nos maiores centros urbanos e nos estratos de maior renda e escolaridade” (ibid., p. 48), elementos que caracterizam também grande parte dos manifestantes de junho de 2013. (TORINELLI, 2015, p.59)<sup>59</sup>

Pais	Seus fãs	Cidade	Seus fãs
Brasil	172.491	Rio de Janeiro	98.430
Estados Unidos da América	1.768	Niterói, Rio de Janeiro	7.579
Portugal	684	São Paulo	5.773
França	500	São Gonçalo, Rio de Jan...	3.199

**Figura 20 - Número de seguidores por local**

A distribuição geográfica dos seguidores condiz com o nome da página, predominando o Rio de Janeiro como lócus de atuação da célula. No entanto, existe uma quantidade pequena de usuários distribuída entre outros estados brasileiros, como São Paulo e em outros países como Estados Unidos, Portugal e França. É importante distinguir os curtidores do público mais amplo da página: entre eles estão os maiores colaboradores da produção de conteúdo, como as pessoas que enviam vídeos, textos, comentam as postagens, curtem e compartilham. No entanto, um número muito maior de pessoas visualiza a página esporadicamente quando: 1) algum de seus amigos compartilha, curte ou comenta uma postagem; 2) ao utilizar sistemas de busca como o embutido no próprio Facebook; 3) ou um sistema de busca mais comum como o Google. Através destes dados é possível ter maior perspectiva do alcance da página como meio de comunicação. Os diversos caminhos possíveis para se alcançar uma publicação fazem do alcance um dado com maior variação, apresentando flutuação a depender dos atores envolvidos nas publicações do período e do nível de participação da base de curtidores.

---

<sup>59</sup> Pesquisa realizada em 2014 pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf> Acesso em: 13/07/2015



**Figura 13 - Visualizações da página por idade. Os dados de alcance só são disponibilizados para os últimos 28 dias. Imagem retirada do Facebook dia 16 de outubro de 2014.**

A Figura 21 apresenta as visualizações das postagens, incluindo além dos participantes assíduos da célula, todos que chegaram a uma postagem através de qualquer ferramenta de busca ou compartilhamento. Estes visitantes modificam-se constantemente a depender do tipo de publicação que é postada e seu público alvo. Por exemplo, uma mensagem sobre educação atingiria um maior número de professores e estudantes, evidenciando um perfil correspondente de gênero e idade. No entanto, torna-se claro através da Figura 20 que existe um alcance diferenciado das postagens na faixa de 18 a 34 anos, mostrando o perfil jovem dos seguidores independentemente do tema abordado.

País	Pessoas alcanç...	Cidade	Pessoas alcanç...
Brasil	563.578	Rio de Janeiro	205.451
Estados Unidos da América	5.235	São Paulo	59.515
Portugal	2.344	Niterói, Rio de Janeiro	17.314
França	1.843	Brasília, Distrito Federal	11.576
Reino Unido	1.602	Belo Horizonte, Minas Ger...	10.851
Alemanha	1.496	Salvador, Bahia	9.530
Argentina	1.384	Curitiba	8.450

**Figura 22 - Visualizações da página. Os dados só são disponibilizados para os últimos 28 dias. Imagem retirada do Facebook dia 16 de outubro de 2014.**

Podemos observar através da tabela presente na Figura 22 que o alcance era expressivamente maior do que o número de seguidores, chegando a mais de meio milhão de visualizações somente no Brasil. Através destes dados também podemos obter uma melhor compreensão acerca do funcionamento das redes sociais, pois ainda que não exista número significativo de seguidores das cidades de Brasília, Belo Horizonte, Salvador e

Curitiba, as postagens alcançam estes usuários devido às suas redes de amigos. O mesmo ocorre com relação a outros países tais como Argentina, Alemanha e Reino Unido, os quais muito possivelmente acessam a página através de mecanismos de busca e não devido às redes formadas através de amizades ou relações offline.

Para compreender como é possível que um pequeno grupo independente alcance tamanha visibilidade em tão pouco tempo e se consolide como uma fonte de informações legitimada pelo público, observaremos sua associação com os movimentos populares de protesto nas ruas no ano de 2013. Período em que a Copa das Confederações, expôs as contradições socioeconômicas de tal forma que motivou a mobilização da população por todo o país, alcançando níveis históricos, ganhando destaque internacional e provocando forte reação dos poderes estabelecidos. Observemos então relação da página Anonymous Rio com os movimentos populares:

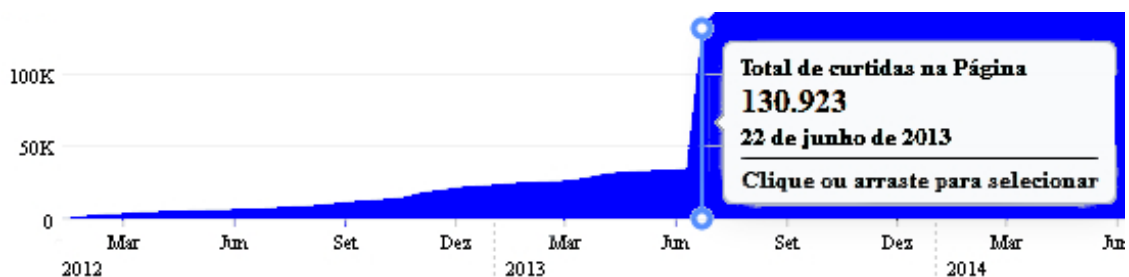


Figura 23 - Ampliação das curtidas da página em Junho de 2013



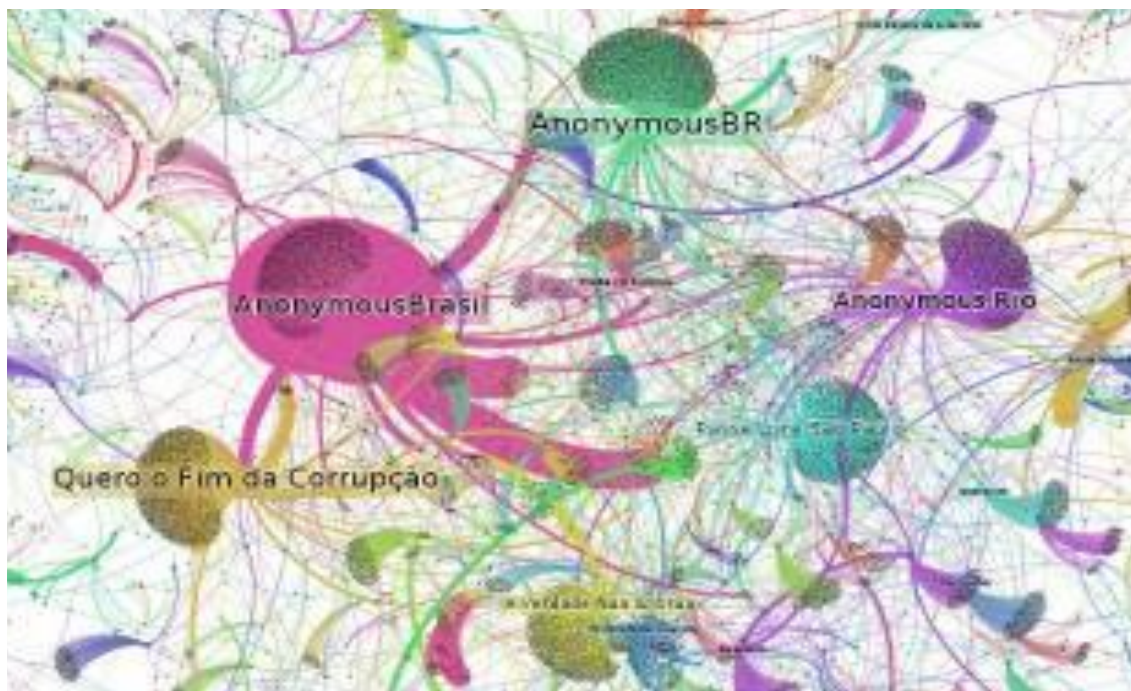
Figura 24 - Ampliação do alcance da página em Junho de 2013

Podemos observar a partir das Figuras 23 e 24 a importância dos eventos de Junho de 2013 para a página Anonymous Rio. O alcance das postagens e atratividade da página,

sem contar com pagamentos ao Facebook<sup>60</sup> para acréscimo de visualizações, teve seu pico de popularidade com o advento dos protestos. A necessidade da população de diferentes fontes de informação causou efeito semelhante em outras páginas de notícias e coletivos midiáticos, não sendo a Anonymous Rio de forma alguma a única beneficiária deste fenômeno.

Depois da revolução do compartilhamento, o poder de publicação migra dos detentores de grandes audiências para os que acumulam mais interações. O valor de uma rede deixou de ser calculado apenas pela quantidade de público de um site, ganhando maior importância o cálculo da quantidade de grupos criados e mobilizados na Internet por alguém (perfil ou coletivo), o que transformou fãs e seguidores em parceiros da produção de uma agenda informativa. Essa é a base das redes peer-to-peer (P2P), a base da cultura do vazamento [...] das popularmente chamadas redes sociais na Internet ou Web 2.0. (MALINI & ANTOUN, 2013, p.212)

Podemos observar na Figura 24 os padrões formados na replicação das notícias entre os diferentes coletivos no dia 13 de junho de 2013, destacam-se o Anonymous Br4sil, o Anonymous Rio, o Anonymous BR como centros de produção de conteúdo, cercados de inúmeros replicadores, exemplificando o efeito do acúmulo de interações.



**Figura 25 - Mapa dos principais mobilizadores em 13 Junho de 2013<sup>61</sup>.**

---

<sup>60</sup> O Facebook divide o alcance de suas postagens em duas categorias: “Pagos” e “Orgânicos”. A primeira categoria é resultado de pagamentos ao site em troca de maior replicação de sua mensagem; a segunda categoria é medida a partir da atividade dos seus seguidores em compartilhar, curtir e divulgar seu conteúdo.

<sup>61</sup> Grafo a partir das mensagens acerca das manifestações que mais geraram comentários no período das 16 horas do dia 13 até as 6h do dia 14 de junho de 2013 no Facebook. FONTE: SILVEIRA, PIMENTEL (2013a), 11 de julho de 2013.

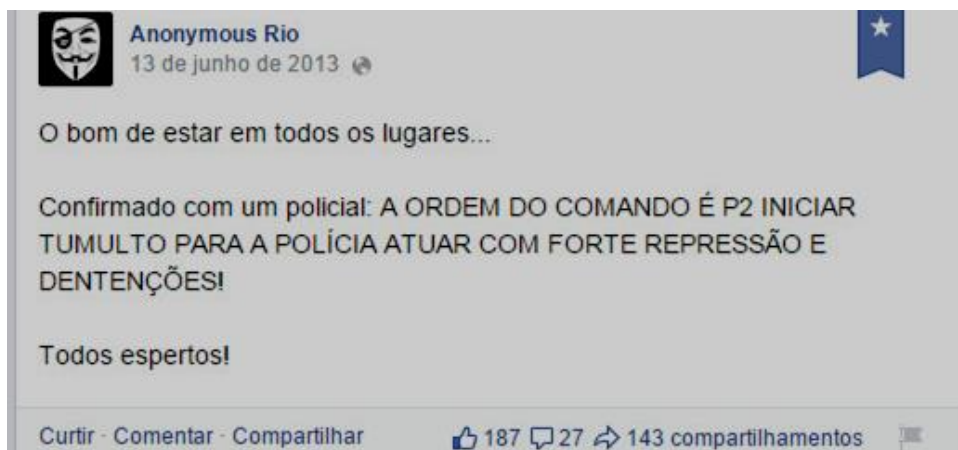


Figura 26 - Informações durante os acontecimentos

Muitas vezes, durante um protesto ou manifestação, a página recebia avisos ou denúncias de manifestantes nas ruas, como pode ser visto na Figura 26. Essas mensagens são importantes para informar aqueles que desejam ir às ruas ou que já lá estão mas precisam ser alertados. Este tipo de postagem é característica das operações de cobertura que eram realizadas pela página. Quando informados de um protesto, os integrantes da célula decidiam quem iria “cobrir” o evento, sendo esta pessoa escolhida pelo critério de disponibilidade após a identificação dos interessados em comparecer presencialmente à manifestação. O encarregado pelo evento permanece online por todo o período de sua duração, atualizando a página e compartilhando informações que chegam das ruas, observando atentamente a caixa de entrada para responder aos pedidos em tempo real. As informações encontradas em páginas na internet onde há maior participação refletem uma visão diversificada dos acontecimentos, diferenciando-se da mídia tradicional.



Figura 27 - Pelo “lulz”, humor e crítica social

Podemos observar através da Figura 27 que eventualmente o Anonymous Rio se posiciona sobre um assunto de forma humorística, ironizando ou abordando de forma sarcástica uma notícia ou um comentário da rede de televisão. Este tipo de crítica é voltada à viralização, focando não em uma explicação elaborada (presente em outras postagens) mas na possibilidade de iniciar-se um debate sobre a temática.

Em debates nos comentários era comum a existência de participantes que procuravam exercer de forma mais agressiva suas opiniões, através de piadas de humor negro, xingamentos e ameaças. Os administradores possuíam uma política de censura e expulsão de postagens do tipo representada pelo seguinte princípio: “racistas, fascistas, xenofóbicos não passarão. Qualquer tipo de postagem de xingamento, homofobia e ódio será banida”. Situações claras de abuso como “tem que baixar o sarrafo mesmo em manifestante” eram deletadas sem necessidade de resposta. Caso existisse algum tipo de argumentação envolta em deboche como “Hahah é uma delícia responder isso” ou afirmações ingênuas como “O que mais a gente vê agora é motorista de ônibus dirigindo e dando troco ao mesmo tempo, um absurdo. Não tem nenhum que espere o pagamento terminar antes de começar a dirigir! ”, os administradores se reúnem através de aplicativos de troca de mensagens como o Whatsapp e perguntam se alguém está disposto e pode responder.



**Figura 28 - Divulgação de eventos**

A página atuava diretamente na divulgação de material alinhado com sua filosofia, como podemos observar na Figura 28. As postagens ampliavam o alcance da página uma vez que simpatizantes e participantes as propagavam em suas redes pessoais. A decisão pela ação de divulgar ou não de cada evento era construída através de um debate entre os

participantes da página, prevalecendo a escolha da maioria por votação simples. Por exemplo, no dia 15 de março de 2015 ocorreu uma série de protestos pedindo o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff e, como era de se esperar, seguidores da página questionaram se haveria divulgação ou apoio a este evento. Após curta discussão entre todos os integrantes através de um grupo no Telegram, foram levantados alguns pontos: 1) Os Anonymous não apoiam o sistema representativo, logo o impeachment não é uma ferramenta desejável para escapar deste sistema; 2) Deveria se evitar palavras de ordem voltadas à pessoa da presidenta, e não seu papel político; 3) A argumentação dos organizadores do protesto se utilizava de justificação da violência policial, desqualificando os outros movimentos como vândalos; 4) Diferenciar os manifestantes entre verdadeiros e falsos; 5) A crença moralista no sistema político, aparentando o objetivo de lançar-se somente contra petistas. A partir deste debate ficou acordado entre os administradores que não seria oferecido qualquer tipo de apoio ao protesto.

## 7. O Brasil em junho de 2013.

*“Vem, vamos pra rua, pode vir que a festa é sua. Que o Brasil vai tá gigante, grande como nunca se viu. Vem, vamos com a gente, vem torcer, bola pra frente, sai de casa, vem pra rua, pra maior arquibancada do Brasil”.*

*Composição de Henrique Ruiz Nicolau, interpretação de Falcão em 2013, O Rappa.*

Como exposto até aqui, as manifestações que tomaram boa parte do país em Junho de 2013 são parte de um crescendo de numerosas mobilizações de movimentos sociais. Através destas mobilizações, redes de associação capazes de grande alcance foram lentamente sendo construídas, a despeito da tendência de criminalização dos manifestantes. No entanto, existem outras narrativas que disputam a explicação dos eventos e que também devem ser expostas.

Reunimos quatro obras publicadas com a proposta de apresentar leituras divergentes sobre os protestos de 2013. São coletâneas de artigos de acadêmicos e figuras públicas brasileiras que tecem análises baseadas em seus campos de conhecimento e nas suas experiências políticas. O livro “Brasil em Movimento”(2014), organizado por Maria Borba, Natasha Felizi e João Paulo Reys é uma coletânea de textos, entrevistas e trabalhos artísticos que foram coletados entre junho e dezembro de 2013. Seus textos, que possuem entre seus autores políticos e artistas, apresentam uma visão mais panorâmica e superficial produzida no calor das manifestações, ainda que não se limite aos acontecimentos da época, abordando também problemas mais amplos do país. O livro “Jornadas de Junho: leituras e repercussões” (2013), organizado por Cidoval Morais de Sousa e Arão de Azevêdo Souza em 2013, compõe-se de textos escritos no calor dos acontecimentos.

O livro “20 Centavos: A luta contra o aumento” (2013) de Elena Judensnaider, Luciana Lima, Marcelo Pomar e Pablo Ortellado reúne uma mistura de entrevistas, etnografias e relatos jornalísticos. Seus textos foram produzidos em contato direto com os integrantes do Movimento Passe Livre e, portanto, apresentam uma visão dos protestos mais engajada com a militância. A obra “Brasil em crise” (2015), de organização de Vitor Cei e David Borges, é fruto de duas edições do “Seminário de Pesquisa Social: Brasil em crise” realizado em 2014 em Vitória (ES) e Linhares (ES). Seus textos apresentam um maior tempo de distanciamento das ruas e uma análise mais acadêmica dos protestos.

Como as Jornadas de Junho de 2013 ainda são acontecimentos relativamente recentes em nossa história, foram selecionadas as poucas obras já publicadas que se



debruçaram sobre a temática. Com base nas informações obtidas através das entrevistas realizadas neste estudo de caso, buscamos também separar os protestos de 2013 e 2014 dos ocorridos no período pós Copa do Mundo. O leitor pode estranhar o critério utilizado para a separação, uma vez que propomos alguma continuidade entre protestos anteriores e as Jornadas de Junho de 2013, mas asseguro que as características das manifestações diferem fortemente, assim como seus organizadores, público, pautas e objetivos<sup>62</sup>.

Para melhor compreendermos as manifestações massivas que ocorreram no país, precisamos considerar o contexto construído pelo megaevento que foi propagandeado como motivo de orgulho nacional. A Copa do Mundo de 2014 foi festejada em diversos momentos, do sorteio ao anúncio, como expressão do amor pelo futebol e símbolo do progresso social e econômico conquistado pelo Brasil. Alardeada pela imprensa dentro e fora do país como evento promissor, popular e democrático, a “Copa das Copas”, como nomeada pela presidente Dilma Rousseff, seria a oportunidade de mostrar para todo o planeta a alegria, a competência e a força do povo brasileiro.

Este esforço publicitário em torno do evento ajudou a reforçar o contraste entre o padrão de qualidade exigido na construção da infraestrutura voltada aos jogos e o baixo rigor do poder público com seus serviços essenciais. No entanto, a dicotomia existente entre gastos elevados com eventos esportivos e investimentos insuficientes para áreas críticas não explicam satisfatoriamente o surgimento das manifestações. A insuficiência do orçamento público destinado a projetos sociais é um problema histórico do país, e o cenário econômico de 2013 também não era especialmente recessivo. Os atores que ocuparam as ruas em 2013 eram desconhecidos ou não reconhecidos como parte legítima do quadro de movimentos sociais pela mídia e por parte da intelectualidade. Por este motivo, encontramos leituras desinformadas que expressam espanto e incompreensão:

Nem os movimentos sociais, nem os partidos políticos, ou qualquer outra instituição social organizada, assumiu a autoria nem o comando daquelas inesperadas ações. Ainda assim, elas começaram a acontecer e acabaram mobilizando muita gente, sobretudo, os jovens. Numa explosão de manifestações aparentemente espontâneas que deixaram perplexos os mais renomados sociólogos e analistas políticos nacionais e internacionais. (GERMANO, p.92, 2013)

---

<sup>62</sup> As pesquisas do Datafolha realizadas em 2016 apresentam dados que mostram uma fraca participação dos jovens (até 20 anos) nos protestos pró e contra impeachment (6% e 9% respectivamente). Comparados estas informações aos dados de 2013 do IBOPE, fica notável a diferença de perfil do público (43%). Fonte: <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/ausencia-de-jovens-em-protestos-anti-governo-chama-a-atencao-de-pesquisadores-e-analistas/> e <http://www.agppesquisas.com.br/noticias-e-artigos/veja-pesquisa-completa-do-ibope-sobre-os-manifestantes/> Acesso em 20/05/2016

Se procurarmos os conceitos “autoria” e “comando” entre os manifestantes, provavelmente não encontraremos alguém que reivindique este papel qualificado. Se considerada a atuação do Movimento Passe Livre na organização das primeiras manifestações de junho de 2013 em São Paulo, dificilmente poderíamos negar a participação de movimentos sociais nas jornadas de junho. O mesmo pode ser questionado sobre o suposto caráter “explosivo” e “repentino” das manifestações, qualificações que refletem uma baixa visibilidade dos frequentes protestos que ocorrem nas cidades brasileiras. “Quando nos espantamos com determinadas manifestações sociais que até décadas pouco anteriores eram comuns é sinal que algo de relevante pode estar acontecendo.” (NETO, 2013, p.22). Portanto, ainda que as julguemos como “pontos fora da curva” se comparadas em seu escopo e intensidade com as movimentações populares do país, as jornadas de junho não devem ser vistas com espanto quando cotejadas com a história da política nacional.

A narrativa adotada pela presidência da república atribuiu as manifestações ao resultado de anos de política de distribuição de renda que haviam transformado setores da população mais pobre em classe média, mas que não se havia ainda avançado no sentido de preparar a infraestrutura urbana para esse novo influxo de pessoas.<sup>63</sup> Esta narrativa, que celebra o protesto como fruto de uma vitória mal compreendida, era uma explicação problemática para uma população urbana que convive com insuficiências infraestruturais de todos tipos por décadas. A promessa de investimentos associados à vinda da Copa do Mundo de 2014 também contribuiu para o acirramento das tensões, pois entre estes gastos foram privilegiados apenas os diretamente associados ao evento. O cenário resultante foi a combinação do abandono de importantes projetos de mobilidade, como corredores de ônibus, linhas de metrô, modais de VLT e BRT que eram esperados pela população, somados ao aumento constante das tarifas de transporte<sup>64</sup>.

---

<sup>63</sup> O argumento foi utilizado de forma repetida pela presidência e publicações de esquerda. Fonte: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-que-as-manifestacoes-no-brasil-nos-dizem-1313.html> e <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/dilma-defende-protestos-e-diz-que-governo-ouve-vozes-pela-mudanca.html>. Acesso em 20/07/2014.

<sup>64</sup> Menos de um terço das promessas foram entregues, e as que ficaram completas diziam respeito aos estádios e aeroportos. No período a cidade do Rio de Janeiro passou por aumentos da tarifa do transporte muito acima da inflação. Fonte: <http://apublica.org/2013/01/promessa-da-copa-2014-de-melhorar-mobilidade-urbana-nao-sera-cumprida/>, <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2014/05/projetos-de-mobilidade-urbana-para-copa-ficam-restritos-estadios.html> e <http://oglobo.globo.com/rio/tarifa-de-onibus-no-rio-subiu-38-mais-que-inflacao-desde-inicio-do-governo-de-paes-14958031>. Acesso em 20/07/2014.

Ao tentarem narrar os acontecimentos de junho de 2013, os atores que ocupavam as ruas buscaram privilegiar suas vivências e validar uma interpretação de mundo conveniente para seus interesses. Escolhemos, portanto, utilizar as informações levantadas através das entrevistas e do acompanhamento resultante deste estudo de caso como um meio de amplificar suas vozes. O trabalho de comunicação e articulação produzido pela Anonymous Rio apresenta os efeitos colaterais das obras do Mundial, o desprezo das autoridades pelos mais pobres, manifesta na remoção de moradores de rua<sup>65</sup>, na violação do direito à moradia<sup>66</sup>, no ataque aos povos tradicionais<sup>67</sup>, no despreparo das forças policiais com sua violência constante contra repórteres<sup>68</sup> e manifestantes, no superfaturamento das obras dos estádios<sup>69</sup>, nos pronunciamentos sarcásticos de figuras públicas e autoridades<sup>70</sup> e na atuação irrestrita da Fifa a despeito das leis brasileiras<sup>71</sup>. Estes atores, através de suas vozes e ações, demonstraram como o governo afastou-se da população e assumiu um certo padrão de resposta aos movimentos sociais:

Existe, portanto, uma tendência muito forte em negar direitos aos grupos mais vulneráveis e distantes do poder; quem acompanhou, por exemplo, as greves dos garis, dos professores, dos metroviários, etc., se deparou com toda sorte de artifícios para deslegitimar essa luta; em suma, a concessão de direitos e o edificar de uma vida mais digna para as pessoas colide com interesses que não são “a felicidade de todos”, ou sequer coisa minimamente parecida. (PIRES, 2015, p. 66)

---

<sup>65</sup> A higienização social ocorreu novamente para preparar uma aparência turística: [http://www.olhardireto.com.br/copa/noticias/exibir.asp?noticia=Sociologo\\_critica\\_limpeza\\_social\\_durante\\_Copa\\_e\\_cobra\\_criacao\\_de\\_poiticas\\_publicas&edt=7&id=6619](http://www.olhardireto.com.br/copa/noticias/exibir.asp?noticia=Sociologo_critica_limpeza_social_durante_Copa_e_cobra_criacao_de_poiticas_publicas&edt=7&id=6619). Acesso 28/10/2014.

<sup>66</sup> Obras da Copa resultam em expulsões e remoções de milhares de famílias: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/pesquisadora-faz-mapa-da-expulsao-de-moradores-por-obras-da-copa-em-curitiba>. Acesso 28/10/2014.

<sup>67</sup> Museu do índio ameaçado por obras da copa, em seu lugar seria erguido um estacionamento: <http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/12/concluida-desocupacao-do-antigo-museu-do-indio>. Acesso 28/10/2014.

<sup>68</sup> Agressões policiais aos profissionais da mídia foi intencional em 77% casos: [http://www.abraji.org.br/?id=90&id\\_noticia=2687](http://www.abraji.org.br/?id=90&id_noticia=2687). Acesso 28/10/2014.

<sup>69</sup> Obras da copa e desvios: <http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-2014/jornal-mais-carro-da-copa-estadio-do-df-tem-desvios-de-r-212-mi,bc00d316aab7c310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>. Acesso 28/10/2014.

<sup>70</sup> Ronaldo, famoso jogador de futebol, afirma que não se faz copa com hospital: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2013/06/1297590-ronaldo-usa-web-e-se-defende-da-afirmacao-de-que-nao-se-faz-copa-com-hospital.shtml>. Acesso 28/10/2014.

<sup>71</sup> Imposições da Fifa são inconstitucionais, apresentam distorções enormes em favor de corporações: <http://esportes.r7.com/futebol/noticias/exigencias-da-fifa-para-a-copa-violam-direitos-do-consumidor-brasileiro-20111005.html>. Acesso 28/10/2014 às 19:40.

Testemunhamos então um desinteresse ou talvez uma incapacidade do governo de dialogar com os mais afetados por suas ações, tendo optado por adotar de forma impositiva projetos claramente orientados à satisfação das necessidades de organizações estrangeiras e grandes grupos econômicos.<sup>72</sup> O posicionamento das instituições midiáticas frente às manifestações alinhou-se com o das autoridades, a começar pela completa desqualificação das manifestações taxadas de grupos minoritários e posteriormente criticadas por seus supostos comportamentos erráticos que apelavam para a violência como forma de protesto:

Nessa leitura, os protestos seriam uma intervenção radical de grupos muito pouco representativos e sem legitimidade que, desprovidos dos meios institucionais de atuação política, tentavam se fazer ouvir bloqueando as principais vias da cidade e destruindo o patrimônio. Com isso desrespeitando o direito de ir e vir dos cidadãos e gerando grande prejuízo à cidade. (JUDENSNAIDER, p.33, 2013)

É através desta narrativa midiática que se consolidou a categoria “vândalo”<sup>73</sup> como central no discurso midiático, utilizada por toda a duração dos protestos, inicialmente como uma justificação da necessidade de maior atuação das forças policiais na repressão<sup>74</sup> e, posteriormente, como forma de distinção entre manifestantes legítimos e ilegítimos (RESENDE, 2015, p.122). O vândalo logo tornou-se o rótulo maniqueísta que tinha um papel claro: “separar os bons dos maus manifestantes – isto é, os partidários dos partidos (sobretudo dos partidos da extrema esquerda) e os não violentos dos violentos.” (JUDENSNAIDER, p.140, 2013). A mídia alternava o seu posicionamento<sup>75</sup> entre a individualização da violência como um comportamento sociopata ou irracional, e

---

<sup>72</sup> A F.I.F.A. obteve lucro recorde em sua edição da Copa do Mundo de 2014, mesmo sendo realizada durante crise econômica mundial. Fonte: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,fifa-fatura-r-16-bilhoes-com-a-disputa-da-copa-do-mundo-no-brasil,1653669> Acesso em 12/09/2015

<sup>73</sup> Gentílico que define o membro de uma tribo germânica. Termo apropriado pelos romanos com o significado similar à bárbaro, um “não romano” ou “não civilizado”, apropriação etnocêntrica do outro usada aqui como forma de desqualificação daqueles que não aceitam as regras do jogo político.

<sup>74</sup> “A representação dos protestos como atos de violência, fúria e descontrole é veiculada para reivindicar mais repressão. O restante da cobertura do jornal reforça a mensagem em destaque no editorial, dando ênfase às “marcas do vandalismo” do protesto anterior, à responsabilização criminal dos envolvidos e às detenções realizadas, além de dar grande destaque aos policiais feridos na última manifestação.” (JUDENSNAIDER, p.85, 2013)

<sup>75</sup> A estratégia da mídia não é nova, sendo descrita por Francis Dupuis-Déri “[...]“Câncer”, “idiotas”, “bandidos irracionais”, “anarquistas”, “jovens vadios”, “desprovidos de crenças políticas”, “sede de violência”, “vandalismo”, “covardia” ... Meros epítetos sob o disfarce de explicações? Talvez. Mas palavras como essas têm efeitos políticos muito reais, pois privam uma ação coletiva de toda a credibilidade, reduzindo-a à expressão única de uma violência supostamente brutal e irracional da juventude.” (DUPUIS-DÉRI, p.30-31, 2014)

a atribuição das manifestações a grupos organizados dotados de uma agenda terrorista. Entre os principais trunfos da campanha midiática estava o Black Bloc, uma tática de proteção contra a ação policial que foi transformada em grupo e mistificada como partidária de extrema esquerda, categorização contestada pelos relatos de pesquisadores:

Na origem já se percebe, portanto, a primeira grande característica da tática: a proteção dos espaços de autonomia. Quer se trate de acampamentos ou imóveis ocupados, quer se trate do direito de reivindicar melhores condições de vida, a tática aparece como estratégia de defesa daqueles que discordam do modo de vida dominante e são impedidos de se organizar de maneira autônoma. Ou seja, a tática já nasceu como autodefesa contra os ataques policiais. Se quisermos utilizar a nomenclatura de Hakim Bey (2011), poderíamos definir black bloc da seguinte forma: trata-se de uma tática de defesa das zonas autônomas temporárias (as ZATs), sejam elas os acampamentos ou ocupações na Alemanha, os espaços de reivindicação nas ruas ou as reivindicações dos professores cariocas e capixabas em greve. (ALVIM, 2015, p.75)

A imagem do Black Bloc como tática de proteção contra a repressão policial foi reforçada pelos depoimentos colhidos por pesquisadores em campo que observaram a aprovação dos manifestantes sobre o uso destas táticas de confronto, como explicitado no caso registrado durante a greve de professores: “Enquanto ‘os mascarados’ cantavam ‘o professor é meu amigo, mexeu com ele, mexeu comigo’ e agiam na proteção dos educadores contra a agressão policial, os professores, por sua vez, respondiam: ‘o black bloc é meu aluno, mexeu com ele, mexeu comigo’”. (BARREIRA, 2015, p.89). Em uma rápida busca pela internet, é possível encontrar inúmeros vídeos<sup>76</sup> produzidos pelos manifestantes onde a indignação e a esperança alimentadas por movimentos em todo o mundo são a tônica de uma outra história que nega a força explicativa às categorias vândalo e rebelde. É relevante para a nossa análise perceber o contraste entre estas produções e o discurso oficial construído a partir de um outro conceito de democracia e participação política. As narrativas de mundo apresentadas possuem diferentes estéticas, linguagens e meios de transmissão, evidenciando-se a força das tecnologias de informação na produção e disseminação de relatos jornalísticos independentes:

Urge narrar à rede tudo o que acontece [...] ninguém na multidão está a salvo das bombas de gás, dos tiros de borracha etc. Justamente nesses momentos de tensão é que as imagens mais revelam as limitações técnicas de sua produção pelos aparatos móveis, criando mesmo uma estética do streaming pautada,

---

<sup>76</sup> Entre vídeos e documentários, não faltam registros das manifestações de junho de 2013, muitos dos materiais são produzidos de forma independente e mostram diversos pontos de vista: <https://www.youtube.com/watch?v=KktR7Xvo09s>, <https://www.youtube.com/watch?v=3dIPZ3rar00>, <https://www.youtube.com/watch?v=E13BKzwXCho>, <https://www.youtube.com/watch?v=5zVcuhA8MY>, <https://www.youtube.com/watch?v=sh0My2MdaIA>, <https://www.youtube.com/watch?v=0ox56RIZOul>, <https://www.youtube.com/watch?v=tsIAC99DM10>. Acesso 28/10/2014 às 21:22.

sobretudo, no ruído. Grosso modo, as imagens resultantes dessa transmissão são borradas, pixelizadas, instáveis e sem foco. Mas tais resíduos são também informativos na medida em que são a própria expressão da urgência de estar ali. A imagem, então, é também o próprio ato da sua captura e das condições em que foi realizada. (OLIVEIRA & SILVA, 2015, p.53)

Com o crescimento da agressão policial desmedida a repórteres, os grandes meios de comunicação cederam parcialmente ao argumento de legitimidade das manifestações e assim passaram a acompanhar as denúncias de abuso de violência policial. Essa mudança de atitude foi fruto principalmente de um reconhecimento do apoio popular aos protestos, uma mudança todavia acompanhada de uma nova tentativa de captura através do redirecionamento do seu propósito: “[...] eles param de identificar o movimento com os partidos políticos da extrema-esquerda; e, adicionalmente, sugerem que sob a insatisfação com o preço das passagens escondem-se muitas outras insatisfações.” (JUDENSNAIDER, p.139, 2013).

Entre as táticas de captura das manifestações, destacam-se as das revistas *Época* e *Veja*, que em editoriais propunham explicar quem seriam os manifestantes e suas motivações. Estas matérias, apesar de superficiais, procuravam traçar perfis dos manifestantes enquanto imputavam-lhes seus valores e agendas. A estratégia foi reforçada nos dias seguintes nos principais canais abertos de televisão e em revistas de grande circulação: o objetivo não era mais deslegitimar a violência policial ou o vandalismo, mas capturar a pauta dos protestos. A mídia usou sua força e alcance para tentar estabelecer uma nova narrativa que fosse aceitável para os manifestantes, removendo de sua cobertura menções diretas ao preço das passagens e, aproveitando o descontentamento com a Copa do Mundo, levantando novos problemas até então não debatidos como a PEC 37<sup>77</sup> e procurando colocar a corrupção como maior problema enfrentado pelo país (JUDENSNAIDER 2013, p.146). A estratégia começou a render frutos quando, com o apoio da mídia, as manifestações registraram os maiores índices de participação, trazendo novos atores para as ruas que se encaixavam cada vez mais no perfil sugerido pelas revistas.

A aparência das manifestações modificou-se rapidamente. Em poucos dias brotou uma profusão de novas pautas (corrupção, PEC37, melhoria de serviços públicos, a favor

---

<sup>77</sup> A Proposta de Emenda Constitucional 37 propunha a limitação dos poderes de investigação do ministério público, transferindo a responsabilidade exclusivamente para as forças policiais. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=507965> Acesso em 26/10/2016.

da liberdade de expressão, contra a violência), tornou-se colorida (principalmente de verde e amarelo), nacionalista (o hino nacional cantado e a presença de bandeiras por toda parte), e passou a contar com um público mais rico e envelhecido. Nesse período houve também uma diminuição da repressão policial: “Ao contrário dos atos anteriores, não há detenções, manifestantes feridos, cenas de depredação ou vandalismo. O grito [nas ruas era] “que coincidência! Não tem polícia, não tem violência!” (JUDENSNAIDER, 2013, p. 164).

A mídia passou a cobrir extensivamente as manifestações, procurando mais uma vez ressaltar a divisão dos manifestantes entre legítimos (agora claramente exemplificados nas ruas) e extremistas. Com o apoio dos meios de comunicação oficiais, os protestos populares ocorridos em junho de 2013 alcançaram amplo respaldo popular, trazendo cada vez mais às ruas pessoas com sonhos de mudança (BORGES, 2015, p.22) e passaram a imagem de que aquele seria um dos momentos mais icônicos da história democrática nacional. A passividade do brasileiro havia sido contestada, a mobilização era acompanhada do mote “O gigante acordou”, o futebol havia se transformado de motivo de orgulho em razão para indignação e as campanhas publicitárias de empresas fabricantes de whisky e automóveis tiveram seus lemas apropriados para protestos<sup>78</sup>.

A presença de novos atores, convocados pela mídia ou não, provocaram conflitos entre os manifestantes e uma competição entre pautas e métodos de ação. A divergência entre os grupos tornava-se mais radical a cada tentativa de definição clara do propósito ou validade das manifestações, situação que foi registrada nos protestos em Curitiba:

Também já se podia identificar indícios dos três grandes rachas que desmobilizariam as manifestações: as disputas em torno das pautas, dos partidos e da violência – ou, como se tornou comum denominar, “vandalismo”. Tais conflitos se tornariam explícitos no ato seguinte, no dia 20, quando a marcha se dividiu em duas: a da “esquerda” e a dos “sem-partido” – a primeira vermelha e a segunda verde e amarela. [...] A “marcha vermelha” foi na frente; quando a “verde e amarela” chegou, a primeira debandou. Na sexta-feira, 21, a confusão foi tanta que a multidão inicial separou-se em pelo menos quatro grupos e houve conflitos entre manifestantes e a torcida organizada do Atlético Paranaense em frente ao estádio do time, e destes dois grupos com a Tropa de Choque. (TORINELLI, 2015, p.54-55)

---

<sup>78</sup> O slogan das companhias FIAT (vem pra rua) e Johnny Walker (o gigante acordou) se tornaram temáticas presentes nos protestos por todo o país, ocorrendo uma transformação de seu significado e intencionalidade: <http://g1.globo.com/musica/noticia/2013/06/criador-de-vem-pra-rua-comenta-uso-da-musica-em-protestos.html> e o vídeo criado pelas manifestações: <https://www.youtube.com/watch?v=o38xx3yMvek>. Acesso em 29/10/2014.

É importante ressaltar que a argumentação utilizada pela imprensa de manipulação dos manifestantes não é uma via de mão única, entre as análises produzidas sobre junho de 2013, existem teóricos que apresentam uma leitura crítica das motivações ditas “populares”, como os gritos contra a política, a valorização do anonimato entre os manifestantes, a argumentação da horizontalidade em meio a protestos planejados, e a suposta espontaneidade dos protestos (THEIS, 2013, p.57). No entanto, movimentos sociais não ocorrem em um vazio histórico: todas as características criticadas, através da mídia ou da academia, são respostas construídas em lutas realizadas por diferentes atores em múltiplos contextos sociais. Como evidenciamos no desenvolvimento desta pesquisa, as táticas e princípios encontrados nas ruas em junho de 2013 estão presentes em organizações anarquistas, feministas e apareceram em outros protestos ocorridos no mundo. Os debates e as movimentações do ativismo popular que construíram os movimentos sociais, sejam os coletivos Anonymous ou o Movimento Passe Livre, estavam articulados com outras forças políticas que já vinham debatendo a viabilidade desses tipos de organização e atuação. A luta pelo transporte público como direito essencial é em muito anterior aos protestos de junho de 2013, já tendo sido elaboradas formas de se efetivar tal medida, como a cobrança do valor da tarifa de forma diluída em um tributo proporcional ao invés da cobrança por viagem efetivada na ponta de entrega do serviço, conforme explicado a seguir:

Como ter o direito à saúde pública se é necessário pagar para chegar ao posto de saúde? Idem para a educação pública? [...] A tarifa zero foi proposta e encaminhada junto com a respectiva reforma tributária, que gerava recursos adicionais ao orçamento municipal a fim de garantir esse novo serviço pago indiretamente, e não no ato de sua utilização, como ocorre com a coleta e destinação final de lixo, a iluminação pública, para não falar da saúde, educação e segurança públicas. A reforma tributária era baseada no princípio da progressividade pelo qual “paga mais que tem mais, menos quem tem menos e não paga quem não tem”. (GREGORI, 2014, p.103)

A sedução do imaginário provocada pelos protestos de junho de 2013, atua tanto sobre sonhadores quanto sobre os críticos. Temos, no entanto, que evitar a grande narrativa que transforma a série de movimentações populares em “jornadas” e constrói seu lugar na história democrática da nação. Os eventos de junho foram construídos por pessoas e suas ações nas ruas e ao trazermos nosso olhar para o nível das formigas, nos aproximando delas e nos juntando à sua perspectiva, podemos então compreender melhor não só o contexto nacional como também a materialidade dos acontecimentos. Vamos seguir os atores da página Anonymous Rio em sua experiência sobre os eventos ocorridos entre junho de 2013 e o fim de 2014.



## 8. A experiência da perseguição

Narramos até aqui a história de um pequeno grupo de pessoas unidas por convicções em comum e a inspiração de um ideal nascido em praias estrangeiras, mas que através da internet se comunicou com diferentes públicos transmitindo uma outra narrativa de mundo. Agora acompanharemos a história de Tiago Teixeira Neves da Rocha, antigo participante da página Anonymous Rio, em sua militância e na administração dos efeitos da contestação do discurso oficial dos poderes estabelecidos.

Após sua entrada na página em 2011 por convite de um amigo, Tiago, percebendo a escassez de boas fontes de informação para os manifestantes e levado pela necessidade de comunicar os acontecimentos que se passavam em sua realidade, passou a assumir um papel mais ativo em seu funcionamento, uma atividade que crescia juntamente com a popularidade da página e trazia novas notícias e eventos a serem acompanhados:

*Do pessoal do início muita gente foi limada, tinha muita gente mesmo e ninguém fazia muita coisa, nem dava falta delas. A primeira limpa quem fez foi eu, um dos caras do começo fez uma cagada muito grande na página do Ocupa Rio [...] Na época todo mundo era sempre administrador por uma questão ideológica de horizontalidade. A intenção sempre foi a de difusão de informação e notícias. Sempre foi para divulgação de coisas que aconteciam na cidade [...] tinham as questões do Horto, da Vila Autódromo, das ocupações, fora do Rio tinha as movimentações da usina hidroeétrica de Belo Monte, teve o quilombo Rio dos Macacos lá na Bahia. (Tiago, 2015)*

O esforço de produção de conteúdo é muitas vezes uma empreitada individual e praticamente não recebe qualquer tipo de reconhecimento. A atividade compete com outras demandas do cotidiano dos participantes, sendo comum a inatividade de vários participantes durante períodos mais atribulados de suas vidas. Quando questionado o motivo para sua participação em movimentos sociais e seu envolvimento com a página Anonymous Rio, Tiago procurou explicar sua aproximação das ideias anarquistas de forma cuidadosa, chegando a reconhecer o peso social que a imagem do nome carrega:

*Sempre fui mais à esquerda, mas tento não me rotular, para evitar problemas de interpretação. Por exemplo, os anarquistas acadêmicos são um porre [...] tem o rei na barriga. Mas eu sempre entendi Anonymous como essencialmente anarquista, mas com uma estratégia de marketing diferente, que fugia desse nome por ser antigo, pichado de diversas formas. (Tiago, 2015)*

A fuga dos rótulos e a aproximação do Anonymous como meio de atuação são escolhas relacionadas, uma vez que a “estratégia de marketing” do anonimato oferecia uma experiência de baixo custo de aproximação e adesão, além da proteção oferecida contra os julgamentos diretos. Ele não esperava que seu trabalho como produtor de

conteúdo para uma simples página no Facebook fosse produzir um resultado tão grande em um curto intervalo de tempo. Mas isso não quer dizer que era desavisado do perigo envolvido na construção de narrativas:

*Eu imaginava que talvez a longo prazo fosse acontecer, mas era trabalho de formiguinha. [...] Mas foi muito mais rápido, em um prazo tão curto que não esperávamos. Até o salto de 30 mil para 130 mil [seguidores] foi em coisa de uma semana, fora de qualquer controle. Na minha percepção algo que pode incomodar muito o poder estabelecido é o fluxo de informações, quando ele nota que não consegue mais controlar o fluxo de informações, ele procura estancar isso. (Tiago, 2015)*

A percepção do desafio do trabalho, tanto em seu escopo (formiguinha) quanto em sua potencialidade (alcance), são temas recorrentes nas conversas com os participantes da página. A motivação para o enfrentamento dos riscos é fruto de um reconhecimento do trabalho como coletivo frente a uma postagem (polêmica e bastante compartilhada), uma exposição na mídia (jornais e revistas mencionando o coletivo) ou o elogio dos pares (outros coletivos ou seguidores elogiando o trabalho). Fátima observou também esse padrão de retroalimentação na mobilização, onde a cobertura dos protestos alimentava um novo ciclo de indignação que motivava novas manifestações que, por sua vez, se reprimidas de forma semelhante, voltavam a contribuir para o reinício do ciclo:

*Criou um ciclo vicioso, a gente ia fazer o protesto, não fazia nada demais e apanhava da polícia que vinha dispersar com violência. Aí postávamos os vídeos no Facebook, aí o pessoal ficava indignado e vinha mais gente na seguinte. Foi crescendo ao longo de 2012 e já chegou em 2013 com um número bem grande, não foi subitamente em junho. (Fátima, 2015)*

A percepção dos efeitos resultantes dos esforços também é um poderoso motivador para o trabalho dos participantes da página, mas aparentemente isso não se traduz em arrogância. Quando questionado sobre a contribuição da página para a ocorrência dos protestos, Tiago reconheceu que não foram frutos apenas da página Anonymous Rio, mas dos coletivos de pessoas que estavam engajados em projetos semelhantes, guiados pela ideia que inspirava esse tipo de cobertura dos protestos:

*Na Central do Brasil, no final de 2012 começou a ter batalhão de choque [...] Eu quase fui preso por estar filmando nesse dia [...] Um policial passou do meu lado e me engravatou, então comecei a gritar “eu estou sendo detido, não cometi crime nenhum”. Tinha um cara perto que filmou essa situação acontecendo. O policial viu e resolveu me soltar, mas pegou outro cara que ninguém estava filmando. Antigamente tinha protesto, tinha repressão, as pessoas apanhavam e ficava por isso mesmo, ninguém ficava sabendo. Ou a mídia cobria mas de forma enviesada que não dava nada. Agora tem um monte de versões independentes sobre o que aconteceu. Em 2012 teve o caso do sub tenente Durange, que deu um choque com um taser irregular nas costas de em*

*uma menina que só estava segurando um cartaz*<sup>79</sup>. [isso foi filmado] Esse vídeo viralizou e indignou muita gente e ele foi afastado das ruas e depois não se teve mais notícia. (Tiago, 2015)

O trabalho de cobertura nas ruas traz consigo a contradição do papel das filmagens como ferramentas de proteção contra a ação policial, servindo simultaneamente como material de denúncia e como fonte de maior risco de perseguição. Se era apenas uma questão de trabalho e tempo até a incomodar as autoridades, os integrantes da página não pareciam estar extremamente preocupados a respeito. O uso de perfis pessoais foi comum durante muito tempo tanto na administração como na participação das discussões ao longo dos comentários. De certa forma, parecia fazer parte do jogo de enfrentamento, um risco consciente tomado por aqueles que nunca vivenciaram a perseguição e a vigilância:

*Não esperava que acontecesse como vigilância física, mas como uma digital. No momento que gerasse incômodo era só pedir ao Google, ao Facebook que eles teriam os dados todos. [...] Em vários momentos ficou a questão dos perfis pessoais em aberto, tinha um pouco de comodismo, de praticidade. Muitas vezes estávamos na rua e tinha algo acontecendo, um abuso de poder da polícia com camelôs, algum protesto que a gente queria cobrir, era mais prático postar diretamente do celular mesmo. E na época não era o Android, era o Symbian ainda, que não tinha muitas opções de controle, aplicativos. Foi uma opção, no fundo era um risco que escolhi correr. Se desse merda, paciência, tudo tem seu risco. (Tiago, 2015)*

Mesmo com os riscos assumidos em relação ao anonimato das ações, os participantes da página demonstraram uma preocupação maior com o possível enquadramento legal dos conteúdos divulgados, procurando evitar qualquer tipo de apologia direta à violência. Ainda assim, as ações da página deram fruto a um manual de instruções aos manifestantes, que apesar de conter apenas dicas e precauções, serviria como parte do embasamento ao processo legal que viria a ser instaurado contra o coletivo:

*A gente sempre tomou cuidado para que nada que a gente escrevesse fosse criminalizável. Acabamos filtrando algumas fotos que a polícia pudesse usar de alguma forma, nada que fosse ilegal, mas eles implicaram até com nosso manual de resistência pacífica<sup>80</sup>, que virou manual de terrorista e saiu na Veja.*

---

<sup>79</sup> O acontecimento filmado ainda está online e pode ser acessado através do endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=hC03T7Z5Of4>. Acesso em 20/12/2015.

<sup>80</sup> O Manual de resistência pacífica era um conjunto simples de instruções com menos de cinco páginas onde se informava como vestir-se, lidar com armas de efeito moral e comportar-se frente à abordagens da polícia. A matéria da revista VEJA divulgou a distribuição virtual do manual: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/manifestantes-distribuem-manual-do-protesto-pelo-facebook/>. O Jornal O Globo também o fez, mas utilizando-se de uma linguagem muito mais severa: <http://oglobo.globo.com/rio/anonymos-divulga-manual-de-enfrentamento-em-protestos-10318885>. Citando o coronel Milton Correa da Costa, o jornal afirma “A meu ver, o conteúdo da página comprova que estamos diante de uma organização criminosa, que ensina e difunde, via internet, táticas e técnicas de desobediência agressiva, que resultam em vandalismo contra as ações da polícia para a restauração da ordem pública. Uma perigosa difusão de práticas de guerrilha e terrorismo urbano e de afronta ao poder constituído. Um crime virtual, cujos autores e responsáveis têm que ser identificados e punidos na forma

*No começo era uma coisa meio só nossa, mas em 2012 começou a ter repressão por causa dos protestos na frente da prefeitura contra o aumento da passagem, começou a ter mais gente, umas cem, cento e cinquenta pessoas, e aí começamos a conseguir fechar rua, fazer barulho e incomodar. E mesmo nessa época já tinha gente levando porrada, choque, pimenta, gás, e era uma galerinha muito paz e amor. (Tiago, 2015)*

A criminalização e repressão das manifestações não estava relacionada diretamente à presença de agressões ou qualquer tipo de radicalização entre os participantes. Os cantos de “sem violência” entoados pelos manifestantes foram recebidos com indiferença pelas forças policiais, situação que precedeu o aparecimento da tática “black blocs” como forma de resistência contra a agressão gratuita encontrada nas ruas. A experiência de frustração com as forças policiais é visível também na voz de Fátima:

*A gente já tinha consciência de que nos outros países não era paz e amor, que não era senta no chão que eles param de bater, isso não funciona. A desculpa era por que estávamos fechando via, mas nós rebatíamos que tínhamos o direito de fechar a via em protesto, mesmo sem ter gente para fechar a rua toda. Parcialmente fechada já era suficiente para bater na gente. Não tinha diálogo, o que eles chamavam de diálogo era “tem que acabar agora”, a gente respondia “não, a gente quer continuar até tal lugar”, aí eles cortavam com “Mas se não acabar agora a gente vai dispersar”. Aí respondíamos “Vocês não vieram negociar?”. Eles respondiam com “Não, é para acabar” e partiam para a violência. (Fátima, 2015)*

Em 2013, durante o início das manifestações e no período de maior crescimento da visibilidade da página, ocorreu o episódio do roubo da página por Ludmila (capítulo 3). A partir das informações divulgadas na página e em seu Blog, foi possível identificar Tiago e Priscilla como administradores. No ano de 2013 dois dos integrantes da página foram alvo de inquérito conduzido pela DRCI (Delegacia de Repressão aos Crimes de Informática), chamado Operação Firewall<sup>81</sup>, na qual os suspeitos tiveram suas linhas telefônicas monitoradas e suas transações bancárias acompanhadas.

O inquérito é mais um ator produzido através de sucessivas traduções. Nele os conflitos do coletivo são reinventados em meio a intrigas (como descrito por Fátima), capturados por rondas virtuais e então traduzidos em possíveis ligações entre os atores. Até finalmente culminar em provas da suposta existência de uma organização criminosa. A narrativa policial é reforçada por frequentes traduções do linguajar dos investigados de forma a explicitar supostos “códigos” utilizados para mascarar suas intenções.

---

da lei.” É possível tirar suas conclusões ao acessar o conteúdo do manual através do endereço: <https://www.facebook.com/notes/anonymous-rio/princ%C3%ADpios-b%C3%A1sicos-da-resist%C3%A2ncia-pac%C3%ADfica/525346964182323>. Acesso em 13/01/2015.

<sup>81</sup> Referência ao programa de impedimento ao acesso indesejado a um computador.

Os administradores das páginas do Facebook acima citadas são “hackers” e invadem sites governamentais para expor informações sigilosas, como no caso da publicação de nomes e endereços de policiais militares após a invasão do site da PMERJ. A própria página “Anonymous Rio” foi hackeada e seus administradores foram acusados de causar o caos na cidade do Rio de Janeiro e no Brasil, de possuir relacionamento com estrangeiros para articular ações terroristas no Brasil e tiveram dados pessoais expostos na internet. (Inquérito Op. Firewall, Apenso 1, p. 9)

Todas as provas da investigação contra Tiago foram baseadas no escândalo construído pela traição de Fábio com Júlia, quando Ludmila assumiu o controle da página e expulsou os outros membros, considerados traidores e manipuladores de seu namorado. As informações divulgadas neste episódio foram tomadas como provas pelo inquérito:

Ocorre que a sucessão de diálogos capturados em print screens da tela só foi possível de ser coletados em razão de uma cisão entre os próprios membros da comunidade Anonymous Rio, que foi “hackeada” por um de seus frequentadores, expondo dados sobre os administradores da página, suas vinculações políticas e objetivos pessoais”. Essa “disputa interna” possibilitou que os diálogos postados na “time line” do perfil ficassem expostos para todo e qualquer internauta que o estivesse visitando naquele momento, sem nem mesmo a necessidade de estar “logado”, como pode ser observado nas imagens juntadas aquela investigação. (Inquérito da Op. Firewall Apenso 1, p. 107)

Tiago não acredita que o episódio de vazamento protagonizado por Ludmila isoladamente forneceu informação suficiente para embasar qualquer tipo de investigação policial, preferindo acreditar que existe outra fonte de informações que foi utilizada, mas que não é citada no processo e que seriam fruto de um decreto do governo estadual realizado justamente com a intenção de perseguir ativistas da rede no mesmo ano:

*A única prova no inquérito da nossa participação na página foi essa, mas acho que é por que era a única coisa legal. [...] houve um decreto de 2013 de acesso a informações do governo do estado que foi revogada. Ela conferia prioridade de acesso às informações, ou seja, se havia alguma ordem judicial que requeria informações, ela não entrava em fila, ia direto para as operadoras. Com certeza eles tiveram muitas informações, mas era tudo ilegal, o decreto era muito específico, falava de Black Bloc, Anonymous e tudo. [...] Hoje existem dois inquéritos ocultos sendo construídos aos poucos e uma ameaça em potencial guardada em uma gaveta só esperando a próxima situação em que seja preciso intimidar ou diminuir o fluxo de informações de novo. Polícia bater na porta é algo que pode acontecer a qualquer momento, mesmo sem qualquer justificativa legal. Se no processo eles colocam que é recrutador de atos violentos sem nenhum embasamento, prova ou explicação, o resto vai seguir a mesma linha. (Tiago, 2015)*

O decreto 44.302<sup>82</sup> foi promulgado pelo governo do Rio de Janeiro no dia 19 de julho de 2013, e previa a criação de uma Comissão Especial de Investigação de Atos de Vandalismo em Manifestações Públicas (C.E.I.V.). Sob o pretexto da necessidade do

---

<sup>82</sup> O decreto pode ser acessado na íntegra através do endereço: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=256720>. Acesso 04/02/2016.

combate ao dano causado por manifestações, propôs-se uma completa violação do direito à privacidade de toda a população:

“ [...] para promover uma maior eficiência na investigação e na tomada de providência para a prevenção da ocorrência de novos atos de vandalismo e punição das práticas criminais já perpetradas [...] Caberá à CEIV tomar todas as providências necessárias à realização da investigação da prática de atos de vandalismo, podendo requisitar informações, realizar diligências e praticar quaisquer atos necessários à instrução de procedimentos criminais [...] As empresas Operadoras de Telefonia e Provedores de Internet terão prazo máximo de 24 horas para atendimento dos pedidos de informações da CEIV.”  
(Decreto 44.302, 19/07/2013)

O decreto possuía teor extremamente aberto, oferecendo plenos poderes persecutórios para seus participantes (Ministério Público, Secretaria de Segurança e polícias Civil e Militar do Estado do Rio de Janeiro) e obrigando as operadoras de telefonia e provedores de internet a atender os pedidos de informações da CEIV dentro de um prazo máximo de 24 horas.

No dia 24 de julho, o decreto foi modificado de forma a suavizar o texto que já havia sido fortemente criticado pelas organizações de defesa dos direitos civis. A CEIV portanto precisaria de ordem judicial para solicitar a quebra de sigilo de ligações telefônicas e de Internet. O texto modificado também retirava o prazo de 24 horas para a liberação dos dados solicitados que agora passariam a ter prioridade para o atendimento.

A suspeita de Tiago sobre a investigação é reforçada pelos dados obtidos pelas forças policiais através de grampos cujo conteúdo é completamente irrelevante. Entre os registros telefônicos captados constam conversas entre os suspeitos onde são realizadas declarações de amor, fatos triviais do dia a dia e conversas sobre a política e protestos da época, como podemos testemunhar nas figuras 29 e 30:

<b>Telefone:</b> 55(21) [REDACTED]	<b>Data Inicial:</b> 07/06/2014 01:18:08	<b>Data Final:</b> 07/06/2014 01:23:01
<b>Interlocutor:</b> 55(21) [REDACTED]	<b>Alvo:</b> FIREWALL II - 21972655019	<b>Duração:</b> 293
<b>Operação:</b> FIREWALL II	<b>N.O.:</b> DRCI	<b>Relevância:</b> Pouca Relevância
<b>Comentário:</b> [REDACTED] X [REDACTED] - ELES SE CHAMAM DE AMOR E MARCAM NA RODOVIARIA AS OITO HORAS. ELA ACHA CEDO POIS QUERIA FAZER A UNHA ANTES. ELE DIZ ESTAR USANDO BARBA MAS DEVE TIFRAR. ELE DIZ QUE VAI PREPARAR OS PEN DRIVES PARA FAZER ALGO NO COMPUTADOR DA BADERNISTA GROSSA E FALA QUE ESSA PESSOA É GROSSA. FALAM EM LINUX E MANDRIVA. [REDACTED] FALA QUE [REDACTED] MARCOU ELE NO STATUS DELA. ELE FALA EM TER FICADO NO CHAT		

**Figura 29 – Inquérito da Op. Firewall registros telefônicos Apenso 3, p.35**

Telefone: 55(21) [REDACTED] Data Inicial: 10/06/2014 18:17:24 Data Final: 10/06/2014 18:18:32  
Interlocutor: Alvo: FIREWALL II - 21972377938 Duração: 68 '  
Operação: FIREWALL II N.O.: DRCI Relevância: Muito Relevante

Comentário: [REDACTED] X [REDACTED]

[REDACTED] AVISA QUE VAI FAZER O NEGÓCIO DO FACEBOOK  
[REDACTED] DIZ QUE PEDIU UM MEME QUE VAI DISPARAR TODOS OS DIAS QUE ESTIVEREM ATO NO RIO. NAS  
MANIFESTAÇÕES, PARA DAR OS NOSSOS DOIS NÚMEROS DE TELEFOJE PARA DAR ASSÉSSORIA JURÍDICA.

### Figura 30 - Inquérito da Operação Firewall, registros “muito relevantes”<sup>83</sup>

Os depoimentos coletados nas rondas virtuais através da captura das imagens da página mostram fortes incoerências entre as informações apresentadas como provas e a argumentação que acompanha sua utilização no inquérito. Acusa-se os ativistas de serem financiados por partidos políticos, mas apresenta-se como prova uma suposta ausência de empregos que possibilitassem a aquisição do equipamento de informática. No entanto, em outros trechos se reconhece uma das investigadas como advogada e outra como bartender. Além disso, aparelhos como computadores, tablets e celulares não são objetos eletrônicos incomuns em famílias de classe média. Também é comum no inquérito alternar as acusações entre páginas específicas como “Anonymous Rio” e entidades difusas como “Anonymous”, supondo um alinhamento em ações e propósitos entre as 9 diferentes páginas citadas (Anonymous Rio, AnonBRNews, AnonyBRoficial, AnonymousBr4sil, AnonopsBrazil, AnonBR, AnonymousRioRevolution, AnonymousBlackFaces, AnonymousSG). Como observamos anteriormente no capítulo 2 desta dissertação, existem divergências e antagonismos entre os coletivos mencionados.

A escolha destas páginas não é motivada pelo simples rótulo Anonymous. A página do Facebook registrada somente como “Anonymous”<sup>84</sup> não faz parte da investigação e se trata de um meio de divulgação de um filme sobre o movimento. Já a página que usa o nome Anonymous puramente em suas imagens de divulgação possui o endereço “Facebook.com/ArmyAnonymous”, é americana, tem seu conteúdo em inglês e também não é considerada parte da quadrilha ou está relacionada à investigação.

Após os debates nestes grupos fechados na DEEP WEB são repassadas orientações aos administradores de páginas dos “ANONYMUS” para divulgação na internet, pelo facebook. Nas páginas do “ANONYMOUS” há referência a DEEP WEB e explicação de como usá-la.

### Figura 31 - Inquérito Op. Firewall Citação genérica, Apenso 3 p.249.

<sup>83</sup> Informar a disponibilidade de assistência jurídica em um protesto parece ser de muita relevância por premeditar uma intenção de crime segundo o inquérito.

<sup>84</sup> Os nomes utilizados são retirados do endereço da página, e não dos seus nomes de fantasia expostos para os visitantes, no caso, a página <https://www.facebook.com/Anonymous> não é referenciada.

Na figura 31 podemos observar como os investigadores fazem uso de generalizações e bordões para justificar sua suspeita dos coletivos sem especificar qual é a página acusada. Este é um exemplo do desafio para as forças policiais em definir o coletivo de forma concisa, sendo a postura dos investigadores fluida a depender dos seus interesses em fomentar acusações. A polícia considera todos os investigados como indivíduos extremamente perigosos pertencentes a uma quadrilha, mas apresentam poucas evidências de que a maior parte dos participantes se conhecia ou possuía qualquer contato. Também não são apresentadas quaisquer tipos de evidências conclusivas de que atos de vandalismo foram orquestrados ou executados pelos acusados:

[...] os investigados são pessoas extremamente violentas e recentemente um representante de uma emissora de televisão foi assassinado com um rojão durante a filmagem do protesto. Os integrantes dos “BLACK BLOCS” e “ANONYMUS”<sup>85</sup>, verdadeiras mentalidades criminosas, se escondem por trás de máscaras e utilizam ferramentas do mundo virtual para praticarem crimes. [...] a quadrilha investigada vem praticando atos de vandalismo nas manifestações ocorridas no estado do Rio de Janeiro além de tentar recrutar outros integrantes através das redes sociais e outros canais. (Inquérito Op. Firewall, Apenso 2, p.124)

O inquérito é repleto de registros de ocorrências em tom amador, utilizando acusações tais como a da tentativa de agressão de uma jovem armada com um megafone contra um policial em uniforme de tropa de choque. Outras pequenas infrações e objetos são plantados em mochilas ou associados a manifestantes encontrados nos protestos:

[...] o SD Xavier, teria sido agredido com um megafone pela manifestante [...], adolescente com 16 anos de idade. Já a manifestante alega que foi agredida com golpes de cassetete e arrastada de forma violenta pelo pescoço. Nenhum dos envolvidos apresentava qualquer sinal de violência física. [...] em operação na praça Sáenz Peña, que foi constatar o “DISQUE DENÚNCIA” N° 8999.6.2014, recebido neste dia, quando avistou uma bolsa no canteiro, no meio da vegetação, que foi verificar a bolsa e percebeu que a mesma continha farto material de “ouriço”<sup>86</sup>, material usado por manifestantes, aproximadamente a quantidade de cento e setenta e oito e vinte “morteiros” dentro desta bolsa. (Inquérito Op. Firewall, Apenso 3 p. 216)

Não há qualquer prova incriminadora associada aos acusados, mas apenas suspeitas baseadas em conversas e matérias jornalísticas. A postura acusatória da polícia não se limitou ao grupo de investigados, tendo ocorrido de forma similar durante os protestos como um procedimento padrão:

Em tempo, é bom lembrar que nos protestos iniciados em junho de 2013, houve múltiplos encarceramentos ilegais, sendo muitos manifestantes encarcerados sem qualquer individualização ou razão específica, foram simplesmente

---

<sup>85</sup> Escrita mantida no formato original do inquérito, com caixa alta e erro de escrita.

<sup>86</sup> Pregos retorcidos em forma de estrela usados para furar pneus de carro.



encaminhados às delegacias, violentados<sup>87</sup> e processados por delitos forjados pelos intérpretes, geralmente desacato, desobediência, formação de quadrilha, tamanha a facilidade em instrumentalizar esses “delitos”, que serviram como “delitos curingas” sacados para validar, com uma roupagem técnica, arbitrariedades sem grande sentido, valendo-se de critérios de pouca racionalidade e elevado poder. (PIRES, 2015, p. 69)

É através deste tipo de acusação indireta, baseada em registros telefônicos e suposições da existência de uma quadrilha, que a investigação embasou a emissão das ordens de apreensão de objetos e recolhimento dos suspeitos para inquérito:

Em 10 de julho, dois dias antes do início da Copa, ativistas de Brasília têm suas casas visitadas por homens que se identificam como agentes do TRE (Tribunal Regional Eleitoral), e que os inquiram sobre sua rotina. Em checagem junto ao tribunal após essa visita, os ativistas verificam que as identificações apresentadas por esses homens eram falsas, revelando mais uma ação subterrânea de repressão. No dia seguinte, véspera de abertura da Copa, uma operação da Delegacia de Repressão aos Crimes de Informática (DRCI), no Rio de Janeiro, leva quatro ativistas, Elisa Quadros, Tiago Rocha, Game Over e Anne Josephine, para instalações policiais e confisca documentos em suas casas. (REYS, 2014, p.47)

Narrada por Tiago, a experiência da incursão policial repentina em sua casa revela que os próprios agentes responsáveis pela operação estavam esperando algo diferente e que não sabiam explicar a acusação em nome da qual estavam operando:

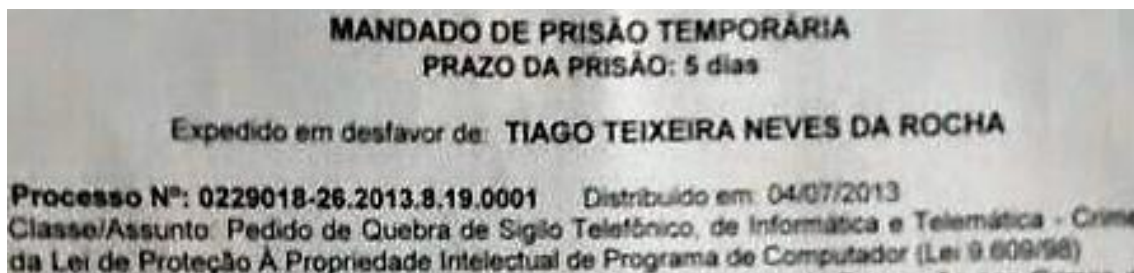
*Dia 11/06, na véspera da abertura da copa, foram lá com um mandado de busca e apreensão de objetos eletrônicos, mídias digitais e bombas. Eu pedi para ler e estava lá “Quebra de direito autoral de software”. [...] ele pegou o telefone da minha mão e começou a tirar foto. Nessa semana o nome do grupo tinha sido mudado para “O Badernista RJ” e tive que explicar a eles que mudar o nome do chat não me fazia parte do Badernista [...]. Questionei que ele não podia fazer aquilo e ele acabou desistindo e devolvendo meu celular. Vasculharam tudo em minha casa, pegaram coisas de minha mãe, de meu irmão [...] Naquele momento só senti muita raiva, tentei argumentar com eles que não podia, mas não tinha diálogo. Foram pegar a minha máscara de Vingança [...] tinha que levar qualquer coisa que pudesse ser usada para praticar atos violentos[...] que eu tinha que ir para a delegacia naquele momento, eu não sabia se estava sendo preso, era minha primeira experiência, queria até que eu fosse sozinho no carro deles. Meu irmão [pequeno] ficou muito assustado, não ficava mais sozinho em casa por que disseram que iam arrombar se ninguém atendesse a porta. Ele não gosta mais que falem de política por que as pessoas que fazem isso vão presas. Minha avó que estava lá em casa ficou chorando enquanto me levavam. (Tiago, 2015)*

Na Figura 32 podemos observar que o mandato expedido registrava a acusação de “quebra de direito autoral de software”. Ela é reservada não a pessoas que pirateiam programas, mas àquelas experientes em desenvolvimento e programação que elaboram

---

<sup>87</sup> Não é claro se o autor se refere a qualquer tipo de violência física ou se pretende acusar as forças policiais de violência sexual. Existem, entre os manifestantes, acusações onde policiais pediram que mulheres retirassem suas roupas ou ainda apalpamento durante prisões e revistas. Fonte: <http://memoria.etc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-11-06/manifestantes-acusam-guarda-municipal-de-abuso-na-repressao-protesto-no-rio>. Acesso em 20/08/2016.

meios de funcionamento da pirataria, que burlam os registros e permitem o funcionamento de cópias ilegais, mais conhecidos como cracks. Tiago aponta que é curiosa essa acusação, pois segundo ele “todos os computadores da minha casa são Linux<sup>88</sup>.”



**Figura 32 - Foto do mandado de prisão<sup>89</sup>**

A escolha deste tipo de crime resultou da intenção de apreensão dos aparelhos eletrônicos, atores capazes de solucionar as suspeitas das forças policiais. Mais tarde no processo, após a prisão do grupo, finalmente os investigadores se retrataram pela escolha como um erro de digitação, alegando que a lei correta a ser referida era a de formação de quadrilha (agora já passível de ser sustentada com os depoimentos colhidos). Tiago questionou a natureza do erro: “*Eu falei que no meu mandado não tinha isso, o delegado alegou erro de digitação. Segundo ele, por ser uma delegacia especializada de informática, ela não tinha outros tipos de crimes no programa dela. Duvido que [o programa] não tenha um combo box ou drop down menu [menu restrito de crimes] para escolher*”. A polícia registrou o “erro de digitação” em seu inquérito como “erro induzido por constar no referido mandado, no item ‘CLASSE’, o título daquela lei.” (Inquérito Op. Firewall, apenso 3, p.230). Tiago comentou o procedimento realizado em sua prisão, e sua sensação de estar sendo silenciado ante o teor das acusações e a falta de competência das autoridades responsáveis pela investigação;

*O delegado começou a fazer um monte de pergunta pessoal e sobre os outros presos, claramente tentando fazer um quadro de quadrilha com divisão de funções. O depoimento está como de testemunha, por que enquanto indiciado você pode omitir ou mentir, mas como testemunha você tem que responder a verdade [...] ele perguntou se eu era da página, eu olhava com cara de pânico e o advogado Marino<sup>90</sup> intervinha [...]. Perguntaram se eu conhecia meu próprio nome, aí eu brinquei que conhecia muito bem. Se você tá sendo investigado por uma delegacia que não sabe quem é você, não existe uma*

---

<sup>88</sup> O Linux é um software livre, portanto não há como ocorrer o crime contra a propriedade intelectual sugerido pelos policiais, pois não há sentido em construir quebras de bloqueio em programas já livres.

<sup>89</sup> O conteúdo da lei pode ser visto em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9609.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9609.htm)

<sup>90</sup> O advogado Marino D'Icarahy, tornou-se conhecido por sua atuação em defesa de ativistas.

*investigação, existe um objetivo claro de silenciar. [...] tinham ameaçado me prender por que eu estava com o casco do projétil deflagrado de bala de borracha que tinham atirado em mim durante um protesto, queriam botar como porte de arma, mas era só uma estratégia para colocar medo [...] Marino não conseguia ter acesso ao processo, e mesmo depois de ser preso ainda não tínhamos acesso. Mandavam o Marino para o fórum e lá eles diziam que o processo estava na delegacia e quando chegava lá o processo agora estava no fórum. É uma prática de obstrução da defesa no acesso aos autos dos clientes. Antes de conseguirmos acesso ao processo a Globo já estava publicando o conteúdo. (Tiago, 2015)*

O choque pós investigação foi descrito por Tiago como sendo de forte impacto sobre seu bem-estar psicológico e sobre suas relações pessoais. Ainda que elencado como testemunha no processo, o efeito de ter sua casa revistada e ser levado como preso não foi irrelevante:

*Esse foi um momento bem foda emocionalmente, chegar, olhar tudo [espalhado no chão], na hora eu chorei. [...]. Eu não consegui arrumar, olhei aquilo, tomei banho e dormi. Nenhum lugar mais é seguro, tranquilo. A campanha tocava e eu ficava com medo. Quando o sol nascia eu ficava esperando eles entrarem em casa como das outras vezes. Eu defini como uma sensação de suspensão da vida, alguém tem o controle de seu dia a dia, você não tem como marcar nada, planejar nada por que estranhos vão vir e levar você embora. [...] Não gosto mais de conversar por telefone, só uso o Telegram por que não quer que recortem o que eu disse [...] é uma distorção que podem criminalizar uma coisa boba como a compra de um perfume. Depois disso tudo tem gente que nem quer mais falar comigo[...] ficam com medo de ter proximidade e ser perseguido também, apagaram até mensagem em Facebook. Tem parentes meus que não falavam no telefone com minha mãe mais, desconversavam e desligavam correndo. (Tiago, 2015)*

Boa parte das provas apresentadas também se baseiam em depoimentos dos ativistas que foram elencados como testemunhas, igualmente retirados de suas casas sob mandados de busca e apreensão e intimidados em entrevistas nas delegacias. Entre os depoimentos obtidos sob pressão estão as declarações mais estranhas e desconexas:

*Disse que a maior parte dos manifestantes queria mudar o sistema atual, mas sem conhecimento político e como eram ignorantes seguiam o que “Sininho”, “Karyou” e “Gerusa” falavam, salientando que os protestos se tornaram violentos e num deles viu diversos manifestantes arremessando coquetéis molotov na Câmara e ouviu “Sininho” mandar os manifestantes buscarem três galões de gasolina e em seguida a viu subindo a escada da Câmara com alguns manifestantes carregando os três galões, de aproximadamente 10 litros de gasolina, cada, mas “Game Over” e outros manifestantes retiraram os galões de dentro da Câmara com receio de serem presos, pois a gasolina seria utilizada para incendiar o local. (Inquérito Op. Firewall, Apenso 3, p.302)*

Assim como no caso de Tiago, os objetos apreendidos nas casas dos outros investigados também eram claramente intencionados à fabricação de alguma culpa ou crime, mesmo sem a presença de armas ou de artefatos que apresentassem qualquer periculosidade. Entre os alvos da apreensão sempre estão aparelhos eletrônicos e memórias:

Nos locais de busca foram apreendidos diversos documentos, pen drives, notebooks, óculos de proteção, cadernos com anotações, cartões de memória, tablets, HDs externos, máscaras do grupo Anonymous (Guy Fawkes), cartuchos, pedaços de explosivos<sup>91</sup>, bala de borracha, luvas e toucas pretas, taco de softball, megafones, máscaras de proteção, coletes pretos, panfletos com inscrições “Não vai ter Copa”, camisas brancas com inscrição “Basta à corrupção”, abaixo-assinados para incluir a corrupção no rol de crimes hediondos e contra a PEC 37, bandeira com inscrição “Fora Cabral”, diversos adesivos “Dia do Basta”, revista Carta Capital sobre Black Blocs e depredação nas ruas, documentos sobre o “Ocupa Câmara”, etiquetas com inscrição “Fifa Go Home” e outros materiais que serão encaminhados para as devidas perícias. (Inquérito Op. Firewall, Apenso 3, p.301)

Os dois participantes da página que estavam sendo investigados, Tiago e Priscilla, foram eventualmente descartados como não tendo apresentado ligações ou informações significantes, mas mesmo assim não deixaram de figurar no processo como testemunhas. Cerca de um mês após a revista das moradias, os policiais retornaram com um mandado de prisão preventiva, ainda que os administradores da Anonymous Rio não fossem considerados perigosos e não houvesse qualquer prova das acusações. A intencionalidade das forças policiais de silenciar os ativistas e coibir a sua participação em protestos fica evidente na escolha de data e escopo de sua operação: “[...] véspera da final da Copa, dia 12 de julho, é marcada por uma enorme operação policial, intitulada Firewall, em que mais de 100 agentes da repressão engajam-se na prisão de ativistas.” (REYS, 2014, p.48). Tiago relatou como, mesmo executando todas essas manobras políticas para garantir a prisão dos ativistas, houve em certa medida um tratamento diferenciado dos prisioneiros políticos:

*A cela da Polinter era um cubículo 2x2, com um ar condicionado gelando forte, não tinha água, era um cano no alto que chovia água dentro do boi<sup>92</sup> e molhava tudo, não tinha papel higiênico nem lençol, não tinha cama, era deitar no chão mesmo. Os advogados levaram água, frutas e uma quentinha para a gente. A gente foi transferido para Bangu em um camburão, banco de ferro, espaço mínimo, algemado em uma barra. Paramos no caminho no IML, e o médico perguntou o que era. Expliquei da “Quebra de direito autoral”, por que a polícia sempre explicava que era Black Bloc das manifestações, [...]. Chegando em Bangu [...] fizemos uma fila e tivemos de tirar a roupa. Nosso tratamento foi diferenciado, lá os prisioneiros levam porrada por qualquer coisa, [...] A gente foi direto para a cela em um corredor separado. Perguntaram qual era a nossa facção, perguntaram qual era minha tatuagem, o que significava, e depois disseram que era só o procedimento. A princípio ficamos dois por cela, mas depois recebemos visita de comissão de direitos humanos, grupo de combate à tortura, advogados e até o diretor do presídio. Aí mudaram: colocaram um só por cela e com roupa de cama, dois lençóis,*

---

<sup>91</sup> O leitor desavisado pode interpretar “pedaços de explosivos” como bombas sendo fabricadas, mas as fotos do material apreendido mostram que essa frase se refere aos restos dos cilindros de gás lacrimogêneo que são coletados como troféus assim como as balas de borracha citadas logo em seguida.

<sup>92</sup> Nome popular dado ao buraco que serve de privada em uma cela.

*colchões e um kit de sabonete, escova, pasta e um rolo de papel higiênico[...]. No segundo dia teve papo com a assistência social, dentista, conferir pressão no médico[...]. A assistente social ficou horrorizada, sem entender o que a gente estava fazendo ali. A cela era três por três metros com um murinho com uma pia entupida e cheia de larvas de mosquito[...] quem ficou os sete dias não teve nem um dia com um pouco de sol. (Tiago, 2015)*

A experiência da repressão, ainda que atenuada por um tratamento diferenciado dos presos comuns, funcionava como uma forma de intimidação contra os manifestantes. O custo antidemocrático do protesto fica evidenciado pela forma como a repressão foi conduzida: sem processo legal, direito de defesa ou necessidade de provas, é possível perseguir e prender em nome de suspeitas e conflitos de interesses entre manifestantes e autoridades. O resultado dessa perseguição é, nas palavras de Tiago a de não ter;

*[...] a sensação de liberdade. Não tive e não tenho, sair foi bem estranho, não me sinto livre. Minha mãe falou para mim “não te denunciaram”, por que o Ministério Público não tinha oferecido denúncia. [...] Eu sinto que no momento que houver outro protagonismo ou destaque da página vai dar merda de novo, ainda que não seja eu que esteja na página. Já estou monitorado, tem uma ficha criminal lá com meu nome. Essas coisas novas do Hacking Team<sup>93</sup> negociando com a DRCI, existem já empresas de inteligência e monitoramento, eles só estão se esforçando para legalizar, para poder usar sem ordem judicial. (Tiago, 2015)*

A operação Firewall instaurou a prerrogativa da perseguição a diversos grupos populares de luta e coletivos de mídia independente<sup>94</sup> que faziam parte da Frente Independente Popular (FIP) ao caracterizar a organização como grupo terrorista. Entre esses grupos destacam-se o Anonymous Rio, o Black Bloc RJ, o Coletivo Calisto, o Coletivo Inimigos do Rei, o jornal A Nova Democracia, o Favela não se cala, Grupo de Luta dos Petroleiros, o Movimento Estudantil Popular Revolucionário, o Movimento Feminino Popular, o Movimento de Resistência Popular, o Movimento de Moradores e Usuários em Defesa do IASERJ, o Organização Anarquista Terra e Liberdade, o Ocupa Cabral, A Oposição de Resistência Classista, A Rede Estudantil Classista e Combativa, a Rede de Comunidades e Movimentos contra a Violência, a Universidade Indígena Aldeia Maracanã e a Unidade Vermelha.

---

<sup>93</sup> Empresa Italiana que vende vigilância eletrônica para governos. O site da empresa pode ser acessado através do link <http://www.hackingteam.it/index.html>. Acesso em 23/07/2016

<sup>94</sup> Existe um site de apoio aos ativistas perseguidos feito por parentes, amigos e simpatizantes: <http://www.apoicos23.org/> Em seu texto explica: “A perseguição sofrida pelos 23 ameaça não somente eles, mas se estende a toda a sociedade civil. O processo lista mais de 70 organizações sociais, mídias alternativas, páginas de Facebook de comédia política e até páginas de bairros inteiros como potenciais suspeitos que devem ser monitorados”.

O MEPR, representado no rol de nossos alvos [...] tem cunho comunista e o outro grande bloco que compõe a FIP a OATL (Organização Anarquista Terra e Liberdade) tem base ideológica puramente anarquista. Também fazem parte do corpo da entidade FIP os grupos como; UV (unidade vermelha) e FIST (Frente Internacionalista Sem Teto), porém sem a representatividade e força de OATL e MEPR. Vale frisar que todo estes grupos são combativos, atuantes nos ATOS que são desencadeados, elaborados e resolvidos em comum acordo nas reuniões da FIP. Nunca é demais lembrar que a FIP é a união destas frentes de manifestação que atuam de forma mais veemente, mais direta, violenta e cometendo crimes. Juntos, elaboram, decidem e atuam envoltos pela chancela de uma entidade denominada FIP (Inquérito Op. Firewall, Apenso 3, p.141)

A FIP realmente possui conexões com diversos grupos, mas dificilmente poderia ser considerado como uma quadrilha ou organização criminosa, até porque ela foi fruto da mobilização de Junho de 2013. Tiago contribui com sua experiência de participação em encontros da organização:

*A FIP foi fundada durante 2013, no ápice dos protestos. Ela nasceu para organizar o que o fórum de lutas desorganizou [...]. O fórum de lutas era do PSTU, PSOL, essa galerinha de DCE de sempre, problemático aquelas assembleias de três mil pessoas que era bonito de se ver mas que não resolvia nada [...]. A FIP nasce como contraposição a isso, juntando as pessoas que já se conheciam de movimentos, das ruas, ou que foi se conhecendo nesses protestos e reuniões. Eles mandaram uma proposta formal para gente ser signatário, explicando que eles queriam ser uma frente independente, onde todo mundo tenha voz e agregue o máximo de coletivos e indivíduos fora de uma intenção política partidária e eleitoral. Assinamos como Anonymous Rio, como coletivo de mídia e informação, [...] A FIP sempre se organizou em plenárias deliberativas, [...] Ninguém precisa se identificar, isso seria idiota, a gente sabia que um dia ia aparecer alguém vigiando ou dando com a língua nos dentes. A gente sempre prezou pelo anonimato, por segurança e por uma não personificação. Era só chegar lá e participar, debater ideia. (Tiago, 2015)*

O próprio blog<sup>95</sup> da FIP descreve a organização como “fruto direto das mobilizações populares iniciadas em junho”, apontando a necessidade de uma resposta à crescente criminalização dos movimentos sociais e da forte repressão policial. Assim como a FIP surgiu em resposta à dificuldade de associação entre movimentos sociais apartidários, existiram também outras conexões construídas em meio à luta por direitos sociais e a perseguição policial. As interações construídas com base na solidariedade em momentos de necessidade ocorrem simultaneamente dentro e fora das redes sociais, como podemos ver em depoimento de Fátima:

*O Facebook não permite mandar mensagem como página para o Inbox da outra, só dá para conversar quando tem uma postagem onde as páginas comentam. A interação entre as páginas [consistia em] uma compartilhar uma coisa da outra ou um pouco mais quando alguém conhecia integrantes de outras páginas. Então quando precisava de algo, muitas vezes a gente pedia pela página “precisamos de não sei o que, se você puder fazer algo entre em contato por inbox”. [...] Depois da prisão o Tiago [já que estava exposto] teve*

---

<sup>95</sup> Acessível em: <https://frenteindependentepopular.wordpress.com/> Acesso em 24/03/2016.

*que se apresentar como parte da página para o resto dos ativistas, de forma que passamos a conhecer muita gente presencialmente. (Fátima, 2015)*

Assim como os participantes do coletivo Anonymous construíram seus laços através das experiências compartilhadas na ação direta das ruas ou das redes, outros coletivos formaram-se no esteio dos protestos de junho. Fui apresentado por Júlia a um dos fundadores do Coletivo Carranca, Antuane Gestalt<sup>96</sup>, 34 anos, formado na rede privada de ensino e graduado em jornalismo, que vive uma união estável com sua companheira já faz dez anos e juntos tiveram uma filha:

*Em junho de 2013 comecei a ir como jornalista independente para cobrir as manifestações, transmitia tudo por Twitcasting. Na primeira batalha das Laranjeiras [...] conheci a tal galera do Mídia Ninja, daqui do Rio. O pessoal curtiu minha transmissão e me chamou para conversar como era perigoso trabalhar sozinho, e a galera estava bem organizada. Achei uma boa ideia participar. Até junho de 2013, para a maioria de nós, a mídia era tida como independente, mas descobrimos que não, e a Mídia Ninja também não era independente como diziam ser, eram partidários, teleguiados pelo PT. Por volta de oito meses depois, praticamente todos que desenvolveram todo o trabalho do Mídia Ninja no Rio saíram juntos<sup>97</sup> e fundaram o Carranca. (Antuane, 2015)*

Antuane já ajudou a organização de outros coletivos como o Mariachi e o Badernista, mas prefere falar apenas sobre o Carranca do qual fez parte por mais tempo. O posicionamento político da Mídia Ninja, criticado por Antuane, apresenta uma defesa consistente do Partido dos Trabalhadores em suas publicações, e existem também documentos vazados<sup>98</sup> que apontam para o financiamento do grupo pelo milionário George Soros. Ele acredita que o Carranca possui um perfil diferenciado por ter sido formado majoritariamente por profissionais da área de comunicação, fator que tornou o coletivo mais criterioso sobre as informações que divulga:

*Tínhamos um núcleo duro que decidia inclusive quem entraria na panela, como uma tentativa de preservar a identidade e idoneidade do coletivo, nunca demos barriga<sup>99</sup>. Todos membros do Carranca são de esquerda, alguns são anarquistas e todos são críticos ao PT. Eu sempre militei pela democracia direta, sempre. Nem todos acreditam em democracia direta, mas com certeza desejam maior participação popular na gestão pública. (Antuane, 2015)*

---

<sup>96</sup> Nome de fantasia.

<sup>97</sup> “A saída inicialmente foi tranquila, mas eu e outros fizemos uma ruptura mais brusca, fazendo críticas abertamente e até algumas denúncias” (Antuane Gestalt, 2016). Existem registros da polêmica nos sites: (<http://www.passapalavra.info/2014/11/100916>, <http://www.passapalavra.info/2013/08/82548>, <http://www.passapalavra.info/2013/08/82709>). Acesso em 25/04/2016.

<sup>98</sup> Fonte: <http://www.ilisp.org/noticias/coletivo-independente-midia-ninja-e-financiado-pelo-bilionario-george-soros/> Acesso em 20/08/2016.

<sup>99</sup> Falta de apuração no trabalho jornalístico que leva a divulgação de notícia falsa

Segundo Antuane, existe uma solidariedade, nascida do confronto com a repressão policial, que cria laços de confiança sólidos e ajuda na formação de coletivos pois “a interação era mais pessoal mesmo, alguns coletivos compartilharam membros ou participações de membros, há muita amizade no gás”, e também é comum a experiência da perseguição e vigilância:

*Eu tive carro preto na porta de casa, seguindo meu taxi até o local de reunião. Esse carro foi visto algumas vezes, ligações sem nada sendo dito [...]. Fiquei com muito medo, mas não [dexe] sair [de casa] por isso, na verdade não conheço ninguém que tenha recuado diante de ameaças no meio do midialivrisimo. (Antuane, 2015)*

O encontro e a cumplicidade entre diferentes coletivos se consolida na oposição às forças que os perseguem. Desperta-se para o poder que se tem à vista da reação assustada e desproporcional do governo. Descobre-se assim a força da organização rizomática frente ao aparato solidificado da burocracia e sente-se a fragilidade dos seus discursos que não se sustentam frente aos milhares de relatos em vídeos e textos produzidos pelos ativistas. Perguntamos então: o que aprendemos com as manifestações de junho de 2013, uma vez que mesmo conquistando-se o recuo da tarifa, não vivenciamos a reforma na política e nos transportes que foi prometida?

Podemos compreender que “mesmo que se apontem profundas mudanças institucionais como objetivo das lutas sociais, a partir de uma leitura histórica vemos que elas não ocorrem com a frequência e a velocidade desejadas pelos atores engajados.” (TORINELLI, 2015, p.206). As manifestações de junho não podem ser vistas de forma independente de seus atores, jovens, despreparados, sonhadores e desorganizados, mas que surpreenderam o poder estabelecido através de sua inventividade, capacidade comunicacional e de mobilização.

Despidos do fascínio inicial, podemos contemplar as dificuldades enfrentadas pelos atores no exercício de sua luta. Acreditamos que vamos observar essas mesmas características ressurgirem em outros momentos da história política brasileira à medida que os atores amadurecem seus projetos, se conectam a novos participantes e passam a dominar diferentes ferramentas de organização e comunicação.



## 9. Conclusão

Os estudos sobre o ciberativismo sob a égide do anonimato enfrentam complexidades e dificuldades bastante peculiares, desde o desafio da aproximação e da conquista da confiança dos participantes até as complicações para acompanhar e descrever atores que são perseguidos pela polícia. Devido ao nível de notoriedade atingido pelos Anonymous e a recorrência de exposições dos seus participantes, outros estudos precisarão enfrentar obstáculos similares ou até mais intensos para que obtenham o mesmo grau de detalhamento do funcionamento de um coletivo e suas interações na rede.

Esta pesquisa acompanhou a atuação do coletivo Anonymous Rio através de contatos esporádicos<sup>100</sup> com seus participantes ao longo de três anos (2013 a 2016). Neste período realizamos entrevistas presenciais e remotas, acompanhamos seu trabalho nas redes e nas ruas, testemunhamos discussões, momentos de sucessos e dificuldades, romances, perseguições, sonhos e medos. Observamos a difícil construção da militância na prática, para além do idealismo e do coletivismo irrestrito que suas palavras podem inspirar, assistimos as vontades individuais e as forças externas exercerem suas pressões sobre a realidade material do ativismo até o encerramento do ciclo de mais uma célula anônima, que se despediu do seu público no dia vinte de outubro de 2016:

[...] a página Anonymous RIO, está meio "inativa". E não pretendemos voltar a publicar nela. Ainda que Anonymous seja uma Ideia universal, sem rostos e sem nomes, as pessoas que têm acesso às páginas mencionadas formavam uma célula que se reunia com certa frequência e construía coletivamente ações, atos, intervenções, operações, projeções e etc., além da divulgação online que se dava por meio das páginas e grupos no Facebook e outras redes sociais. Acontece que esse grupo não se reúne mais. [...] Como todos sabem, nossa página está arrolada a um inquérito monstruoso de vigilância e perseguição a manifestantes e ativistas. Dois ex-membros do nosso coletivo foram perseguidos e presos baseado nessa repressão, e trazer novos membros significa colocar uma mira já focada em nós em cima dos novatos. Dependendo do discurso dos novos membros, os antigos também podem acabar sofrendo represálias do Estado mesmo já não possuindo qualquer vínculo com o coletivo, por terem seus nomes marcados. [...] Sigamos nossas jornadas com novos projetos, novos caminhos, novos meios de luta.<sup>101</sup> (Anonymous Rio, 2016)

---

<sup>100</sup> Os encontros variaram em frequência de acordo com as circunstâncias pessoais dos pesquisados, clima político, perseguição policial e disponibilidade do pesquisador.

<sup>101</sup> A mensagem de despedida pode ser lida na íntegra no link: <https://www.facebook.com/anonymousrio/photos/a.263574540359568.104847.231139103603112/1249996781717334/?type=3&theater> Acesso: 20/10/2016.

Nesta jornada de pesquisa, podemos constatar que, em lugar de uma organização complexa, disciplinada e altamente qualificada para orquestrar ataques cibernéticos capazes de destruir corporações e governos da noite para o dia, o que encontramos foi um punhado de pessoas e artefatos devotamente engajados na perseguição do seu ideal. É justamente através do fim desta célula que estes atores abrem a possibilidade de se reinventarem, ao dependerem não de uma identidade individual, mas de um ideal coletivo facilmente adotável, da abertura de um espaço para novos coletivos e atores substituïrem o trabalho que a Anonymous Rio encerra. Em um mundo enredado, conectado por uma miríade de artefatos, mas também por um maior intercâmbio de pessoas e ideias, observamos o funcionamento de organizações simples, mas capazes de mobilização e cooperação fora das limitações de uma gestão centralizada. Estruturas fundamentalmente relacionais, onde os laços afetivos entre os participantes e as suas experiências compartilhadas motivam a ação, não de forma isolada e pontual, mas coletiva e pautada em uma necessidade comum de proteção mútua.

A proximidade física entre os indivíduos se torna relativizada em sua importância, uma vez que os acontecimentos deixam de estar isolados no tempo e no espaço e passam a reverberar através de fronteiras que antes pareciam consolidadas, mas que agora se demonstram porosas. A facilidade com que ocorre o vazamento de informações, sua fácil reprodutibilidade e alcance fizeram com que estes poucos militantes, quando equipados com celulares, computadores e uma plataforma social na internet, fossem capazes de construir um trabalho de mobilização social e política que alcançou milhares de vezes mais pessoas do que seria esperado de um grupo do seu tamanho e qualificação:

Efeitos de desproporcionalidade podem ser extraídos, por exemplo, do uso da tecnologia, da ciência e outras inovações, e dos diversos tipos de "mídias" usadas como sistemas amplificadores e multiplicadores. Microestruturas globais podem também alcançar benefícios de desproporcionalidade através do desacoplamento de suas operações internas das estruturas de suporte que provêm as condições sob as quais as operações podem permanecer leves; "terceirizações" deste tipo podem também apontar em outra direção que não a da noção inclusiva de um sistema internamente racionalizado. (*tradução nossa*, CETINA, 2005, p.214)<sup>102</sup>

---

<sup>102</sup> Disproportionality effects can be distilled, for example, from the use of technology, from scientific and other innovations, and from 'media' of various kinds used as amplifying and multiplying systems. Global microstructures may also derive disproportionality benefits from decoupling internal operations from support structures that provide for the conditions under which operations can remain light; 'outsourcings' of this kind also point away from the inclusive notion of an internally rationalized system. (CETINA, 2005, p.214)

O desafio da produção da informação na sociedade moderna é diminuído infinitamente pelos atores não humanos, capazes de produzir registros de vídeo e áudio e assim viralizar sua divulgação. Os custos das interações entre atores independentes também são reduzidos, tornando possíveis trocas entre grupos antes desarticulados. No entanto, o conceito da desproporcionalidade é dependente de uma idealização do que seriam os atores humanos quando considerados isoladamente para serem comparados com seu potencial quando integrado com os não humanos. Este estratagema conceitual, ainda que útil para compreender a força presente na tecnologia concentrada existente nos não humanos, ignora a indissociabilidade entre os atores humanos e não humanos, que só se apresentam como coletivos complexos que operam traduções e traições incessantes.

Portanto, podemos compreender os efeitos de desproporcionalidade como reconfigurações dos conceitos de força e fragilidade, na medida em que as concentrações sociotécnicas presentes em aparelhos celulares, redes de comunicação e computadores fortalecem a ação de pequenos coletivos de ativistas, tidos em princípio como “fracos”, e fragilizam estruturas de poder antes aparentemente sólidas, tidas em princípio como “fortes”, de forma que a narrativa dos acontecimentos construída pelas empresas de mídia passa a ser disputada através das gravações e relatos originados das ruas, uma relação na qual a interatividade não se limita à escolha da fonte da informação, mas se amplia à sua própria produção e narração.

O espaço disponibilizado pelas redes sociais e apropriado através da militância é gradualmente ocupado por diferentes grupos que multiplicam o alcance de suas atuações através de uma troca amistosa de informações, serviços e ajuda. A cada matéria na mídia tradicional, a cada perseguição por parte do Estado e a cada novo coletivo formado, se fortalece a capacidade desses pequenos grupos de afetar a agenda política. As interações logo transbordam as telas dos computadores e celulares inundando as ruas, onde a cooperação entre militantes assume novas formas:

Para além das redes sociais, são criadas diversas plataformas de apoio aos manifestantes, como uma comissão de estudantes de medicina que se dispõe a prestar os primeiros socorros nos protestos, um centro cultural no centro da cidade que oferece suporte médico para os feridos, um empresário que oferece sua gráfica para a impressão de cartazes e um coletivo de diagramadores e designers que se oferece para produzir imagens de mobilização e propaganda. (JUDENSNAIDER, 2013, p.137)

Reunidos através de uma convocação no ciberespaço, mas construído no calor dos protestos de rua, podemos afirmar que os Anonymous Rio foi efetivamente um dos muitos coletivos que podem ser compreendidos como parte dos movimentos sociais. A existência

deste movimento é mais uma prova da inexistência de uma dicotomia entre ativismo de sofá e de rua, realidade virtual e real, separação de atores humanos e não humanos. Os indivíduos não estão isolados ou distanciados, mas sim diariamente chocando-se com os limites eletrônicos e orgânicos do seu fazer, principalmente nas manifestações que deixaram seu legado de “aproximar movimentos sociais e políticos que anteriormente atuavam de forma isolada” (BORGES, 20015, p. 27).

Extrapolando a análise de David Borges, diria que não só os protestos de 2013, mas manifestações mobilizadas pelo ciberespaço apresentam uma forte tendência de aproximar diferentes atores políticos, onde cada ação semeia o campo para as próximas<sup>103</sup>. O constante questionamento da democracia representativa e o desejo por participação direta estão intimamente ligados ao desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, onde a qualidade da interação nas redes é procurada para consubstanciar outros campos da vida, como o da política:

Um outro conceito bastante discutido na filosofia e na teoria política contemporâneas afetadas pelas tecnologias é o da democracia do plug and play, que pode ser definida como uma forma de democracia participativa de inspiração naquela praticada na Grécia antiga em que as decisões eram tomadas pelos cidadãos em assembleia pública na Ágora, e imediatamente entravam em vigor. Neste tipo de democracia “a esfera civil ocupa o lugar da esfera política na produção da decisão. A ênfase aqui está no fato de que só argumentar não seria suficiente: é preciso deixar que o povo decida. Isto significaria ‘um estado governado por plebiscito’” (GOMES, 2004, p. 6). (PEREIRA, 2014, p.64)

A busca pelo estabelecimento de alternativas à política tradicional pode ser identificada nas ações e discursos da página Anonymous Rio, assim como na militância de outros coletivos. Para os nativos do mundo composto por tecnologias interativas, parece inaceitável a existência de um governo que simplesmente ignora a voz de sua população. Os participantes então investem suas energias na construção de uma percepção e de um discurso que persiga este ideal, procurando simultaneamente informar, criticar e propor caminhos para se alcançar um outro patamar do fazer política. A força da militância auxiliada pelas redes sociais e a resultante perseguição policial só reforçam

---

<sup>103</sup> As ocupações das escolas públicas que estão acontecendo atualmente no país foram relacionadas aos protestos de junho de 2013 por alguns dos estudantes que afirmam ter aprendido a resistir lá, muitas vezes acompanhados dos pais. <http://www.diariosp.com.br/noticia/detalhe/88121/veja-quem-esta-por-tras-da-ocupacao-das-escolas>. Outras matérias apontam para influência da ocupação de escolas no Chile. <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/11/1710710-inspirado-no-chile-manual-orientou-ocupacao-de-escolas-por-alunos-em-sp.shtml> Acesso em 02/02/2016.

a percepção de que, apesar do Estado parecer inatingível, ele foi incomodado o suficiente pelo trabalho dos militantes para mobilizar uma resposta do poder estabelecido:

Você não precisa de muita perspicácia ou habilidade política para constatar que, se tiver de combater uma força invisível, insondável, ubíqua e total, acabará inerme e inapelavelmente derrotado. Só quando as forças são constituídas de vínculos menores, cuja resistência se possa testar um a um, você tem chance de modificar o estado de coisas. (LATOUR, 2012, p.356)

Que esperança podem alimentar os movimentos sociais contra o colosso que é um Estado moderno? Como poderíamos conceber uma luta “bem-comportada” feita a partir de greves e protestos que não atrapalham o tráfego, não ocupam espaços públicos nem incomodam ninguém? Os movimentos sociais procuram renovar seus espaços de atuação, desafiando as formas tradicionais de fazer política, e em seus atos, constroem uma narrativa também baseada em uma força invisível, insondável e ubíqua para combater o Estado:

Nenhuma batalha jamais foi ganha sem que se apelasse para combinações novas e táticas surpreendentes. As ações só “fazem diferença” num mundo *feito de diferenças*. [...] Política é assunto sério demais para ficar a cargo dos poucos que parecem ter o direito inato de decidir em que ela consiste. (LATOUR, 2012, p.359-360)

O enfrentamento, seja das forças policiais ou das rivalidades internas, consome lentamente os militantes de qualquer ramo da ação política. Ao fim desta pesquisa, o Anonymous Rio deixou de existir como grupo ativo, restando apenas os rastros de sua atuação, mas é justamente este o trunfo da sua proposta de militância e de sua ideologia, pois se um coletivo anônimo se fortalece do talento individual dos seus membros, todavia não depende de cada um deles isoladamente para existir, já que sua contribuição individual é pontual e anônima e estes participantes invariavelmente serão gradualmente substituídos ao longo de sua existência e de suas diversas reconfigurações.

Coletivos como o Anonymous possuem um fazer político diferenciado porque propõem uma postura facilmente reuplicável por diferentes agrupamentos, além de ser de fácil mobilidade geográfica e capaz de produzir um conjunto de narrativas radicalmente divergentes. Ainda não é possível responder se os Anonymous são a resposta para uma nova política, e muito provavelmente não o são. O que é possível afirmar é que eles são o produto e os produtores de uma marcha já histórica de reestruturação das lutas sociais, onde alguns dos seus valores já são visíveis e vem sendo paulatinamente apropriados por outros grupos ativistas:

Para compreender o seu sentido, é fundamental resgatar sua historicidade, a trajetória dos movimentos sociais a partir da redemocratização até chegar às marchas mobilizadas nos últimos anos (tais como a Marcha da Maconha, das

Vadias e da Liberdade), que já apresentavam elementos característicos das manifestações de junho – como a ausência de lideranças explícitas, o protagonismo dos jovens, o espaço para a expressão individual e a hibridiz entre atuação nas ruas e nas redes sociais digitais. (TORINELLI, 2015, p.83)

As redes sociais são os novos espaços de atuação dos movimentos sociais, mas não podem ser consideradas fronteiras limitantes, uma vez que a atuação ocorre também fora destes espaços. Dificilmente uma única plataforma, como por exemplo o Facebook, se tornaria a característica mais relevante de atuação de um coletivo. É comum para os militantes trocarem seus espaços de atuação sempre que as limitações do veículo em uso se tornam incômodas. É notável, porém, a inspiração subversiva da cultura hacker, expressa na disposição dos atores para adaptar-se às diferentes plataformas de interação, como o Telegram, o Twitter e o Facebook, sempre buscando fugir do controle onipresente dos mecanismos de vigilância. A produção das narrativas esbarra nos controles construídos pelas empresas que administram as redes com o intuito de monetização dos seus serviços, obrigando os coletivos ativistas a se reinventarem para fugir das limitações à circulação de informação:

Nesse sentido, a face 2.0 da censura é a do controle do compartilhamento. A segunda camada do compartilhamento a controlar é a das plataformas tecnológicas por onde vazam essas narrativas em redes sociais. Esse controle se traduz em *enclosures* da inteligência coletiva, evitando que esta constitua modelos autônomos de produção. A colaboração celebrada pelas empresas pontocom transforma os modelos de compartilhamento em ambientes imersivos onde tudo o que se produz, se troca e se consome, é intermediado por novos monopólios digitais. Por isso que a fábrica social que a Apple Store e o Facebook celebram e armazenam, cobrando pedágios e gerindo a inteligência coletiva, é ao mesmo tempo captura e controle do trabalho. (M ALINI & ANTOUN, 2013, P.199)

As limitações do Facebook foram sentidas em todo momento, obrigando a um debate permanente no coletivo Anonymous Rio sobre a possibilidade do esgotamento do modelo, que eventualmente foi reconhecido e colaborou para o encerramento das atividades do coletivo. O anonimato utilizado por estes grupos não é um fundamento “essencial” da militância, mas sim uma ferramenta associada a um modelo específico de ativismo. Seus participantes não se consideram “anônimos” no sentido da anulação de suas vozes, mas algo mais próximo da segurança da sombra fora dos holofotes:

*Por causa dessa situação de segurança, esse modelo de anonimato já cumpriu a função dele uma vez que foi explanado. Não é uma coisa ilegal o que estamos falando, é possível que realmente mostrar e dizer quem está falando seja mais seguro. Talvez confira um fôlego novo e eu acredito no poder maior da informação. Eu não partiria para algo sozinho, faria um coletivo não anônimo, identificando o que cada um fez, com suas matérias, artigos, textos. Até um pouco como questão de reconhecimento mesmo, que também cria alguma proteção nesse processo de prisão e perseguição, que a gente pode não gostar, mas tá dentro do contexto, a negação total das instituições é*

*complicada porque são elas que vão te prender e te soltar. Sumir completamente é também uma ausência de defesa. (Tiago, 2015)*

Ainda que guiados por sonhos ambiciosos, foi possível perceber através deste estudo de caso que os participantes da Anonymous Rio não eram ingênuos quanto ao desafio que seu ideal democrático representa. Eles compreendem que o ritmo da mudança é lento e que transformar o sistema só será possível após uma militância de longa duração. Longe de considerar a possibilidade de uma derrota frente às forças repressivas, é possível observar nos ativistas o desejo ainda maior de continuar por este caminho de enfrentamento do discurso midiático e de apelo a novos formatos ainda não tentados. Independente das futuras configurações que virão a ser tomadas pelos coletivos ativistas, verificou-se neste estudo que a interação entre humanos e não-humanos, principalmente aquelas interações que potencializam as trocas entre atores e a rápida e massiva divulgação de suas propostas, produzem fortes efeitos de desproporcionalidade, mobilizando, empoderando e concedendo alcance e voz a pequenos grupos, que de outra forma dificilmente poderiam ser jogadores relevantes na política nacional.

## 10. Referência

- ANTUANNE. Entrevista pessoal ao autor através de mensagens trocadas em grupos de Telegram.
- ALVIM, Davis. **“Destruir, para reconstruir”**: a tática black bloc e a pedagogia das vidraças In: CEI, Vitor. Brasil em crise: o legado das jornadas de junho. Vila Velha, Espírito Santo: Praia Editora, 2015. p. 45-61.
- BARREIRA, Marcelo Martins. **Sem medo de ser**: megamanifestante feliz. In: CEI, Vitor. Brasil em crise: o legado das jornadas de junho. Vila Velha, Espírito Santo: Praia Editora, 2015. p. 45-61.
- BORBA, Maria. **Brasil em movimento**: reflexões a partir dos protestos de junho. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- BORGES, David. As Jornadas de Junho de 2013. In: CEI, Vitor. Brasil em crise: o legado das jornadas de junho. Vila Velha, Espírito Santo: Praia Editora, 2015. p. 19-44.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CEI, Vitor. BORGES, David G. **Brasil em crise**: o legado das jornadas de junho. Vila Velha, ES : RCG Comunicação Total : Praia Ed., 2015. 180 p. Disponível em: <<http://brasil.indymedia.org/media/2015/08//543667.pdf>>. Acesso em :03/12/2015
- CERUZZI, Paul. **A History of Modern Computing**. 2ª ed. Cambridge: MIT Press, 2003.
- CETINA, Karen Knorr. BRUEGGER, Urs. **Global Microstructures**: The Virtual Societies of Financial Markets. American Journal of Sociology v. 107. University of Chicago, 2002.
- CETINA, Karen Knorr. From Pipes to Scopes: The Flow Architecture of Financial Markets. Distinktion, N. 7, 2003, p. 7–23. Denamark: Copenhagen.
- CETINA, Karen Knorr. **Complex Global Microstructures**: The New Terrorist Societies. Theory, Culture & Society vol. 22. The TCS Centre, Nottingham Trent University, 2005.
- COLEMAN, Gabriella E. **Anonymous**: From the Lulz to Collective Action. Disponível em <[http://www.anonymousvideo.eu/IMG/pdf/anonymous\\_from-the-lulz-to-collective\\_action.pdf](http://www.anonymousvideo.eu/IMG/pdf/anonymous_from-the-lulz-to-collective_action.pdf)>. Acesso em: 17/09/2014.
- COLEMAN, Gabriella E. **Anonymous in context**: The politics and power behind the mask. Disponível em < <http://www.cigionline.org/publications/2013/9/anonymous-context-politics-and-power-behind-mask> >. Acesso em: 18/09/2014.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. Disponível em < [http://www.ileel2.ufu.br/lep/arquivos/textos\\_geral/Mil\\_Platos\\_1.pdf](http://www.ileel2.ufu.br/lep/arquivos/textos_geral/Mil_Platos_1.pdf) >. Acesso em: 18/09/2014.
- DUPUIS-DÉRI, Francis. **Black Blocs**. Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo: Veneta, 2014.
- EGLER, Tamara T C. **Reinvenção da democracia na America Latina**. Rio de Janeiro, Letra Capital, 2013.
- FÁTIMA. Entrevista pessoal ao autor. Rio de Janeiro, 2015. 1 arquivo .wav (3 horas). A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.
- FACEBOOK. Anonymous Rio. Disponível em: <<https://www.facebook.com/anonymousrio?fref=ts>> Acesso em 17/09/2014.



- GERMANO, Marcelo Gomes. **Somente um protesto**. In: SOUSA, Cidoval Morais de. Jornadas de junho: repercussões e leituras. Campina Grande: EDUEPB, 2013. P.92 – 97.
- GREGORI, Lúcio. Mobilidade e tarifa zero. In: BORBA, Maria. **Brasil em movimento**: reflexões a partir dos protestos de junho. Rio de Janeiro: Rocco, 2014. P.99 -106.
- HARAWAY, Donna. **Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature**. New York: Taylor & Francis Group 1991.
- HARVEY, David. **Spaces of Global Capitalism: Towards a Theory of Uneven Geographical Development**. New York: Verso, 2006.
- JUDENSNAIDER, Elena. **Vinte Centavos**: A luta contra o aumento. São Paulo: Veneta, 2013.
- JÚLIA. Entrevista pessoal ao autor através de mensagens trocadas em grupos de Telegram. Rio de Janeiro, 2015.
- LAW, John. **The Materials of STS**. Universidade de Lancaster, Reino Unido, 2008. Disponível em: <http://www.heterogeneities.net/publications/Law2008OnSociologyAndSTS.pdf> Acesso em: 19/12/2015
- LATOURETTE, Bruno. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: UNESP, 1997
- \_\_\_\_\_, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- \_\_\_\_\_, Bruno. **Reagregando o Social**: uma introdução à teoria Ator-Rede. Bahia: EDUFBA, 2012.
- MACHADO, Murilo Bansi. **Anonymous Brasil**: Poder e resistência na sociedade de controle. Salvador: EDUFBA, 2013.
- MALINI, Fábio. ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- MORAES, Dênis de. **Comunicação virtual e cidadania**: movimentos sociais e políticos na Internet. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação Vol XXIII, nº2, jul./dez. de 2000. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/16072-16073-1-PB.pdf>. Acesso em 24/10/2015.
- MOREIRA, Orlandil de Lima. SANTIAGO, Idalina Maria Freitas Lima. Vem prá rua: os protestos de junho. In: SOUSA, Cidoval Morais de. **Jornadas de junho**: repercussões e leituras. Campina Grande: EDUEPB, 2013. P.13 – 21.
- NETO, Otacílio Gomes da Silva. **Brasil, 2013**: reflexões e metáforas. In: SOUSA, Cidoval Morais de. **Jornadas de junho**: repercussões e leituras. Campina Grande: EDUEPB, 2013. P.22– 27.
- OLIVEIRA, Juracy. SILVA, Sergiano. **Livestreaming as jornadas de julho**: sobre o gesto de filmar ou a memória digital. Rev. Cambiassu, São Luís, v.15, n.16, janeiro/junho 2015. Disponível em: [http://www.cambiassu.ufma.br/cambi\\_2015.1/jornadas.pdf](http://www.cambiassu.ufma.br/cambi_2015.1/jornadas.pdf). Acesso em 10/02/2016
- OLSON, Parmy. **Nós somos Anonymous**: Por dentro do mundo dos hackers: Lulzsec, Anonymous, e o poder revolucionário do ativismo na Internet. Tradução Henrique Guerra. Barueri, SP: Novo século Editora, 2014.
- PEDRO. Entrevista pessoal ao autor através de mensagens trocadas em grupos de Telegram. Rio de Janeiro, 2015.

- PEREIRA, Benedito Fernando. **Vem pra rua: o político e a política em rede.** Universidade do Vale do Sapucaí, 2014, Vol 7 – Nº2 Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre>. Acesso em 27/02/2016
- PIRES, Guilherme Moreira. **A palavra do poder que engole o poder das palavras.** In: CEI, Vitor. Brasil em crise: o legado das jornadas de junho. Vila Velha, Espírito Santo: Praia Editora, 2015. p. 63-75.
- RESENDE, Paulo Edgar da Rocha. **A tática black bloc e a liberação anárquica do dissenso.** In: CEI, Vitor. Brasil em crise: o legado das jornadas de junho. Vila Velha, Espírito Santo: Praia Editora, 2015. p. 107-135.
- REYS, João Paulo. Um panorama dos dias quentes de junho de 2013 e além, 8/2014. In: BORBA, Maria. **Brasil em movimento: reflexões a partir dos protestos de junho.** Rio de Janeiro: Rocco, 2014. P.33-50.
- WEBER, Max. **Economia e sociedade.** Brasília: Editora da UNB, 2009.
- SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SOUSA, Cidoval Moraes de. **Jornadas de junho: repercussões e leituras.** Campina Grande: EDUEPB, 2013. Disponível em: <http://www.uepb.edu.br/download/ebooks/Jornadas%20de%20Junho%20-%20Repercuss%C3%B5es%20e%20Leituras.pdf>. Acesso em 20/01/2016
- TIAGO, Neves da Rocha. Entrevista pessoal ao autor. Rio de Janeiro, 2015. 1 arquivo .wav (3 horas). A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.
- TORINELLI, Michele Caroline. **A máscara e a multidão: enquadramentos dos Anonymous nas manifestações de Junho de 2013 no Brasil.** Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/38194/R%20-%20D%20-%20MICHELE%20CAROLINE%20TORINELLI.pdf?sequence=3&isAllowed=y> Acesso em 30/12/2015.